

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Nelson de Oliveira Azevedo

Título: Proposta para um Tratamento das Relações de Equivalência na Microestrutura do
Dicionário Bilingüe Português-Inglês para o Tradutor Brasileiro

Porto Alegre
Junho de 2007

Nelson de Oliveira Azevedo

Proposta para um Tratamento das Relações de Equivalência na Microestrutura do Dicionário
Bilíngüe Português-Inglês para o Tradutor Brasileiro

Dissertação Para o Programa de Pós Graduação em
Letras da UFRGS, área de Teorias do Texto e do
Discurso, Linha de Pesquisa Lexicologia,
Terminologia: Relações Textuais, visando à
obtenção do título de mestre em Estudos da
Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Félix Bugueño Miranda

Porto Alegre
2007

Agradecimentos

Agradeço em especial ao Professor Félix Valentin Bugueño Miranda pela sua inestimável contribuição ao meu crescimento acadêmico e pessoal, pelo seu infatigável brio, pela sua dedicação incondicional e pela sua honestidade intelectual. Também agradeço aos demais professores que fizeram parte desta caminhada: Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua, prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto, Prof. Dra. Maria da Graça Krieger e Profa. Dra. Anna Maria Becker Maciel.

À minha esposa Susana da Rosa Rodrigues
Pelo apoio e compreensão

*There is no master key to the inner life of a people,
but language unlocks a vast treasure house.*
Edgar Lee Hewett.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo o tratamento de problemas de equivalência dos verbos na microestrutura do dicionário bilíngüe orientado a um usuário específico, o tradutor brasileiro, e também a um propósito específico, a produção na segunda língua. Assim, realizaremos uma revisão de conceitos básicos da área da tradução, da semântica e da lexicografia, procurando estabelecer relações de interdependência entre estas disciplinas que possam orientar esta tarefa. Primeiramente exploraremos aspectos do fenômeno da tradução para nos acercarmos do perfil do tradutor. Posteriormente, procuraremos chamar a atenção para um conceito referente ao contraste das línguas, chamado de “anisomorfismo”, que subjaz à tradução e que pressupõe que cada língua é, em certa medida, única. A adoção deste conceito implica, entre outros aspectos, que é praticamente impossível estabelecer relações lexicais perfeitamente equivalentes entre as línguas.

Além da confrontação dos vários aspectos teóricos entre si, realizaremos a análise de um conjunto de amostras, estabelecendo relações entre a teoria e a prática lexicográfica, especialmente sobre o modo que as equivalências lexicais são tratadas no dicionário bilíngüe. A partir das conclusões estabelecidas neste ponto, proporemos o tratamento de dois problemas específicos que consideramos essenciais para as relações de equivalência da classe dos verbos procurando beneficiar a tradução ativa para o usuário brasileiro, o tradutor: a marcação de valência dos equivalentes e a distinção semântica dos seus subconjuntos.

Palavras-chave- anisomorfismo, microestrutura, direcionalidade, função, perfil de usuário.

Abstract

This Paper aims at the treatment of equivalence problems of verbs in the microstructure of a bilingual dictionary designed to a specific user, the Brazilian translator and to a specific purpose, the production in the second language. Thus, we will carry out a revision of basic translational, semantic and lexicographical concepts, seeking to establish relations of interdependence among these disciplines, which might guide us in this task. Firstly, we will explore the aspects of the translation phenomenon in order to approach the translator's profile. Later, we will focus on a concept related to the contrast of languages called "anisomorphism", which underlies translation and presupposes that every language is, to a certain extent, unique. The adoption of this concept implies that, among other aspects, it is practically impossible to establish perfectly equivalent lexical relations among languages.

Besides the confrontation of several theoretical aspects in themselves, we will carry out the analysis of a set of samples to establish relations between the lexicographical theory and practice, especially considering the way the lexical equivalences are treated in the bilingual dictionary. From the conclusions drawn at this point, we will propose the treatment of two specific problems we consider essential for the equivalence relations of the class of verbs in order to benefit the active translation for the Brazilian dictionary user, the translator: the valency labeling of equivalents and the semantic distinction of their subsets.

Key words- anisomorphism, microstructure, directionality, function, user's profile.

Lista de Abreviaturas e Expressões Estrangeiras

L1= Língua um

L2= Língua dois

cf. = confira

etc. = et cetera (e outros; e demais coisas.)

ibid. = ibidem (aí mesmo, no mesmo lugar -capítulo ou página.)

i.e.= id est (ou seja.)

p. = página

sc. = scilicet (vale dizer, isto é.)

sic (assim; precisamente como o texto apresenta.)

s.p. = sem página

s.v. = sub voce (sob o lema.)

Sumário

Introdução	11
Hipóteses de Trabalho	14
Objetivos	15
1. Aspectos da Tradução	16
1.1 Tradução como Processo comunicativo	17
1.2 Fidelidade na Tradução	24
1.3. Neutralidade do Tradutor	26
1.4 Competências Lingüísticas	28
1.5 Direcionalidade da Tradução	29
2. O Anisomorfismo Lingüístico	32
2.1. Os Graus de Equivalência	35
3. Distinções Semânticas para a Tradução	38
3.1 Aspectos Gerais do Conteúdo das Palavras	38
3.1.1. Semântica e Pragmática	38
3.2. Semântica Lexical	41
3.3. Níveis do Conteúdo	43
3.3.1. Noções sobre a Análise Semântica Lexical	46
3.3.1.1. Comutação	47
3.4 Comentários Finais	50
4. Lexicografia Bilíngüe – Conceitos Básicos	51
4.1. Preâmbulo	51

4.2. Número de Línguas	52
4.3. Aspecto Usuário	54
4.4. Direcionalidade	57
4.5. Função	61
4.6. Parâmetros Organizacionais Gerais do Dicionário Bilíngüe	65
4.6.1. Microestrutura	65
4.6.1.1. Elementos Constituintes e Aspectos Organizacionais da Microestrutura	66
4.6.1.1.1. Os Equivalentes	67
4.6.1.1.2. Classe Gramatical	69
4.6.1.1.3. Diferenças de Classes Gramaticais para os Equivalentes	73
4.6.1.1.4. Valência	74
4.6.1.1.5. Microestrutura Abstrata e Microestrutura Concreta	76
4.6.1.1.6. A Ordem dos Equivalentes na Microestrutura	79
5. Análise de Amostras: Problemas Práticos	84
5.1 Critérios para Seleção do Corpus de Análise	84
5.2 Levantamento de Disponibilidade de Amostras	88
5.3 Análise Preliminar – A Tendência de Reedições e as Relações de Equivalência Inconsistentes	90
5.4 A Falta de Atualização do Material Lingüístico	101
5.5. Pertinência e Acessibilidade dos Equivalentes	106
5.5.1. Síntese do Problema da Pertinência e da Acessibilidade dos Equivalentes	113
6. Proposta de Tratamento de Equivalências para o Dicionário Bilíngüe Ativo	118
6.1 Reconhecimento do Usuário Específico e da Função do Dicionário	118

6.2. A Divisão de Subconjuntos de Equivalentes	119
6.2.1. Hiperônimos como Distinguidores de Subconjuntos de Equivalentes	120
6.2.2. Informações Sintáticas – A Valência dos Equivalentes	124
6.2.3. Os Problemas Anisomórficos da Sintaxe dos verbos	125
6.2.3.1. Phrasal Verbs Intransitivos	127
6.2.3.2. Phrasal Verbs Transitivos	128
6.2.3.3. Verbos Preposicionados	128
6.2.3.4. Verbos Bitransitivos	129
6.2.3.5. Verbos Pronominais	130
6.2.3.6 Perífrase verbal	132
6.3. Modelo Abstrato e Modelo Concreto	135
Conclusão	143
Referências Bibliográficas	146
Apêndice - Os Padrões Sintáticos Básicos da Língua Inglesa	151
Anexos I -Lista de Dicionários da página da Internet -	161
Anexos II – Verbetes do Corpus de Análise	167

Introdução

Para o mundo contemporâneo em que a comunicação entre os povos atende a uma necessidade de expansão comercial e cultural vertiginosa, a tradução, como não poderia deixar de ser, ocupa uma posição de destaque. Entre os muitos recursos modernos que têm sido desenvolvidos para auxiliá-la, inclusive tradutores eletrônicos, cujos benefícios ainda são relativamente limitados, o dicionário bilíngüe continua a ocupar um papel privilegiado enquanto material de referência para esta tarefa, embora acreditemos que eles apresentem certos aspectos de desatualização para os quais podemos oferecer alternativas de melhoria.

No intuito de oferecer um tratamento adequado das equivalências lexicais, nos interessa saber como a elaboração do dicionário bilíngüe tem sido influenciada pelo quadro geral de avanço teórico e tecnológico de forma a atender às demandas intensas e especializadas da tradução. O próprio surgimento dos dicionários eletrônicos seria um fenômeno digno de avaliação, especialmente sobre como eles se diferenciam do dicionário de papel e que vantagens reais eles podem oferecer em relação ao último. Mas como, de fato, a maioria dos dicionários ainda não dispõe de versões eletrônicas no Brasil e as versões eletrônicas existentes apresentam, em geral, o mesmo conteúdo da versão em papel, nossa análise priorizará os dicionários tradicionais. Os dicionários bilíngües em versão eletrônica são utilizados em nosso trabalho para ilustrar alguns conceitos da lexicografia, mas não como corpus de análise.

Podemos mencionar, de uma forma geral, que a discussão acadêmica sobre a tradução não foi acompanhada de uma discussão teórica sobre a lexicografia, pois só recentemente, por exemplo, esta última começou a fazer parte dos currículos dos cursos de letras. Uma vez que a lexicografia encontra-se pouco arraigada mesmo na área acadêmica, só resta esperar que as editoras unam a tradução e a lexicografia de uma forma empírica, baseada na própria visão de seus organizadores sobre o que seja uma tradução e sobre como uma relação de equivalência lexical deva ser representada. É fato que, ao longo da história, a teoria da tradução procurou correr paralelamente à prática da tradução tentando explicá-la, mas também chegando, por vezes, a defini-la como uma tarefa inferior. Se também na lexicografia, teoria e prática nem sempre se encontram, sendo a prática, portanto, relativamente independente da teoria, por outro lado, a possibilidade de resolução certos problemas de ordem prática só pode vir pela via da análise e das considerações teóricas pertinentes. Assim, acreditamos ser preciso

encontrar meios de promover a integração entre a tradução e a lexicografia para podermos, enfim, criar um projeto de dicionário mais consistente.

Existe um certo desprestígio dos dicionários bilíngües, que é visto, por exemplo, na predileção de uma parte dos profissionais da tradução pelos dicionários monolíngües, seguramente pelo seu tratamento mais completo de problemas semânticos e sintáticos adequado às exigências de sua atividade. Considerando as diferenças essenciais entre dicionários mono e bilíngües, é evidente que os dicionários monolíngües apresentam uma riqueza informativa incomparável, porém, julgamos como indevido o desmerecimento da obra lexicográfica bilíngüe *per se*, pois ela deveria cumprir com um papel essencial e diferenciado do dicionário monolíngüe na sistematização e oferecimento de equivalências lexicais, sem as quais a tarefa da produção em L2 baseada na tradução torna-se enormemente dificultada. Logo, seria importante que, para desempenhar o papel que lhes cumpre, os dicionários bilíngües recebessem a devida atenção no seu planejamento e execução.

Assumindo a situação de relativa insuficiência das obras lexicográficas bilíngües como apoio à tradução, especialmente considerando a produção em L2, cabe investigar mais a fundo os principais dicionários bilíngües português-ínglês disponíveis no mercado brasileiro para, primeiramente, entender o quanto eles têm em comum, em seguida, esclarecendo porque não respondem à tradução e, por fim, derivando alternativas para promover alguma melhoria.

Assim começa este trabalho, com uma inquietação sobre o real estado dos dicionários bilíngües editados no Brasil e sobre como eles respondem a possíveis necessidades da tradução, o que implica uma discussão sobre como definir, por exemplo, perfis de usuário e objetivos do dicionário, conceitos consagrados na lexicografia internacional.

Considerando os níveis de análise sob os quais um dicionário pode ser estudado e os problemas específicos que desejamos tratar, centralmente sobre a questão do usuário, do propósito e a forma de representação das relações de equivalência lexical, devemos restringir nosso estudo a um único nível de análise que aborda estas questões, a chamada microestrutura, também especificando uma única classe de palavra a ser tratada como objeto de estudo, o verbo, pelas limitações inerentes ao formato do trabalho.

Pretendemos, assim, revisar os conceitos fundamentais da tradução e da lexicografia para estabelecer possíveis inter-relações e, conseqüentemente, tratar das questões complexas apontadas, especialmente levando em conta os poucos estudos antecedentes que procuraram relacionar aspectos similares.

Inicialmente trataremos de expor aspectos básicos da tradução que possam nos aproximar de um entendimento sobre o seu agente, o tradutor, conjuntamente procurando

explorar os fenômenos lingüísticos subjacentes à tradução, em termos de conceitos semânticos e propriedades gerais das línguas enquanto sistemas únicos, mas aproximáveis.

Na seqüência, caracterizaremos conceitos da área lexicográfica para entendermos onde se localiza, dentro da maciça tarefa de planejamento da obra lexicográfica, nossa análise pontual, estabelecendo, sempre que possível, relações com os conceitos da tradução e outros tratados no trabalho, utilizando também exemplos práticos destes conceitos. Na etapa de análise prática dos dicionários, procuraremos traçar relações entre os conceitos adotados como referência e o plano geral da organização destas obras a partir de amostras. Desejamos com isso não só avaliar a sua pertinência como também o seu grau de atualização técnica e lingüística.

Por fim, elaboraremos um modelo para o tratamento de problemas de equivalência baseado nas nossas discussões, tentando aproveitar, na medida do possível, os recursos estabelecidos pela própria tradição lexicográfica, sugerindo algumas alterações para que o segmento da microestrutura do dicionário bilíngüe de nossa proposta se torne mais próximo das necessidades do usuário que definimos como central, o tradutor brasileiro.

Hipóteses de Trabalho

Dada a condição de uma observável preterição dos dicionários bilíngües português-inglês, somos levados a pensar em certas hipóteses para explicar esta situação com relação à atividade lexicográfica no Brasil, a saber:

- a) desconhecem-se conceitos teóricos essenciais da lexicografia contemporânea, por exemplo, aqueles que consideram o pré-estabelecimento de um perfil de usuário cujas propriedades devem resultar principalmente na seleção de itens informativos a serem inseridos na microestrutura do dicionário, identificando propriedades das línguas que as caracterizam como sistemas únicos e que implicam a impossibilidade da tradução literal;
- b) reconhece-se a existência de certos conceitos, como os mencionados em *a*, mas não se tem uma clara dimensão de seu alcance, o que, na prática, acaba significando a realização de produtos lexicográficos supostamente orientados por tais conceitos quando seus critérios são, de fato, desconhecidos e freqüentemente confusos;
- c) reconhece-se a existência de certos conceitos, mas deliberadamente resolve-se ignorá-los. Por razões variadas, prefere-se abrir mão de projeto de base para a obra lexicográfica, buscando-se, ao mesmo tempo, atingir o maior público possível, todos aspectos contrários a uma condição ideal segundo a lexicografia contemporânea;

Supomos que a aceitabilidade dos dicionários está ligada à equação dos dois tipos de problemas implicados nas hipóteses: da negligência teórica e da negligência prática. Nosso papel é promover principalmente os aspectos teóricos, sempre, é claro, com uma perspectiva das conseqüências práticas de certas escolhas. Temos de reconhecer que a escolha do perfil de usuário e a consideração do anisomorfismo das línguas (característica de cada língua ser vista como um sistema único), implicam a adoção de procedimentos ainda por serem definidos e que devem ser aspectos centrais em nosso trabalho.

Objetivos

Considerando as três hipóteses de trabalho que tratam da negligência ou preterição dos princípios teóricos lexicográficos, é preciso justamente trazer estes conceitos teóricos à tona procurando concatená-los a uma prática lexicográfica mais cuidadosa. Os problemas que supomos enfrentar são variados, mas eles estão relacionados, segundo nossas hipóteses, principalmente à ausência de:

- a) formas de se avaliar e definir um perfil de usuário;
- b) formas de vincular suas necessidades ao tratamento das equivalências lexicais na microestrutura do dicionário bilíngüe.

Assim temos como objetivo:

- a) Expor princípios lingüísticos básicos por trás do processo de tradução para entender melhor como se realiza e que papel cumpre o seu agente, o tradutor, para, a partir daí, estabelecer possíveis relações com o dicionário bilíngüe;
- b) Salientar a importância do princípio do anisomorfismo lingüístico (tendência de cada sistema de língua em possuir características não totalmente compartilhadas ou compartilháveis com outras línguas), subjacente tanto ao procedimento de tradução quanto às equivalências lexicográficas;
- c) Demonstrar inconsistências metodológicas da elaboração dos dicionários bilíngües atuais através da análise de amostras, relacionando-as aos aspectos teóricos traçados na etapa inicial do trabalho;
- d) Sugerir o tratamento de problemas específicos para a relação de equivalência dentro do dicionário bilíngüe relativo à classe dos verbos a partir da escolha de um perfil de usuário, ao qual subjaz os critérios da direcionalidade e da função do dicionário;

1. Aspectos da Tradução

Como noção preliminar, a tradução pode ser tanto o processo de transferência realizado pelo tradutor, quanto o produto desta ação, ou seja, o texto em si, conforme o expõe Yebra (1984, p.29). Para efeitos deste trabalho, procuraremos discutir as várias questões que envolvem a tradução enquanto um processo complexo, como se vê, por exemplo em Bassnett (2005, p.35) e não apenas um produto. Desejamos vincular estas distinções ao tipo de tarefa distinta para o qual o dicionário deveria ser projetado, o que significa dizer que a finalidade para a qual uma obra lexicográfica se destina deveria pressupor também a noção de um perfil de usuário diferente em cada caso. A complexidade do procedimento de tradução, que deve influenciar a coleção, o registro e, principalmente, a organização do material lexical de duas línguas em contraste, é devido a vários fatores que desejamos descrever a seguir. Os aspectos que destacamos como mais relevantes para o entendimento do processo de tradução são (de acordo com os tópicos que serão desenvolvidos na seqüência):

1.1 Tradução como processo comunicativo, em que a idéia da língua como nomenclatura e a tradução como mera substituição de significantes deve ser deixada de lado;

1.2 A fidelidade da tradução, relativa ao compromisso de reconstrução do texto pelo tradutor baseado em um nível de significação mais amplo, extrapolando o sistema da língua- o componente extralingüístico (pragmática) da tradução;

1.3 A neutralidade do tradutor, cuja desmistificação advém do fato de que o tradutor é um sujeito participante ativo de um ato comunicativo, a própria tradução que realiza;

1.4 As competências lingüísticas diferenciadas entre a língua materna e a língua estrangeira, conceitos presentes na área da tradução, que indicam que o grau de conhecimento do tradutor é freqüentemente situado em uma escala diferente do conhecimento de sua própria língua. Em vez de uma subestimação do conhecimento do tradutor para as línguas estrangeiras, tal abordagem deve ser entendida como uma distinção crucial da formação e do grau de contato com a língua estrangeira do tradutor em relação ao conhecimento e a prática do uso da língua de um falante nativo leigo;

1.5 Por último, a direcionalidade da tradução, que não é apenas um conceito que depende de qual língua para qual língua se realiza a tradução, mas sobretudo sobre qual das línguas é a língua materna e qual é a língua estrangeira para quem realiza a tradução. Esta distinção subentende um ponto conceitual essencial para a relação da tradução com a lexicografia bilíngüe orientada a um usuário mais específico: a competência lingüística do tradutor, que também tratamos neste item;

Passemos, então, à consideração destes aspectos apontados.

1.1. Tradução como Processo Comunicativo

Em termos gerais, a tradução é um processo referente a uma interação comunicativa entre indivíduos que falam línguas diferentes através da mediação de um terceiro indivíduo que manipula estes dois sistemas lingüísticos e torna a comunicação destes interlocutores mutuamente inteligível, como se vê, por exemplo em Tatilon (2003, p.112):

Eu me coloco ao lado dos tradutólogos que, em sua prática, concebem a tradução, incluindo a dos textos literários e até mesmo os poéticos, como um ato de comunicação alternada em que a aposta é de transmitir, o mais fielmente, a informação pertinente do texto de partida sem alterar a orientação pragmática deste¹. [tradução nossa]

Sendo realizada há séculos (Campos, 1986, p.16), a tradução esteve em grande parte acompanhada de uma discussão teórica que procurava ora explicá-la, ora formular regras para a sua realização, como se vê em Bassnett (2005, p.63), com relatos que remontam à época das conquistas romanas. Contudo, ela torna-se objeto de discussões teóricas mais rigorosas a partir do último século, não por coincidência do estabelecimento de um processo amplo de interação econômica e cultural, chamado de globalização, e do surgimento da discussão mais aprofundada em torno do estabelecimento de uma ciência lingüística.

Resulta desta discussão, uma tendência crescente em considerar a tradução como uma tarefa comunicativa complexa, superando a visão antecedente sobre a tradução, atribuída à

¹ [Je me range du côté des traductologues qui, dans leur pratique, conçoivent la traduction – y compris celle des texts littéraires, voire poétiques – comme un acte de communication relayé don't l'enjeu est de transmettre, le plus fidèlement possible, l'information pertinent du texte de départ sans altérer la orientation pragmatique de celui-ci.]

visão vitoriana por Bassnett (2005, p. 93), cuja ênfase era a valorização do original (forma e conteúdo), o que corresponderia a uma ênfase na literariedade do processo de tradução. A transposição palavra-por-palavra, que era considerada, então, uma forma ideal de tradução (Barbosa, 1990, p. 65), passa a ser englobada, em vez de substituída, por um processo mais abrangente, neste caso, o comunicativo. A não rejeição total da tradução literal se justifica, porque a chamada “tradução literal”, como definida por Newmark (1981, p.63) em que “os sentidos das palavras lexicais do original são traduzidos como se estivessem fora de contexto, mas as estruturas sintáticas da língua alvo são respeitadas”², pode ser praticamente obrigatória, quando existe, de fato, a analogia entre as estruturas sintáticas e distribuição lexical ampla entre frases de duas línguas. Como exemplo, vejamos as seguintes situações lingüísticas:

“She speaks English very well. Her father insisted she studied hard in her childhood”

Frase da língua inglesa que poderia ter a seguinte tradução em português:

“Ela fala inglês muito bem. Seu pai insistia que ela estudasse arduamente na sua infância”.

Observa-se que a tradução em português mantém praticamente todos os equivalentes de cada item lexical constituinte da frase original em inglês, formando uma frase traduzida analogamente (praticamente palavra-por-palavra), à exceção da conjunção “que”, obrigatória na frase em português e ausente na tradução em inglês. A inserção deste item lexical na frase em português dá a exata noção de que a tradução literal é apenas um procedimento ocasionalmente viável em partes do texto dentro do processo global de tradução. Normalmente, à medida que a reescrita de um texto vai ganhando corpo através da tradução, mais vai se tornando necessária a intervenção do tradutor para compensar as diferenças entre as línguas. Além disso, não há como estabelecer antecipadamente quais partes do texto poderão ser traduzidas literalmente e quais não poderão. No exemplo dado acima, o aspecto diferencial entre as duas línguas é que enquanto o subjuntivo do português (*estudasse*) apresenta uma forma própria que o distingue das demais formas verbais na língua portuguesa, na língua inglesa a forma subjuntiva é a mesma do passado simples (“past simple”).

Os significantes da língua (grosso modo, as palavras organizadas em frases, parágrafos ou textos) são inegavelmente a via de acesso ao conteúdo informativo que um interlocutor qualquer queira veicular, mas há, na atualidade, uma forte tendência a demonstrar

² [The primary senses of the lexical words of the original are translated as though out of context, but the syntactic structures of the target language are respected.]

a tradução como a transferência primordialmente de significados da língua de origem à língua de recepção (Larson, 1989, p.3), ou ainda como “re-textualização” (Costa, 2005, p.32), pelo qual se procura afirmar o esforço de recriação do tradutor visando a um público diferente e a um contexto diferente daquele previsto originalmente pelo autor do original. Estas abordagens relativizam a importância da forma dos itens lexicais em isolamento. De fato, muitas definições de tradução enfatizam este caráter:

A tradução é uma arte que consiste na tentativa de repor uma mensagem escrita e/ou uma declaração em uma língua pela mesma mensagem em outra língua. Cada exercício envolve algum tipo de perda de significado, devido a certos fatores. Ela provoca uma certa tensão, uma dialética, um confronto baseado nos argumentos de cada língua. A perda básica está em um continuum entre a supertradução (detalhamento aumentado) e a subtradução (generalização aumentada)” (Newmark, 1981, p.7)³. [tradução nossa]

Assim, o conceito mais contemporâneo sobre tradução enquanto “transferência de significado” (Bassnett, 2005, p.35), implica o aspecto comunicativo da tradução enfatizado por Jakobson (1970, p.65):

Ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.

Vai se firmando, portanto, a consideração do ato tradutório como um fato de interpretação da mensagem inicial (emitida por um interlocutor 1 para a posterior reformulação (pelo tradutor) em termos de uma linguagem que nosso interlocutor final possa apreender sentido). A perspectiva comunicativa da tradução também é apoiada por Ronái (1987, p.16), que diz:

³ [Translation is a craft consisting in the attempt to replace a written message and/or statement in one language. Each exercise involves some kind of loss of meaning, due to a number of factors. It provokes a continuous tension, a dialectic, an argument based on the claims of each language. The basic loss is on a continuum between overtranslation (increased detail) and undertranslation (increased generalization).]

A tradução é a reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida. Estamos traduzindo também quando, através das fórmulas usadas por nosso interlocutor em obediência a convenções sociais, tentamos descobrir o seu pensamento verdadeiro (...) as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto (...) entendido assim, o papel do tradutor torna-se singularmente mais importante; perde o que tinha (ou teria) de mecânico e se transforma numa atividade seletiva e reflexiva.

É preciso, todavia, tecer algumas considerações sobre o exposto acima. Ao referir-se aos teóricos Rónai (1987) e Theodor (1983), Mittmann (2003, p.19) classifica-os como teóricos da “perspectiva tradicional”, detectando como sua deficiência o fato de que, de modo geral, estes autores tratavam a tradução como uma tentativa de transposição de um conteúdo estático, portanto, eliminando qualquer possibilidade de intervenção criativa do tradutor, o que seria contrário à visão da autora, que entende a tradução como “um processo de relação de sentidos e de produção de discursos, que surge a partir de condições sócio-históricas de produção” (Mittmann, 2003, p.103). Ainda que possamos concordar com a autora em relação ao fato de que a teoria de tradução destes autores não expunha toda a complexidade do processo de tradução, nos parece imprópria a sua observação de que eles sustentavam a subserviência do tradutor ao texto original. Na seguinte citação de Mittmann (2003, p.79), vê-se: “Theodor (1983, p.116) diz que o tradutor nada tem a dizer de seu, só pode repetir as idéias do autor”. Uma citação que é parcial e que desvirtua toda a discussão que o autor promove, que é, diga-se de passagem, muito mais complexa. De fato, se seguirmos a leitura de Theodor (1983, p.116), nos depararemos com a seguinte reflexão que prova nosso ponto:

“De qualquer maneira, porém, torna-se o texto a traduzir objeto de reflexão do tradutor, o que significa que ele não pode contar com uma inspiração oferecida por idéias ou fatos, mas com a concepção lingüística que esses fatos e idéias encontram em outro idioma. Seu próprio olhar incide sempre sobre o objeto tratado pelo autor, que- conforme ficou demonstrado atrás- o analisou devidamente, assim como sobre sua formulação expressiva. Portanto, ao redigir o seu trabalho, deve avaliar não apenas a forma em que o original apresenta as reflexões de seu autor, mas a também as reflexões em si. É por isso que Jacob Burckhardt, um tradutor

genial, declarou que “qualquer versão transforma o original em obra nova””.

Podemos dizer que há, como se pode constatar ao longo da discussão que os autores citados (Rónai (1987) e Theodor (1983)) apresentam, uma grande preocupação em capturar o original e procurar retransmiti-lo, o que não implica, naturalmente, sempre atingir esta meta. “capturar o original” deve, neste caso, ser entendido como um ideal de tradução, e não a postulação de uma lei dura. Assim, o defeito na teorização destes autores seria, talvez, sua incompletude, pela qual não se alcança toda a complexidade do fenômeno que efetivamente ocorre na tradução, o que é muito diferente de se afirmar que os autores postulam o apagamento do tradutor. De fato, parece fazer parte da consciência destes teóricos/tradutores que perdas e ganhos são naturais no texto da tradução. O que uma perspectiva discursiva, como proposta por Mittmann (2003), pode ajudar a fazer é reforçar a idéia de que as perdas e ganhos são aspectos naturais da tradução, de modo algum lamentáveis. Contudo, apesar de suas importantes contribuições para o entendimento de que o tradutor é participante ativo de um processo global de construção de significado, a perspectiva discursiva não contribui com um modelo em que se possa distinguir as diferentes etapas das “condições de produção” com a concorrência de “sentidos, interpretações e equívocos” (Mittmann, 2003, p. 105).

Poderíamos nos arriscar a dizer, baseados nos relatos sobre o papel do tradutor de Van Hoof (1994), Deslile, Woodsworth (1998, p.113) e Bassnett (2005, p.63) que, ao longo da discussão teórica sobre a tradução, duas questões sempre estiveram presentes, sendo uma a contrapartida da outra: junto à necessidade de se afirmar a importância e a autonomia do texto original e das idéias do seu autor, aparecia a necessidade de se afirmar a impossibilidade da transposição literal (devido às diferenças entre as línguas) e mesmo a impossibilidade da transposição de um “mesmo conteúdo”, já que no processo de tradução intervinham outros participantes e outros interlocutores. Portanto, que o tradutor tenha um papel decisivo e modificador não é, absolutamente, uma descoberta contemporânea, muito menos restrita ao campo da análise do discurso.

Considerado por Mittmann (2003, p.23) como pertencente a uma “perspectiva contestadora” das teorias tradicionais da tradução, Aubert (1994, p.12) também situa a tradução no viés comunicativo que vínhamos expondo, demonstrando através de um esquema do circuito comunicativo que toda tradução está sujeita aos mesmos fatores que qualquer outro tipo de relação comunicativa (com ênfase para as condições de recepção e produção). A tradução, enquanto fenômeno comunicativo, é, em sua demonstração, mais abrangente, pois

ela é motivada por uma necessidade ou por um conjunto de necessidades, advindas de outras tentativas de comunicação, para as quais ocorre um bloqueio parcial ou total na relação comunicativa Emissor (-) receptor, motivada especialmente pela diferença da língua usada por cada um dos interlocutores originais. A partir de sua consideração da tradução como ajuste para a superação de um bloqueio, propomos o seguinte esquema comparativo:

Ato comunicacional intralingual sem bloqueio:

Emissor 1 \Rightarrow Mensagem 1 \Rightarrow Receptor 1

(progressão bem sucedida e conseqüente realização do elo comunicacional)

Ato comunicacional interlingual com bloqueio

Emissor 1 \Rightarrow Mensagem 1(bloqueio) Receptor 1

(progressão interrompida e não realização do elo comunicacional)

Ato comunicacional interlingual mediado

Emissor 1 \Rightarrow Mensagem 1 \Rightarrow tradutor \Rightarrow Mensagem 2 \Rightarrow Receptor 1

Ou, de outra forma demonstrado:

Emissor 1 \Rightarrow Mensagem 1 \Rightarrow Receptor 1 (tradutor)/ Emissor 2 \Rightarrow Mensagem 2 \Rightarrow Receptor 2

Trata-se, portanto, da tradução como uma segunda relação comunicativa, que substitui à primeira ou, então, de uma relação comunicativa mais ampla, como uma forma de complementação ou extensão do ato comunicacional inicial.

É preciso reconhecer, por outro lado, que a complexidade da tradução enquanto um ato novo e inovador, dependente direto de fatores como a competência lingüística do tradutor e de fatores extralingüísticos, como o grau de relação pessoal entre os interlocutores, não fica totalmente representada neste esquema, especialmente porque não ficam ilustrados os fatores extralingüísticos que contribuem para que a “mensagem 2” constitua efetivamente um elemento alterado e novo dentro do circuito. Acerca de um circuito comunicativo que demonstra em seu trabalho (e que é, em síntese, o mesmo visto acima), Bassnett (2005, p.60) comenta que:

Desmente-se o status secundário da tradução (e do tradutor), uma vez que a extensão do elemento pragmático da tradução é aceita e que a relação entre autor-tradutor-leitor é esboçada. Um diagrama da relação comunicativa no

processo de tradução mostra que o tradutor é tanto receptor quanto emissário, o fim e o início de duas cadeias de comunicação diversas, porém ligadas. (Bassnett, 2005, 60)

Haveríamos ainda de considerar uma crítica adicional para esta teoria do esquema comunicativo, que envolve a questão da equivalência: se o texto que se traduz, por uma questão da natureza das línguas (que não são totalmente equiparáveis) e também pela própria sucessão no processo comunicativo, já não pode mais ser o “mesmo” em relação ao que o autor do original produziu, a conclusão poderia ser que tradução é um procedimento tão vago que dificilmente se poderia identificar texto fonte e texto meta como vinculados. A este respeito Toury (2001, p.59) trata do papel da tradução em relação à cultura que o acolhe, explicitando uma noção sobre a “tradução presumida”. Ao mesmo que valoriza o texto traduzido enquanto obra autônoma, que se relaciona com o seu público destinatário de forma particular (e naturalmente diferente da relação que se estabelecia entre o original e seu público inicial), o mesmo não deixa de fazer alusão a uma outra obra que o antecedeu, o original: sob esta perspectiva, Toury (2001, 69) expressa a necessidade de se assumir uma série de postulados com relação ao procedimento da tradução, a saber:

- a) o postulado do texto-fonte;
- b) o postulado de transferência;
- c) o postulado de relação;

Esta perspectiva colabora para o equilíbrio de duas visões antagônicas sobre a tradução: para os que defendem praticamente uma total liberdade da reescritura da tradução (que na perspectiva discursiva é “um processo de relação de sentidos e de produção de discursos, que surge a partir de condições sócio-históricas de produção”- Mittmann (2003, 103) ela serve de âncora, alertando para o fato que existe um objeto gerador, o texto original, e para os que defendem a manutenção de um “original [que] é tido como propriedade, como um artefato de beleza a ser incluído em uma coleção, sem concessões ao gosto ou às expectativas da realidade contemporânea” (Bassnett, 2005, p. 93- fazendo alusão aos teóricos vitorianos), ele alerta para as condições de produção, para o meios e para o público que nunca são completa e perfeitamente equiparáveis, relativizando o conceito de equivalência.

A respeito do último comentário, considerando, como o afirma Toury (2001, p. 63), “que as culturas recorrem à tradução como uma das principais formas de preencher lacunas”, e mesmo considerando que um novo contexto (e língua) no qual aquele texto se reapresenta para um determinado público, é evidente que é impossível recuperar o valor estético e o

impacto no pensamento de uma época de uma determinada obra. Assim, o que temos é necessariamente uma transmutação com perdas e ganhos. Esta mesma visão encontra-se sintetizada em Bassnett (2005, p.58) que, em relação ao processo de tradução, afirma que devemos aceitar que:

- a) a experiência pessoal é única e intraduzível;
- b) unidades básicas nem sempre são comparáveis;
- c) a comunicação é possível;

Considerando o circuito comunicativo apresentado como a representação de uma relação complexa em que o tradutor é um participante ativo (interpretando o texto original a partir de sua própria visão e respondendo a um público interlocutor diferenciado), desejamos nos ocupar de alguns aspectos teóricos referentes exatamente à intervenção do tradutor, que passamos a tratar no item seguinte.

1.2. Fidelidade na Tradução

O problema da fidelidade da tradução é uma velha discussão no campo da tradução e que remonta à noção da língua-repertório (Mounin, 1975, p.31), pela qual a língua seria um repertório de palavras em que cada uma delas corresponde a um “objeto”, sendo a diferença entre as línguas apenas uma diferença de designação.

Esta noção de língua-repertório fornecia a constatação do “desvio” da tradução em relação ao texto original porque se observava com frequência que as traduções não mantinham correlações estritas entre os itens lexicais das duas línguas. Isto ajudou a disseminar o preconceito de que a tradução era uma atividade menor, estigmatizada no trocadilho *tradutori, tradittori* - “tradutor, traidor”. Outro famoso adágio preconceituoso contra a tradução é o que a tratava por *les belles infidèles* (“as belas infiéis”) (citada por Rónai, 1987, p.47), o qual exprimia a crença na impossibilidade de uma tradução ser bela (bem escrita) e fiel ao texto original. A tradução, portanto, em sua acepção original, remetia a uma atividade impessoal e transparente que, supostamente, deveria transmitir com objetividade os sentidos supostamente estáveis dos significantes da língua. De fato, diante desta expectativa, o tradutor manifestava-se frequentemente como traidor, dada a impossibilidade de se manter certos traços de equivalência entre o texto original e sua tradução, especialmente referentes a uma analogia da forma dos significantes da língua

diretamente observáveis. A constatação regular do desvio, era, portanto, a constatação praticamente infalível para a tradução. Mas esta visão sobre a necessidade de uma estrita equivalência entre os itens lexicais de duas línguas vai cedendo aos poucos, e a fidelidade da tradução começa a deixar de fazer sentido, ou pelo menos começa a adquirir um novo paradigma. A impossibilidade de uma equivalência estrita entre itens lexicais de duas línguas e, portanto, a relatividade do conceito de fidelidade da tradução, pode ser demonstrada através do seguinte exemplo:

Quando uma pessoa revela a uma outra pessoa conhecida sua (um amigo) algo que lhe aconteceu de bom, costumeiramente se diz na cultura da língua inglesa: “good for you” (literalmente: “bom para você”), que revela o modo de uma pessoa relativamente íntima expressar seu apreço pela sorte da outra pessoa. Se a referida frase fosse traduzida ao português literalmente: “bom para você”, esta analogia da forma das palavras, na verdade, estaria indicando o sentido contrário da fala original, pois em português, a frase “bom para você” tem o sentido de “isso não me importa”. Para ser “fiel” de uma outra maneira, não à forma, mas ao conteúdo, teríamos de traduzi-la, por exemplo, pela frase: “que bom”. Portanto, a fidelidade baseada em uma simetria da estrutura sintática e do léxico das frases de línguas diferentes (que são objeto de tradução) é duvidosa.

Se existe, de fato, algum parâmetro para a fidelidade do tradutor, possivelmente ele corresponda mais ao conteúdo do texto e às intenções dos interlocutores, interpretadas a partir do contexto comunicacional em que se insere a tradução, do que propriamente à equivalência lexical restrita.

Dado o contexto histórico em que surgiu a idéia da fidelidade do tradutor, ou seja, a partir de uma idéia da língua como nomenclatura, a maioria dos tradutores prefere não se considerar “fiel” para não se vincularem a um conceito reducionista de sua profissão e da atividade que desempenham. Mas se o texto original se faz presente para o tradutor e se o tradutor esforça-se em redimensioná-lo, comprova-se que a tarefa da tradução responde a este texto, pelo que se caracteriza um tipo de compromisso muito especial da tradução: a reconstituição do conteúdo de um texto no maior número possível das suas características originais (inclusive referente à natureza de seu léxico) as quais o tradutor, tão somente entende como tais enquanto participante de um ato comunicativo legítimo. Contrabalançando forma e conteúdo em uma língua, produz-se um referencial para a tradução, que buscará alcançar valores aproximados para a forma e o conteúdo da L2: assim, é pela união de forma e conteúdo que pode existir um parâmetro para chegarmos a cogitar a fidelidade do tradutor.

1.3. Neutralidade do tradutor

Um problema relevante diretamente relacionado ao problema da fidelidade visto acima é a questão da neutralidade, também conhecida como a “invisibilidade” do tradutor. Ao considerarmos o tradutor como participante ativo de um ato comunicativo complexo, ou seja, que intervém efetivamente na comunicação, e o próprio fenômeno da comunicação como exposto a diversos tipos de interferência (competência lingüística dos falantes etc.), então, não há onde se encontrar nenhuma neutralidade no processo de tradução. A propósito, um dos campos em que se manifesta mais evidentemente a intervenção criadora do tradutor é, segundo Theodor (1976, p.34), na literatura:

O trabalho do tradutor literário não vem a ser nem imitação e nem criação [sc. literária], dependendo sempre do texto original, da obra de arte primitiva (...) sob um ponto de vista, cabe ao tradutor um papel mais difícil do que o do próprio autor, que tem autonomia de criação, enquanto o tradutor realiza um trabalho crítico-interpretativo para fundamentar seu trabalho, que também tem que ser uma obra de arte, numa criação lingüística de âmbito previamente delimitado pela vontade do autor (Theodor, 1976, p.34).

Longe da idéia de servilismo, uma noção que devemos ter do ato tradutório é o de um fato de interpretação e posterior reformulação em termos de uma linguagem pela qual nosso interlocutor final possa apreender sentido, ainda que possa haver a possibilidade de alguma perda do material informativo, objetivado pelo interlocutor inicial. É por meio deste processo mais amplo de transferência que intermediamos, por exemplo, o conteúdo de uma mensagem dirigida aos adultos que eventualmente seja captada e não compreendida por uma criança (neste caso considerando a tradução como um fenômeno mais amplo de transferência). Ao mediar esta comunicação, não é apenas em termos do código lingüístico que ocorrem ajustes, é sobretudo em termos do conteúdo que se dá a adaptação principal. E nisto está a exclusão ou a inclusão do material que o mediador julga adequado, no caso, para que uma criança pudesse beneficiar-se desta interação.

Portanto, ao traduzir, há sempre um certo grau de mediação do conteúdo informativo ao conhecimento lingüístico e à capacidade intelectual de um novo interlocutor (em que considere, por exemplo, idade, grau de instrução etc). A mensagem na tradução não pode ser

exatamente a mesma em cada caso porque os interlocutores não são os mesmos e o tradutor, enquanto intermediador deste processo, também está sujeito às suas variáveis e aos seus ruídos⁴. A tradução interlingual (Rónai (1987, p.16), Aubert (1994, p.10) e Bassnett (2005, p.36)), que é a que realmente nos interessa e que põem em contraste duas línguas consideravelmente distintas em um processo comunicativo pré-orientado, exige do tradutor uma participação decisiva no estabelecimento das equivalências, sendo assim, sua neutralidade não é nem viável, nem exigível.

Mas isto não quer dizer que o tradutor deva se fazer presente no texto intencionalmente, a propósito do que sustenta Tatilon (2003, p.115):

Se pela denúncia do “apagamento do tradutor”, se entende que o tradutor deva se manifestar a todo custo em seu trabalho, que ele deve, por princípio, tornar visível o trabalho da “segunda mão”, minha opinião é que se professa uma estratégia errônea: estando ausente do texto de partida, o tradutor, com razão, não se encontra visível no texto de chegada. Presente, ele estará sempre, por força das circunstâncias, pois traduzir é, indiscutivelmente impor sua própria interpretação do modelo e substituir por sua própria escrita, em uma outra língua, aquela do autor⁵. [tradução nossa]

Podemos concluir, portanto, que se a neutralidade do tradutor é teoricamente impossível na medida em que sua escrita revela, em parte, sua própria forma de compreender o texto que traduz, por outro, uma conduta de imparcialidade também é desejável enquanto um meio de controlar as alterações que o tradutor pode vir a propor no texto traduzido em relação ao texto original, cuidando, especialmente, em que não haja excessos.

⁴ Segundo Dubois (2004, s.v. *ruído*), “na teoria da comunicação chama-se *ruído* toda a perda de informação conseqüente de perturbação do circuito comunicante”.

⁵ [Si par la dénonciation de l’ “effacement du traducteur”, on entend que le traducteur doive se manifester à tout prix dans son travail, qu’il doive – par principe – “rendre visible le travail de la “second main”, mon avis est alors qu’on professe une stratégie erronée: étant absent du texte de départ, le traducteur n’a pas à se trouver visible plus que de raison dans le texte d’arrivée. Présent, il le sera toujours assez par la force des choses car traduire, c’est indiscutablement imposer sa propre interprétation du modèle et substituer sa propre écriture, dans une autre langue, à celle de l’auteur.]

1.4. Competências Lingüísticas

Procurar reconhecer o tradutor enquanto um falante de L1 que possui uma capacidade mais restrita para expressar-se em L2 do que o próprio falante de L2 é uma questão delicada porque diz respeito à capacidade profissional do tradutor para desempenhar tarefas variadas, e ao mesmo tempo essencial, se desejamos tratar da tradução sob o ponto de vista de suas propriedades técnicas. Preocupados com a aquisição de uma competência tradutória multilíngüe, Fiola, Mascarenhas (2005, p.73) tentam estabelecer uma distinção entre a competência na língua materna e na língua estrangeira, começando pelo entendimento da noção de “domínio da língua”:

O domínio, no que diz respeito a uma língua, é atingido quando um indivíduo conhece suficientemente essa língua para que sua utilização, em uma situação dada, não cause nenhum obstáculo importante ao efeito desejado. Assim, o domínio de uma língua não seria um ideal absoluto a atingir, mas poderia situar-se, segundo os indivíduos e as necessidades, em algum lugar entre dois pólos, o primeiro sendo a impossibilidade total de compreender e ser compreendido e o outro sendo o nível absoluto da competência.” (Fiola, Mascarenhas, *ibid.*).

Apesar do conceito de “domínio da língua” apresentado acima não subentender qualquer impedimento para o uso satisfatório da língua estrangeira por um falante não-nativo, há de uma forma geral o reconhecimento que o falante de língua estrangeira apresenta certas limitações:

Faltarão sempre ao usuário de uma língua que lhe é estrangeira, o que chamamos “intuição lingüística”, ou seja a facilidade de encontrar a palavra justa para expressar seu pensamento e a capacidade de compreender perfeitamente as denotações, ou mesmo as conotações, às vezes sutis, às quais remete à utilização de um termo ao invés de um outro (Fiola, Mascarenhas, *ibid.*).

Dentro de certos parâmetros (especialmente quanto ao uso da língua), podemos compreender que o domínio de uma língua estrangeira dificilmente atinge um nível de proficiência tão elevado quanto o dos falantes nativos.

Porém, nenhum falante pode acreditar no conhecimento da língua como algo absoluto, nem o próprio falante nativo. É comum, por exemplo, que uma pessoa, ausente do contexto de fala de sua própria língua nativa por um tempo considerável, encontre certa dificuldade em readquirir o “domínio” desta língua ao retornar ao seu ambiente de origem. Também é fato, por exemplo, que um falante nativo da língua portuguesa (ou de qualquer outra) trabalhando como revisor de textos em português não pode dispensar o auxílio de gramáticas e dicionários da língua, se deseja realizar sua tarefa eficazmente. Da mesma forma, não é porque um tradutor exerce uma atividade profissional que implica um determinado tipo de formação (em que o estudo do idioma estrangeiro está previsto), que se pode esperar que ele possa abrir mão dos materiais de referência, especialmente o dicionário bilíngüe. Ao contrário, não só o êxito de sua tarefa depende muito destes materiais, como exige que eles estejam projetados para suas necessidades e para o seu perfil de usuário especial, ou seja, em que se procura responder objetivamente à sua competência lingüística diferenciada da dos demais usuários. Neste caso, destaca-se para o tradutor a premência de uma obrigação profissional e de um compromisso com o pré-texto a que sua tradução faz alusão. Sua necessidade por precisão exige uma abordagem profunda da língua, que vai além da mera necessidade de “comunicar uma idéia”. Ele precisa estar, em primeiro lugar, seguro dos vários aspectos que envolvem o conhecimento das línguas (semânticos, sintáticos etc.), em especial da língua estrangeira, da qual possui relativamente menor contato (e supostamente menor tempo de prática), podendo ter no dicionário a fonte adequada para a compensação deste tipo de problemas.

Acreditamos que é essencial para o tradutor contar com informações de apoio, por exemplo, sobre aspectos semânticos e sintáticos dos equivalentes uma vez que estas propriedades podem ser relativamente distintas das do lema em português.

1.5. Direcionalidade da Tradução

Uma questão essencial que resulta da observação das competências lingüísticas do tradutor diferenciadas para a língua materna e para a língua estrangeira, é o critério da “direcionalidade” da transferência lingüística. Isto pode ser visto, por exemplo, em recomendações existentes na área da tradução para que se realize a tradução da L2 para a L1, como o indica Aubert (1994, p.54):

Na produção textual em nossa civilização, quer de textos originais, quer de textos traduzidos, o grau de competência e o nível de desempenho de seus produtores apresentam-se bastante variáveis, tanto no que se refere ao conhecimento quanto ao domínio dos meios de expressão disponíveis. O receptor- tradutor, idealmente, terá conhecimento pelo menos equivalente do universo referencial em questão e produzirá o texto traduzido naquela que é a sua língua de domínio mais ativo (sua língua materna). Aubert (1994, p.54)

A mesma perspectiva pode ser percebida na recomendação da Fit (Fédération Internationale de Traducteurs) de que os tradutores realizem as traduções para as suas respectivas línguas maternas ou para línguas das quais tenham uma competência comparável à da sua língua nativa (de acordo com a “Recomendação de Nairobi”, de 22 de novembro de 1976, artigo V, inciso 14.d).

Há suficientes evidências, em nossa opinião, para a comprovação de que traduzir da língua estrangeira para a língua materna e traduzir da língua materna para a língua estrangeira não devam ser considerados como procedimentos equivalentes em grau de dificuldade considerando um único agente cuja língua materna é uma e não outra, sem que isto signifique qualquer demérito para o falante não-nativo. A direcionalidade do procedimento de tradução também pode ser reconhecida, por exemplo, na elaboração dos currículos dos cursos de bacharelado em letras da UFRGS (cursos do código 189), pela existência de disciplinas de “tradução” (da língua estrangeira para a língua materna) e de “versão” (tradução da língua materna para a língua estrangeira). Além disso, estes currículos do bacharelado em letras apresentam um seqüenciamento diferente, em que as disciplinas de tradução começam antes das de versão (a primeira matrícula em tradução (L2-L1) deve ocorrer no quarto semestre (etapa 4 da matrícula), enquanto a primeira matrícula em versão (L1-L2) deve acontecer no sexto semestre (etapa 6 da matrícula)), indicando o presumido grau de dificuldade superior das disciplinas de versão.⁶

Creemos haver, portanto, evidências suficientes para sustentar um discernimento da tarefa da tradução enquanto um procedimento “passivo” (de recepção do texto em língua estrangeira e transferência para a língua materna) e enquanto um procedimento “ativo”⁷

⁶ Fonte: Currículo do curso de letras da Universidade Federal do Rio Grande do sul, 2001, disponível também no site [www.http://Ufrgs.com.org.br](http://Ufrgs.com.org.br)

⁷ Seguindo a taxonomia de Kromann (1991, p.2719) para os princípios de seleção e apresentação da informação nos dicionários bilíngües de acordo com a competência lingüística e as necessidades do usuário.

(transferência do material lingüístico da língua materna com a conseqüente produção em língua estrangeira) como tarefas de graus de dificuldade diferenciados, portanto exigindo um apoio diferenciado em termos de materiais de referência. Assim, podemos concordar que a tradução e a versão são tarefas de uma mesma natureza geral, mas diferenciadas no que se refere à capacidade que um individuo tem de gerar ou avaliar estruturas e formas lingüísticas como legítimas em uma ou outra língua.

É preciso dizer que embora haja recomendações contra a tradução ativa (da L2 para a L1) como uma forma de garantir uma melhor qualidade ao texto produzido, cremos que podem ser criadas condições para colaborar com a tradução ativa no que se refere ao fornecimento de informações de apoio às equivalências lexicais, e é com este objetivo que trabalhamos.

2. O Anisomorfismo Lingüístico

Mencionamos na primeira seção sobre a tradução (sub-item 1.3), que a tradução literal é antes um procedimento dentro do processo global de tradução do que um tipo de tradução. Em parte, este critério é devido às línguas não serem simples sistemas de nomenclatura, uma vez que não existiria um mundo pré-estabelecido às línguas, cujos objetos (supostamente análogos) seriam diferenciados apenas pelas designações recebidas em cada língua. De fato, boa parte das considerações sobre a língua enquanto uma entidade que define a visão de mundo se deve a Humboldt (2006). A respeito desta influência o autor diz que:

Através da dependência recíproca do pensamento e da palavra fica evidente que as línguas na verdade não são meios para a representação da verdade conhecida, mas sim muito mais para a descoberta do anteriormente desconhecido. A sua diferença não reside nos sons e nos signos, mas na diferença das concepções de mundo em si. Aqui se encontra o motivo e o último objetivo de toda a pesquisa lingüística. Humboldt (2006, p. 77)⁸

⁸ Uma forte oposição à teoria neo-humboldtiana é defendida por Pinker (2004, p.64), um teórico da linha chomskiana contrário ao pré-determinismo lingüístico do pensamento. Segundo seus argumentos, a afirmação de Whorf (Pinker, 2004, p.66) de que os apaches pensavam diferente era uma conclusão desprovida de fundo científico porque era baseada inteiramente no estudo da língua deste povo (e não, por exemplo, em um estudo fisio-antropológico), o que redundaria em um conceito circular: “apaches falam diferente porque pensam diferente. Como sabemos que pensam diferente? Basta escutar a maneira que falam!” (Pinker, 2004, p.67). Sua crítica ao pré-determinismo lingüístico do pensamento encontra forças no argumento de que “a maneira como vemos as cores determina como aprendemos as palavras para elas e não o contrário” (Pinker, 2004, p.69). Por outro lado, ao tentar provar que o pensamento independe do sistema lingüístico, o autor afirma que: “a psicóloga Eleanor Rosch descobriu que os Dani (povo indígena que só conhecia as cores preta e branca) aprendiam mais rápido uma nova categoria de cor baseada no vermelho do que uma categoria baseada em outra cor” (Pinker, 2004, p.69), provando, por extensão, que se uma determinada cultura precisa ser instruída no reconhecimento de cores que o seu sistema lingüístico não distingue, então, a limitação do sistema lingüístico implica uma limitação na forma de reconhecer categorias consideradas “ontológicas”. Obviamente, à medida que uma cultura se especializa em determinada técnica ou ciência, vai se tornando evidente a necessidade de criar novas “palavras” para expressar “novos conceitos”, o que está de acordo com sua crítica contra o pré-determinismo lingüístico, mas recordando a noção saussuriana de que a “linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (Saussure, 1974, p.16), concluímos que seria equivocado trocar uma forma de pré-determinismo (a da língua -o sistema da língua determina como se pensa) por outra (a do pensamento- a forma como interagimos com o mundo determina a língua). Certamente as diversas formas de se expressar o tempo futuro (ou passado, por exemplo) representam um ponto em comum na forma de interação de culturas diferentes com o mundo- a questão do tempo. Entretanto, nos interessa mais o fato de que o sistema das línguas se organiza e recorta a realidade de forma diferenciada, o que traz conseqüências diretas para o estabelecimento de relações de equivalência entre as línguas, ou seja para a tradução. Há o tempo futuro na língua portuguesa e na língua inglesa, o que significa que do ponto de vista psicológico sobre o tempo temos um pensamento análogo, mas do ponto de vista lingüístico o fato da língua inglesa representar este “mesmo tempo” através de formas verbais analíticas é evidência suficiente para sustentar o anisomorfismo da forma como ele pode alterar a tradução. Mas podemos dizer, com certeza, de que há mais argumentos para o anisomorfismo do ponto de vista lingüístico. Defende-se, através deste conceito, a análise de uma estruturação diferenciada das línguas, resultado de uma interação entre a percepção do mundo e a linguagem, mais do que alguma forma de pré-determinismo. A oposição de Pinker (2004, p.6), portanto não

Ligando-se a essa visão da língua enquanto uma entidade que tem uma vitalidade própria e inigualável, Mounin (1975, p.49) afirma que a língua não se molda ao mundo da experiência empírica (análoga em algumas situações) nas várias culturas, mas ao contrário, é a experiência do mundo que é modelada pela língua. Na nova filosofia (reconhecidamente neo-humboldtiana) proposta por eles, (Mounin, 1975, p. 50): “se recusava a encarar a língua como um instrumento passivo da expressão”. Ela era vista antes como:

(...) um princípio ativo que impõe ao pensamento um conjunto de distinções e de valores: todo o sistema lingüístico contém uma análise do mundo exterior que lhe é peculiar e que difere da de outras línguas (...) (Ulmann, 1952, p.300 apud Mounin, 1975, p.50).

Um conceito essencial do qual deriva esta perspectiva teórica também se encontra em Humboldt (2006), que é a noção de “forma interna da língua”, que tentaremos resumir nas próprias palavras do autor:

(...) Quando percorremos alguma determinada língua, encontramos muitos elementos que, sem prejuízo para a essência de sua forma, poderíamos imaginar como sendo bem diferentes, e, para podermos distinguir a forma nitidamente isolada, precisamos nos voltar outra vez para efeito geral da língua. E quando fazemos isso, de imediato sucede o oposto do que aconteceu antes. A mais pronunciada individualidade salta com clareza aos olhos, impondo-se imperiosamente a nossa sensação. Quanto a esse aspecto, as línguas podem ser comparadas não muito incorretamente às fisionomias humanas. Humboldt (2006, p. 107)

Zgusta (1971, p.294), vinculado à mesma visão neo-humboldtiana, propõe o “princípio do anisomorfismo das línguas”, pelo qual a dificuldade fundamental da coordenação das equivalências entre unidades lexicais de línguas diferentes é explicada essencialmente pelas

interfere em nosso argumento, que se detém sobre o sistema lingüístico e a sua forma de organização, mais do que sobre a psicologia da linguagem.

diferenças na organização dos designata nas línguas individuais”⁹. Isto significa basicamente que itens lexicais considerados equivalentes entre duas línguas frequentemente apresentam propriedades únicas e intransferíveis, o que torna esta equivalência imperfeita.

Zgusta (1971, p.294) sustentava também que é engano pensar que o “anisomorfismo” refere-se apenas às diferenças de um mundo material extralingüístico diretamente observáveis nas línguas comparadas por meio da tradução. Segundo o autor, o anisomorfismo pode ser detectado entre qualquer par de línguas em relação à comparação de diversas de suas propriedades, por exemplo:

- a) morfologia: em inglês o adjetivo não sofre variação de número (Quirk, 1984, p. 114) enquanto em português isso acontece (Cunha, 2001, p. 250).

Exemplo: *hard task* = “tarefa difícil”

hard tasks = “tarefas difíceis”

observação: note-se que com relação aos adjetivos, também podemos mencionar sua posição em relação ao substantivo, que em inglês é praticamente fixa (distribuídas na ordem adjetivo+substantivo) enquanto em português é isto é mais flexível: *tarefa difícil/difícil tarefa* = *hard task*.¹⁰

- b) conteúdo semântico dos itens lexicais: em inglês, a palavra *pig* (“porco”) refere-se ao animal biológico, e *pork* (“porco”) refere-se a sua carne como produto de consumo. Na língua portuguesa, temos as palavras *porco* e *suíno* para designar as duas instâncias indistintamente (ainda que a palavra *suíno* tenda a ser usada como termo técnico) tanto aludindo ao animal vivo no mercado agropecuário quanto à sua carne no mercado de alimentos.
- c) aspectos fonéticos: a palavra *week* significa “semana”, sendo homófona à palavra *weak* (“fraco”) na língua inglesa, ambas representadas pelos símbolos fonéticos [wi:k], enquanto esta analogia fonética não se mantém em português na tradução das duas palavras. A partir disto, a frase da língua inglesa: “*seven days without water make one week*” apresentaria duas possibilidades de interpretação a partir

⁹ [The fundamental difficulty of [sic] such coordination of lexical units is caused by the anisomorphism of languages, i.e. by the differences in the organization of designate in the individual languages and by other differences between languages.]

¹⁰ Ainda que estejamos interessados no tratamento de equivalências da classe dos verbos, consideramos que o anisomorfismo lingüístico é insuficientemente entendido e reconhecido em nosso meio. Por esta razão, julgamos conveniente trabalhar com exemplos abrangendo outras classes de palavras e, conseqüentemente, outros tipos de problemas.

de sua realização fonética em inglês (um caso de trocadilho): “sete dias sem água formam uma semana”, e também “sete dias sem água deixam fraco”. Porque esta condição homófona de dois itens lexicais da língua inglesa não pode ser mantida na transposição dos elementos para o português, não é possível, portanto, que o trocadilho seja traduzível ao português.

Assim, pode-se dizer ou prever que mesmo entre as línguas mais parecidas haverá diferenças a serem compensadas no momento da tradução (possivelmente menos do que haveria entre línguas totalmente diferentes), o que tem relação direta com a tarefa da tradução, que precisa transpor estas diferenças.

2.1. Os Graus de Equivalência

A propósito da discussão sobre os graus de equivalência, convém empreender uma definição básica para o conceito de equivalência lexical, que procuramos fundamentar sobre as divisões do conteúdo tratadas no capítulo 3 (para estabelecer uma distinção entre a tradução e equivalência lexical). Entendemos que a equivalência lexical trata de uma forma de equiparação do conteúdo semântico de itens lexicais de L1 através do emprego do léxico de L2, conforme, por exemplo, o sustenta Zgusta (1971, p.312), Kromann (1991, p.2717) e Carvalho (2001, p.111), ainda que estes mesmos autores citem este procedimento mais como uma tentativa de equiparação, relacionando-o ao que Neubert (1992, p.29) entende como a “reivindicação fictícia das equivalências lexicais”. Em vista, justamente, de certas discrepâncias nestas equivalências, Kromann (1991, p. 2717) sugere três tipos de relações básicas entre itens lexicais de L1 e L2 baseadas em seu grau de aproximação: “equivalência total”, “equivalência parcial” e “equivalência zero”, conforme veremos na seqüência:

a) a equivalência total no plano lexical se refere exatamente à manutenção de todos (ou dos principais) traços semânticos dos itens lexicais em comparação. Vemos isto no exemplo abaixo na relação da palavra *Braut* (alemão) com a palavra *bride* (do inglês) ou com a palavra *noiva* (do português). Todas as três palavras incorporam os traços: “ser feminino”, “ser participante de um ritual religioso de união de um casal”. O exemplo abaixo é baseado em Kromann (1991, p.2717):

Braut (Alemão) → *bride* (inglês) → *fiancée* (francês) → *noiva* (português)

b) a equivalência parcial subentende um compartilhamento incompleto do conteúdo semântico. O autor sugere que há uma grande variedade de tipos, mas que trabalhará apenas com dois, exemplificados nas seguintes relações lexicais:

adolescence (francês) → *girlhood* (inglês) (de uma menina)/*boyhood* (inglês) (de um menino).

girlhood /boyhood (Inglês) → *adolescência* (português)→*adolescence* (francês)

Em tais casos de “anisomorfismo”, Kromann (1991, p.2717) sugere que se manifestam respectivamente a “divergência” e a “convergência” semânticas, havendo a primeira quando o lema se divide em diversos sub-significados como da palavra *adolescence* do francês para as palavras *girlhood* e *boyhood*¹¹ do inglês, e a segunda quando dois ou mais sub-significados com as suas unidades lexicais correspondem a uma única unidade lexical na língua alvo. Notemos que o autor comenta que:

Se o tradutor em dada instância considera desejável evitar a perda de informações, ele pode acrescentar elementos especificadores entre parênteses [*i.e.* como informação adicional] ao seu texto ou outros elementos compensatórios similares [*i.e.* como as notas de rodapé]. O tipo de equivalência parcial demonstrada aqui [*sc.* através de seus exemplos] poderia ser chamada hiperonímia ou hiponímia interlingual respectivamente. (Kromann, 1991, p.2718)¹². [tradução nossa]

Acreditamos que, mesmo em face da possibilidade teórica de inserção de informação compensatória, dependendo do tipo de diferença que marca as equivalências parciais, nem sempre será possível sua inserção (se elas forem muito minuciosas ou extensas, por exemplo), ou mesmo, nem sempre seria justificável a inclusão de notas para explicar diferenças mínimas, decorrendo disso, uma necessária perda de informação na tradução, especialmente se o tradutor procura que sua interferência no texto seja notada o mínimo possível.

c) Os não-equivalentes, ou equivalentes “zero”, são unidades lexicais específicas de cada comunidade lingüística, por exemplo, o vocabulário dos cultos religiosos, da arte, da

¹¹ Palavras registradas no LELCD (1995, s.v. *girl/boy*)

¹² [If the translator in an specific instance considers it desirable to avoid a loss of information, he can add the specifying elements shown in brackets, or a similar compensatory elements, to his text. The type of partial equivalence shown here could reasonably be called interlingual hyperonymy or hyponymy respectively.]

ciência, da política etc, os chamados “*realia*”¹³, para os quais não haveria equivalente, portanto, representando “vazios onomasiológicos” (Zgusta, 1971, p.325) no sistema de signos da língua para qual se procura verter este signo. A dificuldade de se encontrar um equivalente lexical aproximado para estes casos leva o lexicógrafo a utilizar a paráfrase como recurso de compensação, conforme o recomenda Kromann (1991, p.2718): “nestes casos, o lexicógrafo deve procurar soluções que preencham as necessidades dos usuários tanto quanto possível pela provisão de explicações enciclopédicas breves e sugestões para a tradução”¹⁴ [tradução nossa], mesma recomendação que faz Zgusta (1971, p.325):

Uma explicação do significado da unidade lexical da língua fonte sempre deve ser dada, não importa como o lexicógrafo tente preencher o vazio onomasiológico na língua alvo, a menos que se espere que o usuário tenha um bom conhecimento da língua-fonte ou que faça uso freqüente de outro dicionário, especialmente de um dicionário monolíngüe da língua fonte¹⁵.
[tradução nossa]

São exemplos de equivalentes- zero (*realia*):

vatapá - comida típica do nordeste brasileiro;
brainstorm - atividade para promover sugestões aleatórias para a solução de um problema;
shamrock -um tipo de trevo de três folhas, símbolo da Irlanda;

Assim, o anisomorfismo das línguas, em suas diferentes formas de manifestação, explica porque a tradução não pode ser realizada integralmente como uma mera transferência lexical 1 x 1. Portanto, a começar pela análise semântica dos vários itens lexicais, o registro dos equivalentes lexicais de um determinado lema deve contar com recursos que possam ajudar a equiparar estas diferenças.

¹³ **realia** – “(...) les *realia* désignent aussi les terms d’une langue étrangere désignant une réalité particulière à telle ou telle culture et qui sont utilisés tels quels dans la langue.” (Dubois, 1994, s.v. *realia*).”- “Os *realia* designam também os termos de uma língua estrangeira que designam uma realidade particular de tal ou qual cultura e que são utilizados exatamente como na língua original.” [tradução nossa]

¹⁴ [In these cases the lexicographer must seek solutions that meet the needs of the user as far as possible by providing brief, precise encyclopaedic explanations and suggestions for translation]

¹⁵ [An explanation of the meaning of the source-language lexical unit is always to be given, irrespective of how the lexicographer tries to fill the onomasiological gap in the target language unless the user is expected to have a good knowledge of the source-language or to make frequent use of another dictionary, especially of a monolingual dictionary of the source-language.]

3. Distinções Semânticas para a Tradução

3.1. Aspectos Gerais sobre o Conteúdo das Palavras

O processo de tradução, a partir do qual buscamos traçar relações teóricas com trabalho da lexicografia bilíngüe, pode ser considerado como um processo de transferência de “significados” assentado sobre a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra língua, a exemplo do que expõem Larson (1989, p.3), Newmark (1981, p.66) Mounin (1975, p.95) e Bassnett (2005, p.35), entre outros teóricos. Mas, não é, absolutamente, tarefa fácil definir o que seja este “significado transferido”, pois o estudo da natureza da significação na linguagem, genericamente conhecido por “semântica” possui diversas perspectivas. As diferenças entre elas não são apenas terminológicas, mas especialmente conceituais, havendo, além disso, problemas de definição do escopo da matéria, que, às vezes se confunde com a de outras disciplinas. Assim, antes de definir a abordagem semântica mais adequada aos nossos propósitos, devemos empreender algumas delimitações básicas.

3.1.1. Semântica e Pragmática

Um problema que surge para a delimitação do escopo da semântica diz respeito à questão do contexto, compartilhado pela semântica e pela pragmática em alguns casos. A confusão é devida, em parte, porque as duas disciplinas referem-se, por vezes, ao conceito de “contexto”. De fato, o termo “contexto” pode apresentar duas acepções principais:

- a) “dada uma unidade, ou uma seqüência de unidades A, o contexto é constituído pelas unidades que precedem ou seguem A e que podem, de uma forma ou de outra, fazer pesar sobre A certas coerções” (Dubois, 2004, s.v. *contexto*); neste caso, estamos tratando de “contexto lingüístico”;
- b) “o conjunto de condições sociais que podem ser levadas em consideração para estudar as relações que existem entre o comportamento social e o comportamento lingüístico é muitas vezes designado como contexto social do uso da língua. Diz-se também “contexto situacional”, contexto de situação” (Palmer, 1981, p.51), que, neste caso, trata-se de um “contexto extralingüístico” (Dubois, 2004, s.v. *contexto*).

Esta certa imprecisão tem que ser resolvida se desejamos decompor o significado de forma a sistematizar informações nos dicionários bilíngües sobre as equivalências lexicais. Yule (1996, p.4), a propósito, busca uma delimitação do escopo da pragmática voltada para os aspectos extralingüísticos, o que nos ajuda, por contraste, a delimitar o escopo da semântica (que veremos na seqüência). A pragmática é definida pelo autor através de quatro aspectos básicos assim apresentados:

- a) “a pragmática é o estudo do significado do falante”, ou seja, o estudo preocupado sobre como o significado é comunicado pelo falante (ou pelo escritor) e interpretado pelo ouvinte (ou leitor);
 - b) “a pragmática é o estudo do significado contextual”, ou seja, como os falantes organizam o que eles querem dizer de acordo com quem, onde, quando e sob quais circunstâncias eles falam;
 - c) “a pragmática é o estudo de como se comunica mais do que se fala”, ou de outra forma expresso, sobre como o que não é dito é reconhecido como parte do que é comunicado;
 - d) “a pragmática é o estudo da expressão de relativa distância”, ou seja, sobre a consideração do grau de relação dos falantes como uma medida de determinação do que precisa ou não precisa ser falado; (Yule, 1996, p.4).¹⁶
- [tradução nossa]

Segundo esta perspectiva, o estudo da pragmática nos diz, neste caso, mais sobre a capacidade simbólica e comunicacional das pessoas, e, especialmente, sobre a incidência de aspectos extralingüísticos (ou seja, de um contexto extralingüístico) sobre a comunicação humana, do que sobre as propriedades do sistema lingüístico¹⁷. Uma vez que o nosso objetivo final diz respeito ao registro das equivalências lexicais provenientes de dois sistemas lingüísticos, tendemos a afastar-nos do estudo das condições extralingüísticas do uso da linguagem, pois não há meios de prever todas as possíveis ocorrências de situações que podem atribuir novos empregos a palavras ou frases.

¹⁶ [a) Pragmatics is the study of speaker meaning; b) pragmatics is the study of contextual meaning; c) pragmatics is the study of how more gets communicated than is said; d) pragmatics is the study of the expression of relative distance.]

¹⁷ “O sistema é um conjunto de possibilidades alternativas numa língua, juntamente com as regras que permitem escolher entre elas. O grande insight do estudo da língua conhecido como estruturalismo foi o reconhecimento de que a melhor maneira de estudar a língua é como um sistema de elementos, cada um dos quais é definido, por seu lugar dentro do sistema, pelo modo como um todo consiste numa quantidade de subsistemas e de sub-subsistemas, sempre com diferentes tipos de superposições” (Trask, 2004, s.v. *sistema*).

Vemos, portanto, como apontava Silveira (2002, p.9), que o ponto central para a constituição do estudo da semântica parece situar-se exatamente na natureza do significado. Dirá a autora que “dentro da concepção herdada pela tradição, a noção de significado tem sido associada a aspectos multiformes e obscuros: psicológicos, culturais, sociais, lógicos etc.”

Uma vez que não parece possível apreender todos os aspectos envolvidos com o significado das palavras, é prudente isolarmos uma parte deles que nos ofereçam maior possibilidade de sistematização, mas cuidando em que eles também não sejam demasiadamente simplificados.

É por causa da dificuldade de apreensão do contexto extralingüístico pelos dicionários que a atuação do seu usuário é decisiva para o êxito da tarefa a que ele empreende (traduzir, por exemplo), pois não se pode esperar que um indivíduo sem conhecimento algum em línguas estrangeiras possa realizar traduções exclusivamente a partir do dicionário bilíngüe, nem passivas, nem ativas. Entendemos que o dicionário pode ser melhorado na medida que se calcule com mais precisão o que possa ser considerado informação relevante para o usuário específico. A idéia é colocá-lo em uma melhor situação daquela em que se encontram os dicionários bilíngües atualmente, nos quais há pouca inserção de materiais de apoio para a adequada seleção de itens lexicais de L2.

Os componentes extralingüísticos (espaço e tempo de um enunciado, os papéis dos participantes, etc.), pertencentes ao escopo da pragmática, não são, em hipótese alguma, irrelevantes para uma teoria da significação, mas é preciso entender as limitações e os objetivos do tipo de registro que o dicionário faz da língua: qualquer que seja o repertório registrado, ele sempre implica um recorte da língua enquanto um sistema estabelecido de signos, quer dizer, refletindo relações semânticas independentes, em certa medida, das condições de produção dos enunciados.

A distinção fundamental que buscamos estabelecer entre semântica e pragmática não é novidade na lingüística e ela encontra-se, por exemplo, em Trask (2004, s.v. *semântica*), que estabelece a seguinte distinção entre semântica e pragmática:

(...) A semântica responde por: “um tipo de significado intrínseco da forma lingüística que o contém e está sempre presente nesta forma, ao passo que um segundo tipo de significado resulta da interação entre a forma lingüística de um enunciado e o contexto em que ele é usado. Compreendemos a *semântica* como sendo propriamente o estudo do primeiro tipo; ao segundo damos um novo nome: *pragmática*. (...)

Dentro de uma concepção de semântica em que se procura excluir os fenômenos extralingüísticos, cabem ainda outras delimitações. A semântica a que pretendemos nos ater também não pode ser uma semântica frasal, pois o dicionário se baseia em unidades lexemáticas isoladas umas das outras como suas unidades lexicográficas, e não em enunciados, o que leva a concluir que necessitamos um modelo de análise cuja unidade seja menor do que uma frase.

3.2. Semântica Lexical

Como o componente pragmático da significação é, em certa medida, inapreensível e, por outro lado, a teoria da língua enquanto nomenclatura é demasiado simples para explicar diversos fenômenos da significação da língua, então a solução para uma teoria sobre a língua que permitisse ao mesmo tempo sua sistematização e a representação de problemas de uma certa complexidade deveria encontrar-se a meio termo entre estes pólos. Sabendo que não é possível controlar a incidência de aspectos contextuais (lugar da fala, relações sociais dos interlocutores etc.), Cruse (1991, p.1) argumenta em favor de uma “semântica lexical” como uma variedade da “abordagem contextual”, em que “contexto” refere-se, ao contexto lingüístico, portanto se caracterizando por relações sintagmáticas, mas fundamentalmente por relações paradigmáticas estabelecidas a partir do conteúdo semântico dos itens lexicais.

Podemos dizer que a semântica lexical está baseada em diversos tipos de relações que podem ser estabelecidas entre os próprios itens lexicais subentendendo-se o que se chama “feixes de traços semânticos mínimos” ou “sememas”¹⁸. Estas relações estão baseadas no compartilhamento de sememas em maior ou menor grau, que fornece não só a possibilidade de uma hierarquização, como também outros graus de correspondência a “categorias lógicas”, como o defende Palmer (1981, p.82)¹⁹. A “lógica” (termo adotado pelo autor) aqui deve ser entendida como relações que podem ser reduzidas a um conjunto de regras. Nas suas palavras: “desde que algumas relações que estamos considerando são lógicas (ou semi-lógicas), seria útil ter uma forma simples de formalizá-las. Podemos pensar em relações de

¹⁸ “Sêmico corresponde a “sema”, um termo usado por lingüistas como Eugênio Coseriu com referência aos traços semânticos distintivos mínimos que operam dentro de um específico campo semântico, tais como as várias propriedades que definem xícara em oposição: “tem uma asa”, “feito de cerâmica”, etc. (...)”. (Crystal, 2000, s.v. *sêmico*). Além disso, “Na terminologia da análise sêmica*, o semema é a unidade que tem por correspondente formal o lexema; ele é composto por de um feixe de traços semânticos chamados semas (unidades mínimas não susceptíveis de realização independente”. (Dubois, 2004, s.v. *semema*)

¹⁹ Esta definição também esta de acordo com Dubois (2004, s.v. *sêmico*).

simetria, transitividade e reflexividade” (Palmer, 1981, p.82)²⁰. Da mesma forma que na proposta de Cruse (1991, p. 1), estas relações podem ser estabelecidas diretamente entre itens lexicais (em que suas propriedades são presumidas) ou pela análise de propriedades consideradas seus traços constituintes mínimos (Palmer (1981, p. 108) chama estes constituintes de “componentes”).

As considerações que apresentamos a seguir ratificam a perspectiva de uma análise de propriedades mínimas enquanto um fenômeno de análise interno:

Pode-se descrever o sentido da palavra *cadeira* a partir de traços * semânticos recorrentes, isto é, traços que aparecem na descrição dos outros termos do conjunto de assentos; a referência de *cadeira*, ao contrário, é a relação (denotação) que existe entre esta palavra e os diferentes objetos. Em termos de lógica, pode-se dizer que a definição da palavra *cadeira*, em compreensão, interessa à semântica, enquanto a definição da palavra *cadeira* em extensão (a, b, c, n são cadeiras) interessa a uma teoria da referência”.
(Dubois, 2004, s.v.*semântica*)

Dubois (2004, s.v. *semântica*) menciona que a noção da análise sêmica de um item lexical está atrelada ao conceito de “compreensão” em lógica, que também é chamado de “intensão” dos itens lexicais. Em outras palavras, as propriedades internas de uma acepção de palavra correspondem, dentro da perspectiva da “semântica lexical”, à análise chamada de “intensão” de um signo lingüístico. Isto traz como consequência que duas expressões serão intensionalmente idênticas se o conteúdo sêmico (dos traços semânticos) também for idêntico. A sinonímia é um caso clássico de identidade intensional. Uma semântica lexical é uma semântica que explora justamente o conteúdo sêmico (intensional) das expressões, manifestando diversos graus de relação e hierarquia, como propostos no modelo de relações lexicais básicas de Cruse (1991, p.87). O que vemos, em geral, é a ausência destas ou de qualquer tipo de relações que permitam estabelecer, por exemplo, o grau apropriado de

²⁰ Simetria – se X é casado com Y, logo, Y é casado com X.

Transitividade – (para três argumentos, em que a relação mantida entre X e Y se estende a Z) – se X está a frente de Y e Y está a frente de Z, logo X está a frente de Z.

Reflexividade – X parece-se com X

As relações que não podem ser nenhuma das três anteriores, podem ser assimétricas, intransitivas ou irreflexivas. Pode-se representar estas últimas relações a partir de “pai”:

Se X é pai de Y, Y não pode ser o pai de X.

Se Y é pai de Z, X não pode ser pai de Z

X não pode ser pai de X. (baseado em Palmer (1981, p.82))

equivalência entre lema e equivalentes nos dicionários bilíngües, o que acaba ocasionando, por exemplo, o emprego indevido dos itens de L2.

3.3. Níveis do Conteúdo

Se a tradução é realizada em grande parte sobre o que definimos anteriormente como “contextos extralingüísticos” e não podemos ainda sistematizar este tipo de informação, entendemos que o dicionário bilíngüe só pode trabalhar com o que se poderia definir como a parte do conteúdo dos itens lexicais que se encontra em seu interior.

A partir das delimitações conceituais que empregamos sobre a especificidade da semântica enquanto o conteúdo intrínseco da forma lingüística (signo), decorre a necessária adoção de uma terminologia para tratar do fenômeno semântico. Gostaríamos de abordar alguns conceitos que aludem a esta estratificação para tentar definir sobre que aspectos do conteúdo das palavras se define a semântica lexical: *significação*, (termo que já empregado no trabalho) *significado* e *sentido* são os termos que mais refletem a ambigüidade sobre o conteúdo das palavras porque suas várias perspectivas ora incluem, ora excluem os componentes extralingüísticos.

Defendendo também o argumento empregado neste trabalho sobre a necessidade da divisão entre os níveis do conteúdo (que podem, cada um a sua maneira, contribuir para o entendimento, por exemplo, de uma frase ou sentença), Coseriu (1982, p.27) propõe três conceitos para uma melhor delimitação destes fenômenos, conforme se vê a seguir:

- a) Significado. É o conteúdo dado pela língua, como uma delimitação conceitual estabelecida dentro de seu próprio sistema que “impõem-se ao mundo da experiência” e que representa a possibilidade do “ente” (objeto real ou mental) e não o ente em si (Coseriu, 1982, p.159).
- b) Designação. É a possibilidade da linguagem que se fundamenta na linguagem como significação, ou seja, a relação em cada momento determinada entre uma expressão lingüística e um “estado de coisas”. E a designação é o que nos conduz ao mundo das coisas que, em conseqüência, como mundo estruturado, só pode ser alcançado mediante a linguagem. A linguagem possibilita, portanto, o acesso ao extralingüístico (Coseriu, 1982, p.27).

c) Sentido. É o conteúdo particular de um texto ou de uma unidade textual, na medida em que este conteúdo não coincide com o significado e com a designação, estando além deles. (Coseriu, 1982, p.27)

De acordo com isso, o nível do “significado” refere-se ao valor dos signos dentro do sistema, em uma relação estável deste sistema com certos aspectos do mundo extralingüístico.

O “sentido”, na sua concepção, não trata exatamente do conteúdo das palavras, mas da capacidade simbólica das palavras por força de condições peculiares de uso, ou seja, de um conteúdo que depende de fatores extralingüísticos para a sua realização. Porque o sentido para Coseriu (1982, p.26) responde pela incidência de fatores que podem ser sempre novos, sua apreensão enquanto objeto do estudo do significado torna-se muito difícil.

Consideremos o exemplo da frase: “a porta está aberta”, da língua portuguesa. O significado, a relação do conteúdo semântico dos itens lexicais *porta*, e *aberta*, nos indica idealmente que uma “peça plana, de madeira, ou metal, vidro etc., com que se fecha uma abertura, e que geralmente fica presa por um dos lados à moldura que a rodeia, por dobradiças ou gonzos” (HouE, 2002, s. *porta*) está “franqueada, afastada ou deslocada” (HouE, 2002, s.v. *abrir*). A mesma relação do conteúdo semântico se daria em inglês pela junção dos itens lexicais na frase: “the door is open”.

Por sua vez, o sentido, que depende do contexto extralingüístico, seria dado pelo uso da mesma frase “a porta está aberta”, em que um interlocutor, por exemplo, estivesse sugerindo a outro que este, por haver recém passado pela porta, deveria fechá-la, deixando-a como a encontrou antes de passar. Neste caso, o “sentido” de “a porta está aberta” é, de fato, uma frase imperativa: “feche a porta”.

Este tipo de situação é o que o dicionário não pode alcançar descrever e sistematizar, pois, a mesma frase “a porta está aberta” em contextos diferenciados podem ter inúmeros outros “sentidos”: se alguém bate à porta e a pessoa que se encontra dentro da sala diz “a porta está aberta”, esta “porta” não se encontra, evidentemente, “franqueada, afastada ou deslocada” (HouE, 2002, s.v. *abrir*), ou seja, ela encontra-se, de fato, fechada, mas, neste caso, o “sentido” da frase é: “pode passar” (a porta não está trancada). Que outros “sentidos” mais uma frase aparentemente tão “clara e objetiva” como “a porta está aberta” poderia ter? certamente mais do que se pode querer encerrar em um dicionário, por isso mesmo, o “sentido” na concepção de Coseriu (1982, p.26) é um objeto de difícil apreensão para a lexicografia.

A divisão entre os níveis lingüístico e extralingüístico nos possibilita a sistematização de certos aspectos para o estudo do significado ainda que nem sempre seja tão simples delimitar o que é intra e o que é extralingüístico. Como dissemos acima, dos três conceitos que Coseriu (1980, p.160) nos fornece, um é claramente intralingüístico, o “significado”, outro é claramente extralingüístico, o “sentido”, e o terceiro, a designação, por sua relação com o “mundo exterior” também deveria ser considerada como fato extralingüístico.

De fato, considerando o próprio conceito do anisomorfismo lingüístico, poderíamos entender a “designação” de dois modos:

a) como fato intralingüístico, desde que a relação entre uma expressão lingüística e um estado de coisas é motivada antes pela própria língua, sendo a língua a única forma de acesso a este mundo estruturado (o conceito de “designação” como figura em Dubois (2004, s.v. *designação*²¹) também permite esta interpretação);

c) como fato extralingüístico pela sua relação ao conceito da análise extensional.

Como podemos considerar que a primeira abordagem sobre a “designação” demonstrada em *a* refere-se, na verdade, a um fato que encontra-se abrangido pelo conceito de intensionalidade, e que não temos interesse no estudo de fatos extensionais (referente a como a designação é tratada em *b*), nos abstermos de falar em “designação” a partir deste ponto.

A partir disso, adotaremos o termo “significado” como correspondente ao nível do conteúdo intralingüístico dos itens lexicais e o procedimento intensional como sendo adequado à lexicografia bilíngüe, porque através do estabelecimento de diversos tipos de relação entre os itens lexicais, se pode chegar aos melhores equivalentes em língua estrangeira para um determinado lema.

Conseqüentemente, nos abstermos de falar sobre “sentido” (componente extralingüístico da significação), pela sua relação (da forma como a estabelecemos para fins deste trabalho) com a pragmática. Em função disso, devemos entender “relações contextuais” somente por relações intralingüísticas, conforme nos autoriza ao seguinte definição: “contexto é termo geral usado na lingüística e na fonética para indicar partes específicas de um enunciado (ou texto) perto ou adjacentes à unidade que tem o foco de atenção” (Crystal, 2000, s.v. *contexto*).

²¹ “Chama-se designação o fato de um signo remeter a um objeto, a um processo, a uma qualidade, etc., da realidade extralingüística tal qual ela é estruturada pelas formações ideológicas (cultura, experiência) de um dado grupo humano. Aquilo que a que o signo remete receberá o nome de designatum, segundo uma oposição conceitual: *designatum* x *denonatum* (V. denotação)”.

3.3.1 Noções sobre a Análise Semântica Lexical

Um dos problemas básicos da semântica lexical é a aparente multiplicidade dos significados de uma única forma de palavra. É preciso concordar com Cruse (1991, p.51) que “não parece haver dúvida que tal variação é a regra em vez da exceção: o significado de qualquer palavra é, de alguma maneira, diferente em cada contexto (lingüístico) distinto em que ela ocorre”.

Dentro da semântica lexical, os contextos lingüísticos devem ser entendidos como a relação sintagmática dos itens lexicais que, por certas afinidades implícitas, podem chegar a selecionar (fazer vir à tona) especificamente parte do conteúdo semântico de um determinado item lexical (ou seja, um procedimento que seleciona um dos significados que o item lexical abrange). Cruse (1991, p.51), por exemplo, trata do conceito de “seleção” de aspectos do conteúdo em sua proposta da semântica lexical. Embora o autor use o termo “sense” (sentido), ele se refere a um certo conjunto de traços semânticos que forma uma unidade sem que ela necessariamente tenha um significante para representá-lo em oposição a outros conjuntos de traços (o chamado “semema”). Para ilustrar como ocorre a seleção de sememas de um item lexical, consideremos o item lexical *banco* no seguinte exemplo:

1. “Finalmente chegamos ao banco”. (exemplo baseado em Cruse (1991, p.51))

A palavra *banco* pode ser interpretada em mais de uma maneira (por exemplo: “margem do rio”, ou “estabelecimento para a custódia do dinheiro”); mas não é possível interpretar a frase sem uma delimitação: e tanto o falante quanto o ouvinte devem selecionar a mesma, se, de fato, se deseja que a comunicação entre os dois indivíduos progrida. Assim, devemos dizer que a palavra *banco* será ambígua com respeito à distinção “instituição financeira/margem do rio”. Em outras palavras, os dois significados (“senses” de Cruse (1991, p.51)) representados pelo significante “banco” (“instituição financeira” e “margem do rio”) e que convivem sob uma mesma forma escrita são identificadas pela seleção de um contexto sintagmático em que aparecem. No caso do exemplo acima (“finalmente chegamos ao banco”), a falta de itens lexicais cujos sememas pudessem ser relacionados como afins a uma ou outra acepção impediu que se pudesse especificar qual era a acepção de *banco* na frase. A afinidade sintagmática dos itens lexicais é um tipo de relações prevista na semântica lexical.

Observando os seguintes contextos lingüísticos para o item lexical *banco*, ficam claras quais são as suas acepções em cada frase:

- a) “Fui ao banco depositar um cheque” (as palavras *depositar* e *cheque* ajudam a selecionar o semema “instituição financeira”);
- b) “O barco encalhou no banco” (as palavras *barco* e *encalhar* ajudam a selecionar o semema “margem do rio”);

Em função deste aspecto da semântica lexical, Casares (1984, p.72) dirá que “a palavra isolada do sintagma ou da frase, se oferece como núcleo de “possibilidades significantes”, e isto traz à tona a necessidade da concorrência de relações sintagmáticas como forma de seleção de sememas.

3.3.1.1 Comutação

A comutação é um procedimento previsto na semântica lexical para avaliar através da substituição de um item lexical dentro de um mesmo contexto sintagmático que relações podem ser estabelecidas entre os vários substitutos (Cruse, 1991, p. 15). Se um item lexical pode substituir o outro com um aumento da abrangência semântica do segundo em relação ao primeiro item haverá, por exemplo, uma relação de hiperonímia entre os dois, como se vê a seguir:

- a) “Ele utiliza seu próprio *carro* no trabalho”
- b) “Ele utiliza seu próprio *veículo* no trabalho”

A relação entre *veículo* e *carro* é de hiperonímia uma vez que *veículo* compreende outros tipos de meio de transporte além de *carro*. Subentendido um conjunto de traços qualquer (um semema), por exemplo, “um meio de transporte”, a comutação de itens lexicais facilita a análise semântica na medida em que não é necessário desmembrar todos os aspectos sêmicos dos itens em comparação, que no fim das contas é o que sustentam as relações como a hiperonímia. Acreditamos que a comutação também possa ser empregada entre itens lexicais de duas línguas diferentes. Para uma situação de tradução ela pode ajudar a selecionar primeiramente um hiperônimo que identifique a acepção do lema sob o qual um conjunto de

equivalentes possa ser reunido e também os próprios equivalentes (voltaremos a esta questão no capítulo 6).

Se considerássemos o item lexical *pesar* da língua portuguesa, que é bastante polissêmico, para que estabelecêssemos as relações adequadas entre ele e seus possíveis equivalentes através da comutação, primeiramente deveríamos estar cientes de suas principais acepções (para as quais podemos tomar por referência informações contidas no dicionário monolíngüe). De acordo com o HouE (2002, s.v. *pesar*) temos 18 acepções para *pesar*, conforme segue:

■ verbo

- 1** determinar o peso de (algo, alguém ou si mesmo)
Ex.: <a balança pesa o queijo> <pesou-se para ver se havia emagrecido>
- 2** avaliar sem precisão o peso de; sopesar
Ex.: o homem pesou o embrulho com as mãos e calculou que tivesse um quilo
- 3** examinar com atenção, minuciosamente; considerar
Ex.: para compreendê-lo, era preciso p. tudo o que ele havia feito
- 4** calcular por antecipação, procurar prever de maneira rigorosa
Ex.: ele avançava, mas antes pesava todos os passos que daria
- 5** cair como peso; exercer pressão; pressionar
Ex.: os problemas da empresa pesavam sobre ele
- 6** influir de maneira decisiva; influenciar
Ex.: os conselhos do pai pesaram em sua decisão final
- 7** (sXIII)
provocar pesar, tristeza, mágoa
Ex.: pesou-lhe ver a ex-mulher entregue ao álcool
- 8** provocar sentimento de remorso, de arrependimento
Ex.: pesavam-lhe agora os atos injustos que cometera no passado
- 9** ser colocado como carga intolerável
Ex.: o remorso sempre pesa sobre os culpados
- 10** efetuar operação de medida de peso
Ex.: o garimpeiro pesou oito quilos de ouro
- 11** (sXIII)
ter determinado peso
Ex.: <só agora descobria que todas as caixas pesavam> <a garota pesava 60 quilos>
- 12** pesar muito
Ex.: a caixa não pesava, era fácil carregá-la
- 13** acarretar sensação de mal-estar, de incômodo
Ex.: ele sentia que, por ser densa e sombria, aquela floresta pesava
- 14** ser como um peso interior, sobrecarregar o espírito
Ex.: os dias, intermináveis, pesavam continuamente
- 15** (sXIII)
exercer sentimento de opressão; abater, oprimir
Ex.: <as lembranças amargas pesavam-lhe no espírito> <aquelas recordações pesavam insuportavelmente>
- 16** examinar atentamente; considerar, ponderar
Ex.: p. prós e contras
- 17** equilibrar(-se), suspender-se no ar
Ex.: os pássaros pesavam-se nas asas
- 18** sentimento de tristeza
Ex.: foi com grande p. que compareceu ao funeral do amigo

Tomemos duas acepções de *pesar* para empreender a comutação que deve nos conduzir ao hiperônimo para os equivalentes. segundo a acepção 1, *pesar* significa “determinar o peso de (algo, alguém ou si mesmo)”, que tem como exemplo:

- a) “A balança *pesa* o queijo”.
- b) “*Pesou-se* para ver se havia emagrecido”

Pesar também significa (acepção 3): “examinar com atenção, minuciosamente; considerar”, cujo exemplo é:

“Para compreendê-lo, era preciso *pesar* tudo o que ele havia feito.”

Utilizando as mesmas frases dos exemplos como contextos sintagmáticos para comutação, podemos procurar itens lexicais que se relacionem a *pesar*, por exemplo:

- a) A balança *mensura* o queijo.
- b) *Mensurou-se* para ver se havia emagrecido.

Nos dois exemplos de comutação realizados acima, *pesar* foi substituído por *mensurar* e sua relação é de hiperonímia, porque entre as muitas formas de mensuração, o peso é só uma delas. Este relação é importante, ainda que nos pareça um pouco frouxa, porque nos ajuda a distinguir outras acepções, neste caso do verbo *pesar*, que não estejam relacionadas a “mensuração”. A acepção 3, que selecionamos para fazer a comparação, também pode ser submetida à comutação, mas neste caso o hiperônimo selecionado no teste acima, *mensurar*, não poderia ser empregado. Em seu lugar, poderíamos oferecer, por exemplo:

- a) “Para compreendê-lo, era preciso *considerar* tudo o que ele havia feito.”

Neste caso, *considerar* dá conta de uma acepção de *pesar* que parece metafórica, inclusive parecendo mais apropriada que o próprio lema. É difícil estabelecer neste caso se a relação é de hiperonímia ou de sinonímia. De qualquer modo, os exercícios de comutação realizados para as duas acepções de *pesar* nos fornecem (dentro da língua portuguesa) itens lexicais que identificam mais apropriadamente as acepções deste lema. O próximo passo seria utilizar estes hiperônimos (ou outros mais adequados que se encontrem pela aplicação sucessiva do recurso da comutação) para organizar os diversos equivalentes de L2.

Como está subentendido, nossa análise intensional faz uso do recurso da comutação de forma a traçar as possíveis relações entre os itens lexicais sem precisar desmembrá-los em seus traços semânticos constituintes (os quais estão presumidos), pois isto demandaria um modelo de análise próprio do qual não dispomos no momento.

3.4. Comentários Finais

A partir da distinção inicial entre a semântica e a pragmática, buscou-se a formulação de um conceito da significação que privilegiasse o aspecto essencialmente intralingüístico, contraposto às condições de uso da linguagem, que caracterizam o “sentido” segundo Coseriu (1982, p.163), para que as últimas fossem desconsideradas. Uma razão para isto é a natureza da obra lexicográfica, que não pode, por razões práticas, registrar todos os possíveis contextos de um determinado item lexical. O dicionário, a partir disto, ocupa-se do “conteúdo dado pela língua, como uma delimitação conceitual estabelecida dentro do próprio sistema”.²²

Através da noção das relações semânticas, a significação intralingüística passa a ser domínio do nível lexical, no que se chamará “semântica lexical”. O campo de significação de uma palavra é buscado nos diversos tipos de relação com outras palavras, especialmente paradigmáticas e sintagmáticas para que atinjamos, enfim, a equivalência lexical.

A utilização de relações sintagmáticas tem importância especial nos casos de polissemia (multiplicidade de significados de uma palavra), quando um mesmo significante abrange mais de um conjunto de “sememas” (que é geralmente o caso), e no caso da tradução, para que possamos gerar hiperônimos que nos ajudem a delimitar inicialmente as acepções do lema, e também na escolha mais coerente dos equivalentes, que veremos a seguir.

²² Ver o conceito de “significado” de Coseriu (1982:27) no item 3.3.

4. Lexicografia Bilíngüe – Conceitos Básicos

Vimos até agora conceitos sobre o processo de tradução e aspectos sobre a sua complexidade, para os quais estão presentes tanto o anisomorfismo das línguas quanto os aspectos extralingüísticos, os quais impedem que a tradução seja entendida como um processo mecanicista. Além disso, procuramos identificar níveis de significação com os quais a tradução lida necessariamente para atingir um resultado satisfatório dentro de certos parâmetros, especialmente com relação à exigência do emprego do léxico e da sintaxe próprios da língua 2. Além disso, classificamos a tradução em relação à competência lingüística do tradutor (enquanto falante nativo ou falante de L2), procedimento que resulta nos conceitos de “tradução passiva” e “tradução ativa”, para a seguir relacionar estes conceitos à lexicografia bilíngüe, em seu estabelecimento de relações de equivalência entre as línguas porque, podemos dizer, o que se faz em um dicionário bilíngüe através da equação lexicográfica ($X=X^1$) é um procedimento “simplificado” de tradução.

Um dos objetivos deste trabalho é elaborar uma forma de apresentar as equivalências lexicais dentro da microestrutura do dicionário bilíngüe que apóie a tradução profissional. Se por um lado os conceitos de tradução demonstram como se pode vir a realizar este procedimento, os conceitos da lexicografia bilíngüe deverão nos ajudar a entender como podemos chegar a auxiliar este processo. A separação da semântica e da pragmática, que vimos anteriormente, demonstra, por exemplo, certos limites do dicionário bilíngüe: enquanto um registro fechado da língua, o dicionário não pode englobar aspecto pragmático de significação.

Além disso, desejamos demonstrar que a adoção de uma taxonomia, de um princípio classificatório dos produtos lexicográficos se faz necessária hoje, não sendo apenas útil para a orientação do trabalho do especialista, fornecendo-lhe parâmetros qualitativos e quantitativos para a elaboração do dicionário, mas também ao usuário que pode saber com mais precisão se a obra lexicográfica que tem em mãos é minimamente apropriada ao seu perfil instrucional e às suas necessidades, pois ao que tudo indica, há muita dificuldade em se fazer isso com relação aos produtos lexicográficos bilíngües elaborados no Brasil hoje.

4.1. Preâmbulo

Os dicionários bilíngües têm sido necessários para atender aos diversos propósitos que foram surgindo para cada grupo social das diferentes nacionalidades em cada período

histórico. Em vários estudos históricos da lexicografia disponíveis, menciona-se a existência de dicionários bilíngües já na antiguidade (Van Hoof, 1994, p.37) e também algumas das suas finalidades, como por exemplo, a elucidação do latim para fins de evangelização (Cowie, 1991, p.114) e para as necessidades comerciais entre os países (Kromann, 1991, p.2711), sendo estes antecessores dos dicionários monolíngües.

Nos dias atuais, em que o setor editorial precisa atender aos mais variados usuários, entre eles o público infantil, o adulto, o leigo, o especializado etc., se faz necessário não apenas levá-los em consideração, mas também considerar formas de estudá-los, além da finalidade (ou finalidades) com que eles possam empregar as obras lexicográficas a fim de se adequar o seu conteúdo informativo a usuários pretendidos. Vejamos, a partir de agora, o que nos parece ser alguns dos parâmetros teóricos essenciais que devem estar pré-definidos na elaboração de dicionários bilíngües.

4.2. Número de Línguas

Apesar do número de línguas parecer um aspecto simples de resolver, bastando para isto conferir quantas línguas encontram-se presentes no dicionário, existe um crescente argumento para a classificação de uma obra lexicográfica como “bilíngüe” também levando em consideração sua função. Marelló (1996, p.31), por exemplo, procura estabelecer uma diferenciação entre dicionários “bilíngüizados”, cuja finalidade é o entendimento de uma das línguas e não o intercâmbio entre elas, e os dicionários bilíngües, definindo estes últimos da seguinte maneira:

O dicionário bilíngüe é um dicionário no qual expressões de uma língua (chamada língua fonte ou de partida) são traduzidas em uma outra (chamada língua alvo ou língua de chegada). Mas não é somente a presença de duas línguas que faz um dicionário bilíngüe, é a razão pela qual as duas línguas são postas em contato, quer dizer, a comunicação, pela tradução, entre duas comunidades que não partilham a mesma língua. (Marelló, 1996, p.31)²³
[tradução nossa]

²³ [Le dictionnaire bilingue est un dictionnaire dans lequel des expressions dans une langue (dite langue source ou de départ) sont traduites dans une autre (dite langue cible ou langue d'arrivée). Mais ce n'est pas seulement la présence de deux langues qui fait d'un dictionnaire un bilingue. C'est la raison pour laquelle les deux langues sont mises en contact, c'est à dire la communication, par la traduction, entre deux communautés qui ne partagent pas la même langue.]

Nos dias atuais, “normalmente o termo dicionário bilíngüe é aplicado a dicionários de duas línguas nacionais, onde os lemas (palavras-chave) da língua fonte do dicionário são fornecidos com equivalentes na língua alvo” (Kromann,1991, p.2712)²⁴. Portanto, a presença de duas línguas em uma obra lexicográfica, assim como acontecia com os dicionários bilíngüizados, parece constituir um conceito pouco preciso para definir o dicionário bilíngüe. Por isso é que, além das expressões de uma língua fonte que são traduzidas para a língua alvo, aparece também o aspecto da função da comunicação das comunidades postas em contato como critério básico do dicionário bilíngüe.

Cowie (1991, p.123), oferece uma definição do dicionário bilíngüe em se destacam não só o número de línguas, mas também a sua direcionalidade, ou seja a sua orientação segundo a língua mãe do seu usuário. Assim o autor se expressa:

Os dicionários bilíngües, por definição, fazem uso de duas línguas, uma das quais sendo normalmente a língua mãe (L1) do usuário. Para compreensão rápida e prática de palavras desconhecidas na língua estrangeira (L2), o dicionário bilíngüe não tem comparação e é, certamente indispensável quando o escritor desconhece ou não lembra um item do vocabulário na língua 2. (Cowie,1991, p.123)²⁵ [tradução nossa]

Landau (2001, p.8) apóia este argumento em prol da função comunicativa (interlingual) do dicionário bilíngüe, em que a simples presença de línguas não é o suficiente para definir o dicionário como bilíngüe, chamando a atenção para o propósito do dicionário como um critério decisivo, além, é claro, do número de línguas que o constituem, para a sua função bilíngüe:

A diferença entre o dicionário monolíngüe e o bilíngüe consiste não apenas no número de línguas em que eles são escritos, mas também no seu propósito. Um dicionário bilíngüe consiste de uma lista de palavras ou expressões em ordem alfabética (...) em uma língua (a língua fonte), para a qual idealmente, os exatos equivalentes são fornecidos na outra língua (a língua alvo). O propósito é ajudar alguém que entende uma língua, mas não

²⁴ [Normally the term bilingual dictionary is applied to dictionaries of two national languages, where the source language lemmata of the dictionary is supplied with equivalents in the target language.]

²⁵ [Bilingual dictionaries by definition make use of two languages, one of which is normally the mother tongue (L1) of the user. For quick and painless comprehension of unfamiliar words in the foreign language (L2) the bilingual work has no rival and its of course indispensable when a writer is ignorant of, or cannot recall, a specific vocabulary item in the L2].

a outra. Além disso, pressupõe-se que uma das línguas é a língua nativa do usuário. (Landau, 2001, p. 8)²⁶ [tradução nossa]

Portanto, o propósito principal de um dicionário bilíngüe seria propiciar a transferência de material lingüístico entre duas línguas, sendo uma delas nativa para o seu usuário, uma definição que podemos, enfim, adotar, enquanto uma síntese dos aspectos apontados acima. Observe que, ao definirmos esta função mediadora do dicionário bilíngüe, estamos nos aproximando da tradução, o que é muito importante, pois simples como possa ser, é através do estabelecimento destas relações que podemos entender melhor o papel do dicionário bilíngüe em relação à atividade profissional da tradução.

4.3. Aspecto Usuário

Um dos fatores essenciais que se defende neste trabalho é a necessidade de se conhecer quem é o beneficiário ou o usuário final da obra lexicográfica que se planeja realizar, de modo que possamos adequar o seu conteúdo a ele. Por mais essencial que essa definição possa parecer, ela tem implicações complexas que muitas vezes impedem que haja uma relação satisfatória entre o perfil que se supõe atender e a obra lexicográfica que efetivamente se elabora. Muitos autores se dedicaram a este assunto. Haensch (1982, p.397), por exemplo, fala sobre a importância de determinar de antemão a quem se dirige a obra lexicográfica, comentando que se pode definir, por exemplo, um “especialista” para a obra multilíngüe, para quem só importaria os equivalentes e não a definição dos itens lexicais, mencionando que o ideal seria que, no caso do dicionário bilíngüe, que a mesma obra não tivesse de servir a usuários cujas línguas maternas fossem diferentes. Sua abordagem, portanto, distingue as competências de L1 e L2, conforme se vê em seus argumentos:

No caso de um dicionário francês-espanhol, sendo o francês a língua de partida e o espanhol a língua de destino, deveria ser possível ter em conta somente as necessidades do falante do espanhol que traduz do francês ao espanhol, mas não de um francês que traduza de sua língua materna ao

²⁶ [The difference between a monolingual dictionary and a bilingual one consists not only in the number of languages in which they are written but in their essential purpose. A bilingual dictionary consists of a list of words or expressions, in alphabetical order when in printed form, in one language (the source language), for which, ideally, exact equivalents are given in another language (the target language). The purpose is to help someone who understands one language but not the other. More, the presumption is that one of the languages is the user's native language.]

espanhol, para o qual deveria haver outro dicionário, que levasse em conta as necessidades específicas deste grupo de usuários. Desta forma se poderia elaborar dicionários muito mais úteis. (Haensch, 1982, p.397)²⁷. [tradução nossa]

Resulta, portanto, que Haensch (1982) reconhecia a necessidade de se definir usuários não só pela sua inserção em sub-grupos de usuários com necessidades específicas (no caso do dicionário monolíngüe), mas também de identificar o usuário conforme a sua língua materna no caso dos dicionários bilíngües, o que poderia favorecer sua utilidade.

Percebe-se, da mesma forma, que os argumentos de Kromann (1991, p.2712) apóiam a orientação do trabalho lexicográfico a grupos destinatários específicos:

Em tempos mais recentes, a lexicografia bilíngüe pode ser considerada como servindo a diversos propósitos determinados pelo desenvolvimento da sociedade. Agora, como sempre, os dicionários bilíngües são importantes ferramentas nos aprendizado de idiomas desde o primário até a faculdade. Eles são auxiliares importantes para viajar ao exterior (...), e indispensáveis para (...) tradutores e intérpretes (Kromann, *ibid.*)²⁸. [tradução nossa]

Kromann (1991, p.2710) reconhece a importância deste assunto e procura dar atenção aos problemas teóricos que refletem a questão do perfil usuário específico, pois, em sua visão, o aspecto usuário não tem sido claramente entendido pela prática lexicográfica geral.

O raciocínio que estabelece uma necessária distinção entre os usuários de um dicionário bilíngüe está baseado, entre outras razões, na questão das competências lingüísticas, comentadas no capítulo 2. De acordo com isso, as competências lingüísticas em relação à língua materna e a língua estrangeira necessitam ser classificadas diferentemente. Fica implícito, neste caso, que a competência da língua materna é enriquecida constantemente pelo próprio uso da língua e pela exposição aos contextos de fala, enquanto a competência

²⁷ [En el caso de un diccionario francés-español siendo el francés la lengua de partida y el español la lengua de destino, debería ser posible tener en cuenta solamente las necesidades del hispanohablante que traduce del francés al español o que busca equivalentes de unidades léxicas del francés en español, pero no de un francés que traduzca de su lengua materna al español, para lo cual se debería disponer de otro diccionario, que tuviera en cuenta las necesidades específicas de este grupo de usuarios. De este modo se podrían elaborar diccionarios mucho más útiles.]

²⁸ [in more recent times bilingual lexicography can be said to have served a variety of purposes determined by the development of society. Now, as ever, bilingual dictionaries are important tools in language learning all the way from primary school to university level. They are useful aids to travel abroad and communication in foreign languages (...), and indispensable for (...), translators and interpreters.]

para a língua não-nativa geralmente encontra-se afastada destas condições, o que significa um tempo relativamente reduzido de experiência do falante não-nativo em relação ao falante nativo. É por esta razão que o conteúdo informativo de apoio de um dicionário bilíngüe não pode ser o mesmo no caso do seu usuário ser um falante nativo ou ser um falante de L2.

O pouco conteúdo informativo de apoio que se encontra para as equivalências na maioria dos dicionários bilíngües pressupõe uma alta competência para a língua estrangeira pelos falantes não-nativos, quando, de fato, esta é a situação menos provável. De acordo com Kromann (1991, p.2710), grande parte dos dicionários bilíngües é justamente destinada aos usuários que têm pouca competência para a língua estrangeira, o que revela, de fato, que o aspecto usuário é ignorado, ainda que se argumente com frequência (como se vê nos textos de apresentação dos dicionários) que ele é observado.

É verdade que carecemos de estudos que possam avaliar as necessidades dos usuários para se poder, por exemplo, definir a quantidade e a complexidade das informações a serem inseridas no dicionário. Para nós, que desejamos atender as necessidades do tradutor brasileiro, ou melhor, que desejamos oferecer alguma contribuição para os dicionários bilíngües existentes para que se aproximem das referidas necessidades, incorrem as mesmas incógnitas: da quantidade e da qualidade das informações. Nossa análise dos procedimentos da tradução, entre outros levantamentos, foi, na verdade, uma tentativa de estabelecer alguns destes parâmetros. Mas, se podemos, por um lado, esperar que certas informações sejam úteis para um determinado usuário que escolhemos e procuramos caracterizar, por outro, é evidente que uma delimitação mais específica do usuário é sempre possível. Assim, o grau de especificidade do usuário está condicionado ao grau de informações que podemos levantar e sistematizar para o seu uso. Observe-se, por exemplo, que as características que procuramos definir se destinam a identificar um usuário primordialmente em termos de sua língua mãe e com relação a um tipo geral de procedimento (verter para a L2), mas, considerando o problema mais a fundo, poderíamos pensar também no tipo tradução que se realiza (técnica, juramentada ou literária, por exemplo), o que certamente teria implicações na definição dos itens informativos²⁹. Enquanto não haja uma dedicação maior ao problema do perfil de usuário, as contribuições que poderemos oferecer serão, inevitavelmente, limitadas, por conseqüência, sendo-o também a própria delimitação do usuário. Em nosso caso, estamos interessados centralmente nas informações que possam conduzir o usuário à escolha de um equivalente lexical com maior precisão e também ao seu emprego sintático adequado, o que

²⁹ Não só em termos da microestrutura, mas também da macroestrutura.

se encontra, nos termos deste trabalho, baseado em um procedimento comparativo intensional e na provisão de recursos compensatórios. Entendendo que a definição do tipo de tradução a ser realizada exerce influências sobre a definição dos itens informativos de apoio às equivalências lexicais, centramos nossa atenção no léxico cotidiano, nos abstendo, conforme o exposto na introdução, em falar de dicionários técnicos ou especializados.

4.4. Direcionalidade

Segundo Carvalho (2001, p.48), o critério da direção está “relacionado à posição da língua materna do usuário no dicionário, ou seja, se ela está na posição do lema, como língua fonte, ou se ela constitui a microestrutura, ou seja a língua alvo”. Ela também acrescenta que a posição ocupada pela língua materna é relevante, na medida em que o usuário, ao procurar uma informação no dicionário, já traz consigo a competência da sua língua materna (Carvalho, 2001, p.52). A direção, portanto, não significa apenas a delimitação de qual língua é a língua “A” ou qual é a língua “B”, mas sim qual língua é materna e qual é a estrangeira para o usuário. Como a competência lingüística para a língua estrangeira é, de acordo com nosso argumento, distinta (em termos de habilidade prática e autoridade de uso) da competência para a língua materna, um usuário de dicionário bilíngüe precisa de mais informações sobre um determinado item lexical (comentários semânticos, comentários de forma etc.) da língua estrangeira do que precisaria sobre um item lexical de sua própria língua nativa. A indistinção de direcionalidade resulta, por exemplo, no fornecimento de informação desnecessária e/ou omissão da informação necessária para o usuário, como podemos ver no exemplo abaixo:

gosto (*m*) sense of taste; taste, flavor, savor; relish; discrimination, culture; elegance; manner, style; liking; joy, delight, pleasure. **a-**, at ease. **Esteja a-**, Make yourself at home. **ao – de**, in keeping with; in the manner of. **com todo o-**, gladly. **desagradável ao -**, unpleasant to the taste, unpalatable. **fazer-**, to please, be a pleasure. **Sobre –s não se discute**, There’s no accounting for tastes.

WPED (2005, s.v. *gosto*)

Neste caso, o gênero do substantivo *gosto* é informado, sendo masculino (*m*), informação totalmente dispensável para o falante nativo do português e possivelmente desorientadora a respeito das equivalências em língua inglesa, para a qual a distinção de

gênero obedece a um padrão classificatório distinto do que emprega em português. Em relação às equivalências, nem *sense of teste*, nem qualquer outro equivalente de *gosto* apresenta gênero, pois esta distinção é exclusiva dos substantivos que representam seres animados na língua inglesa³⁰. Nos perguntamos, portanto, qual a razão de se incluir o gênero do lema. Talvez fosse mais proveitoso discriminar os grupos de equivalentes segundo acepções de *gosto*, por exemplo, semanticamente. Assim, poderíamos identificar os equivalentes enquanto:

- a) um dos cinco sentidos;
- b) opinião;
- c) apreciação;

Considerando o par de línguas português-ínglês, um usuário brasileiro poderia tanto querer traduzir da L2 para a L1, quanto produzir textos na L2 baseados na L1 e um usuário de fala inglesa poderia querer realizar exatamente os mesmos procedimentos. Em cada caso, haveria a necessidade de um grau de informações distinto e, se não desejamos, como de fato nos obriga o princípio de economia do dicionário, aglomerar todos estes tipos de informação em uma só obra, devemos separar os dicionários.

É importante observar que, a partir deste raciocínio, seriam apenas duas “direções” possíveis e quatro possibilidades de dicionários considerando uma situação bilíngüe para uma das competências: para o usuário de língua materna que traduz da língua estrangeira ou escreve na língua estrangeira há uma direcionalidade (pela qual traduz, verte, interpreta ou produz livremente), e para o falante estrangeiro que traduz para a sua língua ou escreve na língua estrangeira, também há só uma direção prevendo as mesmas funções. Por isso fala-se em dicionários “unidirecionais”, realizados para o falante nativo de uma língua ou para o falante estrangeiro, ou em dicionários bidirecionais, realizados para ambos, seja qual for a sua intenção: traduzir ou produzir. Em vista de tais classificações, é evidente que um dicionário bidirecional deveria conter uma maior quantidade de dados para atender os dois tipos de usuários, e Carvalho (2001, p.53) comenta que:

³⁰ English makes very few gender distinctions. Where they are made, the connection between the biological category “sex” and the grammatical category “gender is very close, insofar as natural sex distinctions determine English gender distinctions. (Quirk, 1984, p. 89) tradução: O inglês faz poucas distinções de gênero. Onde elas são feitas, conexão entre a categoria biológica “sexo” e a categoria gramatical “gênero” é muito próxima, naquilo em que as distinções naturais de sexo determinam distinções de gênero no inglês. [tradução nossa].

Muitos dicionários, apesar de parecerem bidirecionais, não o são, pois não basta trazer a página de frente e a introdução nas duas línguas ou simplesmente dar o gênero tanto do lema quanto do das equivalências para que o dicionário deixe de ser unidirecional. Entendemos que um dicionário será bidirecional se preencher distintas necessidades de cada um (Carvalho (2001, p.53).

Kromann (1991, p.2713) também apóia a distinção dos dicionários bilíngües conforme a língua mãe dos usuários, podendo ser exclusivamente para os falantes de L1 ou L2, (o autor adota o termo *monofunctional* para definir estes casos) ou concomitantemente para falantes de L1 e de L2 (chamados pelo autor de *bifunctional*, nestes casos). Contudo, Marelló (1996, p.36) critica a bidirecionalidade de um dicionário bilíngüe porque não acredita que uma mesma obra lexicográfica possa prestar-se a duas comunidades lingüísticas. Em função disso, os dicionários bilíngües impressos adotam de forma geral, em sua opinião, as seguintes soluções:

- a) uma monodirecionalidade clara, ainda que implícita ou negada na introdução: o dicionário visa a servir sobre tudo a comunidade na qual a editora distribui seu produto;
- b) uma bidirecionalidade parcial. Por exemplo, ao utilizar, se possível, abreviações gramaticais, marcadores semânticos e marcas de uso que são transparentes para as duas comunidades (Marelló, 1996, p.36);

Assim como Kromann (1991, p.2713), Marelló (1996, p.36) chama a atenção para o fato paradoxal de que os dicionários bilíngües de bolso, nos quais os verbetes são os mais simples, praticamente reduzidos à relação lema-equivalentes, sem indicadores de nenhum tipo, são os que melhor se aproximam do critério de bidirecionalidade, claro está, em detrimento da ajuda direcionada aos usuários específicos.

Por último, é preciso mencionar que Landau (2001, p.19) também reconhece a distinção de direcionalidade do dicionário bilíngüe. Assim se expressa o autor:

Eles [*sc.* os dicionários] podem ir em uma direção apenas, do inglês, digamos, ao francês, ou ser combinados com outro dicionário que vai do francês ao inglês. Nos estudos lexicográficos, as línguas incluídas são

freqüentemente designadas como L1 e L2. os dicionários bidirecionais realmente consistem de dois dicionários, L1-L2 e L2-L1.³¹ [tradução nossa]

Landau (ibid.) chega à mesma conclusão de Carvalho (2001, p.52) quanto à necessidade da representação das relações bilíngües através de quatro dicionários por par de línguas, ou seja, como os demais mencionados neste sub-item, e o reconhecimento deste conceito implica, de fato, o reconhecimento das competências lingüísticas dos usuários de dicionários, aspecto que precisa, definitivamente, ser observado no projeto lexicográfico.

Havendo um público usuário tão variado quanto “viajantes” e “diplomatas” previstos como público alvo (como o permite ver a introdução do WPED (2005, s.p.)), está claro que a obra não reconhece o “aspecto usuário” como o apresenta Kromann (1991, p.2713), nem como uma básica distinção entre as competências lingüísticas de grupos de falantes da mesma língua (no qual teríamos de separar, por exemplo, os engenheiros dos não-engenheiros) e nem como uma distinção entre competências lingüísticas para línguas diferentes (neste caso porque julga que o mesmo dicionário pode ser útil tanto para aprendizes do português quanto para diplomatas de língua inglesa). A dificuldade de uma obra se destinar a públicos tão variados, que falam a mesma língua materna ou que falam línguas diferentes, esta relacionada com a dificuldade de se balancear dois critérios diversos da especificidade das obras lexicográficas: se por um lado reduzimos o dicionário ao mínimo de informações possíveis, ele provavelmente será útil para poucos usuários e para poucas finalidades, o que tem implicações no seu custeio, e se, por outro lado, coloca-se o maior número possível de informações na microestrutura do dicionário, o usuário corre o risco de simplesmente não conseguir identificar os dados que necessita frente ao emaranhado de palavras ou de informações que a microestrutura pode tornar-se.

Ainda que certos critérios práticos devam ser observados (como a viabilidade econômica da produção de uma obra lexicográfica), colocamo-nos a favor da lexicografia, para a qual o critério de qualidade do dicionário deve ser priorizado, de forma que se procure elaborar uma obra que atenda necessidades mais específicas possível, como no caso específico do tradutor, referentes à produção em L2.

³¹ [They may go in one direction only, from English, let's say, to French, or be combined with another dictionary that goes from French to English. In studies of bilingual lexicography, the languages included are often designated as L1 and L2. Bidirectional dictionaries really consist of two dictionaries, L1-L2 and L2-L1.]

4.5. Função

Conforme expusemos anteriormente, precisamos saber qual é a língua materna do usuário dentro da obra lexicográfica bilíngüe se quisermos organizar melhor as informações, pois o reconhecimento de grupo de usuários específico para a obra lexicográfica bilíngüe conduz, por exemplo, ao problema central de estabelecer o quanto uma pessoa conhece sobre uma língua estrangeira e o quanto precisa ser informada pelo dicionário para que chegue a alcançar uma equivalência adequada em questões específicas de tradução. Mas não é só isso, também precisamos saber com qual finalidade o dicionário será empregado. Por esta razão, Zgusta (1971, p.300) reconhece, por exemplo, as diferenças entre “interpretar” uma língua estrangeira e “produzir” em uma língua estrangeira. Assim o autor expressa esta distinção:

Provavelmente a dimensão mais importante da tipologia de dicionários bilíngües consiste na intenção do lexicógrafo de compilar o dicionário seja como um auxílio à compreensão de textos na língua fonte ou da descrição da língua fonte, ou ainda como um auxílio à geração de textos na língua alvo (Zgusta, *ibid.*)³². [tradução nossa]

A propósito deste argumento, Kromann (1991, p.2713) definirá os conceitos de dicionário “ativo” e de “dicionário passivo”. No dicionário ativo a informação de apoio está relacionada aos equivalentes, que devem ser usados pelo usuário para produzir textos na língua estrangeira, enquanto no dicionário passivo a informação de apoio está relacionada aos lemas, ou seja, as unidades lexicais da língua estrangeira que ocorrem nos textos que o usuário quer compreender e/ou traduzir para a sua língua nativa (Kromann, *ibid.*). O princípio ativo-passivo nos permite eliminar detalhes desnecessários e maximizar a informação necessária de acordo com o princípio lexicográfico de economia (Kromann, *ibid.*).

Landau (2001, p.9) também chama a atenção para o que chama de “propósitos” principais do dicionário bilíngüe: a compreensão, como na leitura da língua fonte por uma pessoa que conhece a língua alvo; ou uma ajuda na expressão, como na escrita da língua alvo por uma pessoa que conhece a língua fonte.

³² [Probably the most important dimension of the typology of the bilingual dictionaries consists in the lexicographer’s intention to compile the dictionary either as an aid to the comprehension of texts in the source language or of the description of the source language, or as an aid to the generation of texts in the target language.]

Um dicionário que é pretendido para a tradução da língua nativa de uma pessoa para uma língua estrangeira é, às vezes, chamado um dicionário ativo, e o um usado para a tradução da língua estrangeira para a língua nativa de uma pessoa é chamado um dicionário passivo³³. (Landau, *ibid.*)
[tradução nossa]

De acordo com isto, o autor recomenda que é crucial para os lexicógrafos decidirem previamente se um dicionário L1-L2 é pretendido para ajudar os falantes de L2 a compreender L1 (o que o definiria como dicionário passivo em relação aos falantes de L2) ou ajudar os falantes de L1 a se expressarem em L2 (o que definiria a função ativa em relação aos falantes de L1). Se o dicionário também inclui L2-L1, as mesmas perguntas devem ser feitas: se o dicionário é pretendido para ajudar os falantes de L1 a compreender a L2 ou para ajudar os falantes de L2 a se expressarem em L1 (Landau, 2001, p.10)³⁴ [tradução nossa]. A direcionalidade se caracteriza pelo estabelecimento de qual língua é a língua mãe e qual língua é a língua estrangeira para o usuário, enquanto a função se define pelos procedimentos que se queiram realizar produzir-interpretar /traduzir ou verter da L2. (todas as funções executáveis pelo mesmo agente).

Carvalho (2001, p.54) sustentará que o interesse em traduzir da língua estrangeira ou produzir textos na língua estrangeira está relacionado com o critério da função, “o qual nos leva a duas dicotomias relacionadas às situações de uso de um dicionário, que são: tradução vs versão; produção de texto vs recepção de texto” Carvalho (*ibid.*). De fato, a autora destaca quatro diferentes funções possíveis, que na prática são resumidas a: função ativa (produzir livremente ou verter para a língua estrangeira) ou função passiva (traduzir ou interpretar da língua estrangeira), pois como o defende Kromann (1991, p.2716), o ponto de partida é o princípio ativo-passivo, sobre o qual nos detemos mais especificamente neste trabalho.

A propósito do fato da simplificação das funções dos dicionários bilíngües, Welker (2004, p.204) reconhece que os obstáculos financeiros dificultam a edição de vários dicionários por par de línguas, alertando, no entanto, que em várias situações, os falantes de uma ou de outra língua poderiam necessitar de informações mais precisas, ou seja, de dicionários mais específicos.

³³ [A dictionary that is intended from translation [from a person’s native language to a foreign language is sometimes called an active dictionary and one used for translation from a foreign language to a person’s native language is called a passive dictionary.]

³⁴ [It is crucial for the lexicographer to decide in advance whether an L1-L2 dictionary is intended to help L2 speakers comprehend L1 or to help L1 speakers express themselves in L2. If the dictionary also includes an L2-L1 dictionary, the same questions must be asked: is the dictionary intended to help L1 speakers comprehend L2 or to help L2 speakers express themselves in L1?]

Pode-se dizer que a competência lingüística do usuário enquanto critério teórico para a elaboração de um dicionário bilíngüe já existe há um bom tempo, figurando nos trabalhos de autores como Zgusta (1971, p.214), que credita esta distinção a Sčerba (1940 apud Zgusta (1971, p.214)), da mesma forma que Kromann (1991, p.2715), sem que isto resultasse efetivamente na adoção destes conceitos pelo campo editorial. Portanto, enquanto modelo taxonômico, tanto a direcionalidade quanto a função dos dicionários bilíngües parecem ser consenso como critérios básicos da tipologia dos dicionários, o que, obviamente segue uma tendência teórica que se verifica nos principais autores mencionados, por exemplo, Haensch (1982, p.126), Kromann (1991, p.2711) e Marelló (1996, p.31). Por outro lado, a mesma distinção não se encontra refletida na prática editorial, cujas razões são difíceis de estimar, mas que provavelmente estejam ligadas aos custos que a revisão e alteração das obras acarretam para as editoras.

Em suma, para alcançarmos uma melhoria nos dicionários é preciso assumir certos parâmetros para a elaboração dos dicionários bilíngües, em que estejam esclarecidos minimamente os seguintes aspectos:

- a) O dicionário bilíngüe não se resume à presença de duas línguas em seu interior, sendo essencial que se defina a sua função de transferência entre as línguas (que, basicamente, pode ser a tradução ou a versão);
- b) um mesmo dicionário bilíngüe não pode simplesmente servir a dois falantes cujas competências lingüísticas sejam diferentes (no caso, um deles com a competência da L1 e o outro com a competência da L2);
- c) um mesmo usuário pode, dentro de uma mesma direcionalidade, desempenhar funções diferentes (por exemplo, traduzir ou verter textos);

Evidencia-se, a partir destas considerações, que a presunção de muitos aspectos, como a utilização do mesmo dicionário por falantes nativos e falantes estrangeiros é uma falácia que revela, sim, uma considerável imprecisão na elaboração destas obras, uma vez que se ignoram suas capacidades lingüísticas distintas, conforme procuramos demonstrar anteriormente. Ligada à necessidade de se definir a direcionalidade do dicionário está a necessidade de se definir sua função, se realmente se deseja realizar efetivamente os processos de transferência de material lingüístico de L1 para L2 (ou vice-versa).

Porque muitos dicionários considerados “bilíngües” com funções diferenciadas reúnem-se sob uma classificação comum e por uma certa inconsistência na relação entre as

abordagens teóricas sobre o dicionário bilíngüe e sua elaboração prática, é que resolveu-se revisar conceitos e recursos lexicográficos para se tentar encontrar pontos de consenso para um tratamento de equivalências mais adequado dentro do trabalho lexicográfico.

Definidos certos parâmetros gerais para o dicionário bilíngüe, em que se destacam, a direcionalidade e a função do dicionário, podemos tratar agora de certos problemas referentes aos aspectos organizacionais do dicionário bilíngüe, com destaque para a microestrutura, para na seqüência, considerarmos certos problemas no tratamento de equivalentes do dicionário bilíngüe.

4.6. Parâmetros Organizacionais Gerais do Dicionário Bilingüe

O dicionário bilingüe é uma obra composta de diversas partes, sendo a lista de palavras somente uma delas. Algumas destas partes destinam-se a auxiliar o usuário no seu emprego, explicando quais símbolos ou abreviaturas são utilizadas na obra; outras partes, como a introdução, buscam dar uma visão geral sobre o que o usuário pode encontrar e com que finalidade a obra foi criada. Em suma, todas as partes diferentes da lista de palavras principal são os chamados “textos externos” (conforme Hartmann, James (2001, s.v. *outside matter*): “um termo geral para todos os componentes de um trabalho de referência que não fazem da lista de palavras central”³⁵).

E a lista central de palavras, por sua vez, é conhecida como “macroestrutura”, conforme Hartmann, James (2001, s.v. *macrostructure*), que geralmente apresenta-se na ordem alfabética.

O problema que desejamos tratar neste trabalho não envolve nem os textos externos, nem a macroestrutura, embora todas estas partes devam estar interligadas. O tratamento das equivalências ocorre especificamente dentro da chamada microestrutura, que passaremos a ver em detalhes a partir do próximo item.

4.6.1. Microestrutura

A microestrutura do dicionário bilingüe vem a ser um conjunto de informações sobre um item lexical de L1 (“lema”) que, juntamente com o equivalente, permitem que o usuário faça a transferência do material lingüístico da língua 1 para a língua 2. Hartmann, James, 2001, s.v. *microstructure*), Welker (2004, p.107) e Hausmann, Wiegand (1989, p. 328) nos fornecem parâmetros que apóiam esta definição sobre a microestrutura, embora seus conceitos de microestrutura por vezes englobem a microestrutura do dicionário monolíngüe. Trabalhando conceitos mais direcionados à lexicografia bilingüe, Carvalho (2001, p.65) estabelece que:

[sc. A microestrutura] refere-se à estrutura interna do verbete, a parte em que são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do

³⁵ [Outside matter – a cover term for all those components of a reference work which do not form part of the central word list (...)]

lema, o qual, por sua vez, funciona como a entrada principal. Como núcleo da estrutura interna estão as equivalências, elementos obrigatórios que desempenham papel fundamental para o usuário(...) (Carvalho, *ibid.*).

Definição que também se encontra em essência em Landau (2001, p.99), que se refere à microestrutura como “a organização da informação dentro do verbete do dicionário”³⁶ [tradução nossa], sendo que este autor ressalta maneiras particulares de apresentar este conteúdo informativo.

Nas palavras de Hartmann (2001, p.54), a microestrutura é “uma estrutura de ordenação formada de classes de itens que têm a mesma função (...) uma maneira preferencialmente hierárquica de mostrar como várias categorias de informação são dispostas dentro das entradas”³⁷ [tradução nossa].

As questões microestruturais envolvem as formas de se alcançar a equivalência lingüística de L1 para L2 por meio de uma reposição lexical que, como já mencionamos, quase nunca é perfeitamente equivalente. Por esta razão, consideramos a necessidade de inserção de informações adicionais para equiparar os casos em que ocorre anisomorfismo, que, entre outros aspectos, estabeleça relações de equivalência mais precisas e, ao mesmo tempo, mais amplas. Precisamos, agora, conhecer os constituintes da microestrutura do dicionário bilíngüe que possam conduzir a este entendimento e colaborar, por fim, para uma idéia de equivalência mais abrangente dos itens lexicais.

4.6.1.1. Elementos Constituintes e Aspectos Organizacionais da Microestrutura

Com relação aos elementos constituintes da microestrutura de dicionários bilíngües, gostaríamos de destacar os seguintes como centrais em nossa discussão:

- a) equivalentes;
- b) indicadores semânticos
- c) valência;

Os quais passamos a tratar a seguir.

³⁶ [Some linguists call (...) the organization within each dictionary article the microstructure.]

³⁷ [An order structure made up of classes of itens which have the same function, in other words, a (preferably hierarchical) way of showing how the various information categories are arranged within entries.]

4.6.1.1.1. Equivalentes

Os equivalentes podem ser considerados os itens lexicais centrais em uma microestrutura do dicionário bilíngüe. São estas palavras que sintetizam a transferência de um item lexical da L1 e que geram, portanto, a equivalência lexical. A situação ideal de transferência é aquela em que um item lexical da L1 tem, na L2, um outro item lexical que reproduza todas as suas características semânticas (equivalência total). Mas mesmo quando há itens equivalentes que cobrem o significado do lema amplamente, ocorre o oferecimento de diversos equivalentes, por exemplo:

conforto (<i>m.</i>) comfort, ease; well-being; consolation.

WPED (2005, s.v. *conforto*)

aurora (<i>f.</i>) dawn, daybreak, sunrise; beginning or rise of anything; advent; (<i>Bot</i>) the cottonrose hibiscus (<i>h. mutabilis</i>), c.a. Rosa-da-China.- boreal , aurora borealis. ao romper da -, at break of day.

WPED (2005, s.v. *aurora*)

Como se vê, de fato, a maior probabilidade com relação ao oferecimento de equivalentes é de sua expansão na L2, ou seja, de que haja diversos itens lexicais para cobrir as variadas acepções da palavra-entrada ou ainda nuances semânticas distintas entre o lema e sua respectiva acepção, como se vê acima no verbete WPED (2005, s.v. *aurora*).

A equivalência, apresentada no verbete acima, “beginning or rise of anything” (WPED, 2005, s.v. *aurora*), que procura esclarecer que, quando se trata do lema *aurora* enquanto “surgimento de algo”, deveria permitir reconhecer como equivalente apenas *beginning* ou *rise*, mas na forma que foi apresentada a equivalência “beginning or rise of anything”, fica muito difícil distinguir o que é o equivalente (ou equivalentes) propriamente dito e seus contornos (que, neste caso, deveriam ajudar qual equivalente escolher). A falta de distinção gráfica (ou de qualquer natureza) para a referida equivalência a torna questionável enquanto uma solução de equivalência bilíngüe.

Diz Marelló (1996, p.42) que “se a entrada corresponde a um elemento polissêmico, os equivalentes são numerados ou divididos por um recurso tipográfico e a entrada conterà

indicadores, abreviações que indiquem o nível da língua ou o campo semântico, etc, para ajudar ao usuário a escolher a boa tradução”³⁸ [tradução nossa] (ou seja, o equivalente adequado), recurso que nem sempre se encontra disponível, como se viu no exemplo do verbete WPED (2005, s.v. *aurora*), em que uma equivalência fornecida (“beginning or rise of anything”) não fornecia nenhum tipo de marcador para relacioná-la a acepção específica, nem distinguir internamente o que era o equivalente e o que eram contornos do equivalente.

Uma situação difícil para o uso da língua estrangeira e para o trabalho do lexicógrafo é quando não há nenhum item lexical que possa substituir na L2 um determinado item lexical da L1, chamada de equivalência zero (capítulo 2), a qual obriga o lexicógrafo a utilizar a paráfrase como recurso de transferência, por exemplo:

espinhela (*f.*) a popular term for the lower part of the breastbone (xiphisternum). – **caída**, (*colloq*) any of various ailments or pains in the chest popularly supposed to be caused by the falling of the breastbone.

WPED (2005, s.v. *espinhela*)

Como podemos observar, a existência do anisomorfismo entre as línguas nos apresenta como uma de suas conseqüências o fato de que quanto maiores as diferenças entre o lema e seus respectivos equivalentes, maior será a necessidade por recursos de equiparação especialmente quando não houver equivalentes aproximáveis.

A paráfrase, por exemplo, é um recurso utilizado quando realmente não há possibilidade de um item de L2 representar o lema. Vê-se no verbete acima que não há equivalente para *espinhela* ou *para espinhela caída*: a paráfrase entra em seu lugar.

A equivalência parcial, embora seja realizada por meio da escolha de um equivalente lexical, sendo aparentemente inferior em grau de dificuldade que a equivalência zero, exige um maior cuidado, especialmente no que se refere às informações de apoio que o lexicógrafo inserirá sob pena de que o equivalente oferecido seja tomado por um equivalente total, perfeitamente análogo ao lema. Para uma correta utilização dos equivalentes, são necessários vários recursos que exponham os limites e as especificidades das equivalências, dos quais passamos a tratar a seguir.

³⁸ [Si l’adresse correspond à un élément polysémique, les équivalents sont numérotés ou divisés par un moyen typographique et l’entrée contiendra des indicateurs, des abréviations qui indiquent le niveau de langue ou le champ sémantique, etc...pour aider l’utilisateur à choisir la bonne traduction.]

4.6.1.1.2. Classe Gramatical

Segundo Welker (2004, p.115), a classe gramatical da palavra-entrada é indicada em quase todos os dicionários. Ele afirma também que às vezes se omite esta informação nos casos em que não há dúvida, procedimento que julgamos válido, uma vez que se possa estimar minimamente o que seria informação óbvia e o que não seria (para o qual certamente concorre o perfil de usuário). Nos dicionários bilíngües, freqüentemente são fornecidas informações sobre a classe gramatical do lema e não dos equivalentes, pois idealmente pertencem à mesma classe.

Os exemplos a seguir mostram a inserção de indicadores de classe gramatical:

intercorrer (*v.i.*) to run or come between (as a river).

WPED (2005, s.v. *intercorrer*)

Observe-se acima: (*v.i.*) – “verbo intransitivo”, como comentário de forma do lema.

pseudo-ácido (*m. Chem.*) pseudo acid.

WPED (2005, s.v. *pseudo-ácido*)

Observe-se acima: *m* (“masculino”) – substantivo do gênero masculino como comentário de forma do lema.

render (*v.t.*) to render (a, to); to subdue, conquer; to take the place of, relieve; to produce, yield (profits, etc.); to give rise to; to lay down (arms); (*v.i.*) of a job, business, investment, etc.; to pay; to produce income or profit; to rend, split (as a mast); to suffer rupture; (*v.r.*) to surrender. –**a alma**, or –**o espírito**, to give up one’s soul (die). –**a sentinela**, to relieve the guard. –**graças**, or –**agradecimentos**, to render thanks (a, to).

WPED (2005, s.v. *render*)

Podemos constatar acima os seguintes marcadores: *v.t.* (“verbo transitivo”), *v.i.* (“verbo intransitivo”), e *v.r.* (“verbo reflexivo”) como comentário de forma antecedendo cada subconjunto de equivalentes. Um problema relacionado ao fornecimento destas informações de apoio é sobre a sua real necessidade e sobre sua coerência. No último caso, por exemplo, em que se emprega o marcador *v.r.* para o último subconjunto de equivalentes, no qual se apresenta *surrender*, a questão para um usuário brasileiro do dicionário é se essa classificação

indica que o equivalente é reflexivo, ou se ela se refere apenas à acepção específica do lema a que se refere (no caso, *render-se*). Observando os demais verbetes do mesmo dicionário apresentados como exemplos, vemos que se costuma informar as classes gramaticais do lema, quando na verdade, para um usuário brasileiro é geralmente mais importante saber as informações sobre os itens lexicais da L2. A propósito, *surrender* é um verbo normalmente utilizado como um verbo intransitivo (de acordo com o CIDE, 1998, s.v. *surrender*): “They would rather die than surrender.” = “eles prefeririam morrer a entregar-se.”

Considerando este fato apresentado acima, é muito provável que na maioria dos casos os usuários não saibam que decisão tomar em relação ao emprego dos equivalentes para a escrita em L2, uma vez que as informações gramaticais fornecidas referem-se ao lema e não necessariamente aos equivalentes.

Há, certamente, críticas a fazer com relação à pertinência das informações apresentadas no que se refere ao anisomorfismo lingüístico e a um usuário específico. Nosso levantamento sobre as informações de apoio aos equivalentes procurou demonstrar que na falta da perspectiva de um usuário, muitas informações apresentadas na microestrutura podem simplesmente não ser utilizadas ou ainda estarem mal empregadas (como, por exemplo, apresentar comentários de forma sobre o lema quando o que se precisa são informações sobre os equivalentes).

A avaliação dos verbetes acima, possibilitou-nos também a constatação de que existem alguns problemas de seleção e de apresentação das informações adicionais relacionados ao que o próprio editor estabelece como objetivo: o dicionário português-inglês WPED (2005, s.p.) apresenta-se como um dicionário para a produção destinado aos falantes nativos da língua inglesa, cuja introdução expressa:

O meu objetivo foi fornecer uma ferramenta de trabalho para o dia-a-dia para um maior número de pessoas quanto possível, desde estudantes iniciantes da língua até professores de português; de viajantes, tradutores, exportadores e importadores, técnicos, engenheiros, cientistas, profissionais, representantes do governo e diplomatas – qualquer um, de fato, que por qualquer razão deseje consultar uma palavra em português³⁹ [tradução nossa].

³⁹ [(...) My aim has been to provide an everyday working tool for as a large number of persons as possible, ranging from beginning students of the language to teachers of Portuguese; from travelers, translators, exporters and importers, to technicians, engineers, scientists, professional people, government officials and diplomats – anyone, in fact, who for any reason may wish to “look up” a word in Portuguese.]

No entanto, o texto da sua introdução também admite que ele pode ser útil para os falantes da língua portuguesa: “ele será útil também para brasileiros e portugueses na escrita e na fala da língua inglesa”⁴⁰ [tradução nossa] (WPED, *ibid.*). Mas, de acordo com o exposto nos itens 4.3. (aspecto usuário), 4.4. (direcionalidade) e 4.5. (função), não podemos inverter a função do dicionário (de passivo para ativo), no caso, partindo de um dicionário elaborado como passivo para falantes da língua inglesa e chegar a um dicionário ativo para os falantes da língua inglesa, somente trocando seu usuário. De fato, é porque se procura observar as diferentes necessidades e capacidades dos usuários diferentes que se pode pensar nas informações de apoio a serem incluídas. Portanto, sendo passivo para os falantes da língua inglesa, ele não será automaticamente ativo para os falantes da língua portuguesa, simplesmente porque não se respeita o princípio do aspecto de usuário, nem sua direcionalidade, nem a função.

Este equívoco que constatamos sobre a indefinição do perfil de usuário traz conseqüências, por exemplo, para a pertinência das informações gramaticais oferecidas. Propondo-se como obra para os falantes da língua inglesa que pode também ser utilizada por falantes do português, o WPED (2005) parece furtar-se ao problema de definir precisamente o perfil usuário da obra que quer realmente atender.

Enquanto um dicionário ativo para os falantes do português, a contradição do WPED (2005) seria as informações fornecidas sobre o lema e não sobre os equivalentes, além é claro da presença de informações de apoio em inglês. Veja-se, por exemplo, o verbete WPED (2005, s.v. *intercorrer*) acima: o comentário semântico que se oferece é “as a river” (“como um rio”), que é naturalmente mais útil para um falante da língua inglesa.

Se houvesse sido pensado para a escrita dos falantes do português, o dicionário deveria apresentar marcações que pudessem estabelecer com que acepção do lema, por exemplo *render* (português), cada equivalente (ou grupo de equivalentes) deveria ser relacionado, o que, pela ausência total de marcadores, fica muito prejudicado.

Um outro problema quanto ao comentário de forma dos referidos verbetes é saber se ele se refere ao lema ou aos equivalentes. Encontramos, por exemplo, a marcação *m. Chem.* (“masculino”, “química”) no artigo da palavra *pseudo-ácido*, classificação, que neste caso só pode se referir ao lema, uma vez que na língua inglesa a distinção de gênero é mais restrita (conforme Quirk (1984, p. 89)). Mas se é assim, então o dicionário não está oferecendo

⁴⁰ [It will be useful also to Brazilians and Portuguese in writing and speaking English.]

informações de apoio sobre os equivalentes, mas sim sobre os lemas, que no caso dos usuários brasileiros, seriam perfeitamente dispensáveis.

Boa parte dos substantivos em inglês é indiferente à marcação de gênero conforme Leech, Svartvik (1988, p. 230):

Substantivos, adjetivos e artigos não têm distinção de gênero, embora em um pequeno número de palavras a terminação do gênero feminino *-ess* marque um substantivo que se refira ao feminino: *actor/actress*, *manager/manageress*. Uma vez que os substantivos não têm gênero gramatical, a escolha de *he*, *she* ou *it* é baseado em distinções naturais do significado. A escolha entre *he* ou *she*, por exemplo, é quase inteiramente baseada no sexo.⁴¹ [tradução nossa]

Podemos acrescentar que esta indistinção também é notada mesmo com relação aos substantivos que se referem a seres animados, como podemos ver no seguinte exemplo:

soldier¹ n 1 someone who serves in the military forces of the country; a member of the army, esp. one who is not an officer (...)

LDEL (1995, s.v. *soldier*)

Verbete em que o lema *soldier* (“soldado”) é discriminado como substantivo, não como “substantivo masculino” ou “substantivo feminino”, pelas razões expostas: mesmo na eventualidade de ser empregada para referir-se a uma pessoa do sexo feminino, a mesma continuará sendo apenas “substantivo”, porque não haverá alteração morfológica da palavra.

A fim de oferecer maior consistência no oferecimento de informações de apoio é que se deve ter em mente um usuário específico, evitando, como acontece com o WPED (2005), de ficar a meio caminho entre duas soluções francamente opostas: um dicionário para o falante de L2 e o dicionário para o falante de L1. Para tanto, seria necessário um modelo para certos segmentos da microestrutura, estabelecendo quais itens informativos deveriam constar e sob que critérios deveriam ser distribuídos.

⁴¹ [Nouns, adjectives and articles have no gender distinctions, although in a small number of words the feminine ending *-ess* marks a noun having female reference: *actor/actress*, *manager/manageress*. Since nouns have no grammatical gender, the choice of *he*, *she*, and *it* is based on natural distinctions of meaning. The choice between *he* and *she*, for example, is almost entirely based on sex.]

4.6.1.1.3. Diferenças de Classes Gramaticais para os Equivalentes

Uma vez que muitas relações de equivalência palavra-à-palavra simplesmente não podem ser mantidas devido ao anisomorfismo lingüístico, uma das implicações para o modelo de representação de equivalência do dicionário bilíngüe seria admitir equivalentes que não pertencessem à mesma classe de palavras do lema. Nos dicionários bilíngües comuns, o oferecimento de equivalentes na mesma classe gramatical do lema é uma prática comum, como se vê abaixo:

sau.da.de

[sawd'adi] s. f. longing, yearning, ardent desire; homesickness, nostalgia.

MicE (2002, s.v. saudade)

Mas o fato que não se pode negar é que uma frase em português em que se diga “estou com saudades dela” não poderia ser traduzida com o emprego de nenhum dos equivalentes propostos no verbete visto acima. Para verificar esta afirmação podemos tentar inserir cada um deles em contextos de L2 e realizar a tradução na seqüência para comparar os resultados. Para tanto elaboraremos um pequeno quadro ilustrativo baseado nos equivalentes do verbete acima:

Equivalente	Contexto	Tradução
<i>longing</i>	“A <i>longing</i> for fame”	“Um desejo por fama”
<i>yearning</i>	“ <i>Yearning</i> for recognition”	“Um desejo por reconhecimento”
<i>desire</i>	“Having an ardent <i>desire</i> ”	“Tendo um desejo ardente”
<i>homesickness</i>	“Torn by homesickness”	“Dilacerado pela saudade de casa”
<i>nostalgia</i>	“That old song filled me with nostalgia”	“Aquela música antiga encheu-me de nostalgia”

Se tivéssemos a frase proposta acima (“estou com saudades dela”) traduzida literalmente para o inglês em que substituíssemos sucessivamente o item lexical *saudades* por cada um dos equivalentes da lista do MicE (2002, s.v. saudade)- (*longing, yearning, ardent desire, homesickness* e *nostalgia*), estaríamos expressando um conteúdo diferente em cada

caso, nenhum deles efetivamente traduzindo a sentença original. Se queremos manter um conteúdo expresso por *saudade*, precisamos reconhecer que não existe um equivalente total, e neste caso clássico de anisomorfismo, a solução para superar o desequilíbrio entre as línguas é quebrar o protocolo lexicográfico das equivalências pertencentes à mesma classe gramatical do lema, oferecendo um equivalente que a norma da língua geralmente estabelece para situações análogas do uso de *saudade* na língua portuguesa: assim, “estar com saudade de alguém” em língua portuguesa corresponde a “sentir a falta de alguém” em língua inglesa, o que nos conduz necessariamente ao verbo *to miss* (“sentir falta”). A relação de equivalência no dicionário bilíngüe que deixe de unir *saudade* (substantivo) e *miss* (verbo) em razão de estes itens lexicais pertencerem a classes verbais diferentes é inconsistente com os objetivos de uma produção textual ligada ao uso da língua.

4.6.1.1.4. Valência

Uma forma de representação de problemas sintáticos de um item lexical são as chamadas “estruturas de valência”. Segundo Crystal (2000, s.v. *valência*):

A valência refere-se ao número e ao tipo de laços que podem existir entre os elementos sintáticos e uma gramática de valências apresenta um modelo de sentença contendo um elemento fundamental (em geral um verbo) e um certo número de elementos dependentes (denominados “argumentos”, “expressões”, “complementos ou valentes”), cujo número e tipo são determinados pela valência atribuída ao verbo.

Além disso, o autor informa que a valência não trata somente do número de complementos de um verbo para produzir uma sentença bem formada, mas também da classificação de séries de valentes que podem se combinar com diferentes verbos (da qual surgem categorias como sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adverbial etc.).

Welker (2005, p. 75), por sua vez, define a valência como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos [*i.e.* complementos] ou constituintes indispensáveis”, o que, em outras palavras, significa uma exigência pela complementação por certas categorias de itens lexicais para além dos actantes sujeito e objeto. Pelo enfoque de nosso trabalho, estamos interessados na chamada “valência sintática”, apontada pelo

autor como o tipo tradicional, em que se “indica quantos complementos (“actantes”) o verbo exige na superfície [*i.e.* da frase], qual é a forma destes complementos (objeto direto, objeto indireto com determinada preposição, adjunto ou complemento adverbial de lugar, complemento oracional etc.)” (Welker, 2005, p.81). É esta definição de valência que utilizamos como referência, embora o modelo de representação sintática que apresentamos no último capítulo especifique um número X de actantes para tratar problemas que consideremos essenciais.

O emprego dos verbos como transitivos diretos ou indiretos, por exemplo, corresponde geralmente a um conhecimento prático da língua por seu falante nativo, nem sempre refletida em um conhecimento teórico da gramática, por isso mesmo muitas vezes sendo dispensável um comentário gramatical no dicionário sobre o léxico da língua nativa do usuário. Mas, para um falante não-nativo, as informações gramaticais sobre o léxico de L2 são muito necessárias, uma vez que a sua intuição para o uso da língua é relativamente desprivilegiada. A propósito, discutindo a necessidade da representação sintática dos verbos nos dicionários, Welker (2005, p.81) indica que uma das dificuldades é justamente saber quais os complementos são imprescindíveis quando se trata da “valência sintática”. O autor menciona que freqüentemente se faz alusão aos actantes sujeito e objeto direto sem que fique claro se, por exemplo, o objeto direto é absolutamente imprescindível em todos os casos. Muitos verbos classificados como transitivos, como o verbo *comer* (ver Au, 1998, s.v. *comer*) acabam tendo usos intransitivos: “ela já comeu” (“fez sua refeição”). Mas, chama especialmente a atenção o fato das análises de Welker (*ibid.*) indicarem que há um certo silêncio sobre o papel das preposições nestas estruturas, aspecto que consideramos essencial para um tratamento dos equivalentes no dicionário ativo para que informações relevantes não fiquem implícitas ou subentendidas.

O problema principal para a transferência de material lingüístico de L1 para L2 refere-se ao anisomorfismo dos aspectos sintáticos dos equivalentes, que pode ser visto através do seguinte exemplo: *recusar*, em português, pode significar “não aceitar o que é oferecido” (HouE 2002, s.v. *recusar*, ac.1), por exemplo: “recusou o posto que lhe ofereceram”. Além disso, *recusar* pode significar “opor-se, negar-se a” (HouE 2002, s.v. *recusar*, ac.4), por exemplo: “ela recusou-se a sair”. O verbo da inglesa “to refuse” cobre estas duas acepções perfeitamente:

<p>refuse v [I,T] to state one's strong unwillingness to accept; say no (to) (...) 3. to show or state strong unwillingness to do something. (...)</p>

LDEL (1995, s.v. *refuse*, acepções 1 e 3)

O detalhe é que a acepção 4 de *recusar* (HouE 2002, s.v. *recusar*) é reflexiva (“recusar-se”), enquanto a acepção correspondente de *refuse* (LDELC, 1995, s.v. *refuse*) não o é. O resultado é que enquanto se diz em português: “ela recusou-se a sair”, para a qual se adota a forma reflexiva, em inglês, seu equivalente seria: “she refused to leave” (literalmente “ela recusou partir”). Conseqüentemente, a relação semântica satisfatoriamente análoga entre um item lexical da L1 e seu equivalente não é acompanhada por uma representação das mesmas propriedades sintáticas.

A generalização de uma analogia semântica entre dois itens lexicais como *recusar* e *refuse* pode conduzir o usuário ao engano quando ele procurar empregar o equivalente de *recusar* para produzir em língua inglesa, uma vez que existem particularidades sintáticas do equivalente de L2 não correspondentes às características do item lexical L1.

Conseqüentemente, deve haver formas de indicar as características individuais de cada equivalente em relação ao lema, neste caso, utilizando-se a marcação de valência identificando seus actantes em termos de transitividade (complementação com objeto direto/indireto, ou mesmo ausência de complementação, como no caso dos verbos intransitivos), bem como as devidas preposições (quando, naturalmente, é o caso).

4.6.1.1.5. Microestrutura Abstrata e Microestrutura Concreta

Se imaginarmos que cada dicionário bilíngüe pode ser realizado para propósitos e usuários diferentes, isto significa que o mesmo item lexical teria, em cada uma das obras, um tratamento diferente de acordo com as finalidades e os usuários específicos de cada caso. Uma oposição aparentemente fácil de demonstrar seria entre um dicionário escolar e um dicionário técnico, pois as necessidades informativas e as capacidades lingüísticas de uma criança e de um especialista adulto são, como seria de se esperar, naturalmente distintas. Observando os verbetes abaixo, podemos concluir que, consideradas diferenças tão marcantes, a distribuição de informações do dicionário procura estar de acordo com suas necessidades:

mixture – mistura, liga, composição. § Coarse grain mixture – Mistura de granulação grossa. § fine grain mixture- Mistura de granulação fina. § Meagre mixture – Mistura magra. § Rich mixture – Mistura forte.

mixture [ˈmɪkstʃə], s. mistura, mescla; misto.

DEIPPI (1990, s.v. *mixture*)

No verbete do dicionário técnico OD (1979, s.v. *mixture*), percebemos que não existe nenhum comentário de forma, indicando a que classe de palavra lema e equivalentes pertencem. A idéia é, provavelmente, que não importam detalhes gramaticais para um técnico, e sim a especificidade do conteúdo das palavras, o qual possa permitir ao seu usuário o entendimento de um texto escrito em inglês. Já o dicionário escolar DEIPPI (1990, s.v. *mixture*) apresenta a pronúncia e a classe de palavra a que pertencem a entrada, informações consideradas úteis para um aprendiz de idiomas.

A especificidade que se vê em um ou outro caso para a microestrutura dos dois dicionários bilíngües vistos acima não chega a oferecer problemas de utilização de uma obra pelo usuário da outra (já que suas informações são básicas), mas, para dicionários com informações mais detalhadas, pode haver conseqüências indesejadas, como a pouca aplicabilidade das obras fora dos âmbitos para os quais foram planejados, o que significa uma redução do público consumidor. Sob a perspectiva estrita da lexicografia, a especificidade é a resposta necessária para a crescente especialização das áreas. Tanto no caso dos exemplos apontados inicialmente, do dicionário técnico e do dicionário escolar, e especificamente no caso do segmento de microestrutura do dicionário ativo para o tradutor que desejamos fundamentar, devem estar previstas as necessidades dos usuários que desejamos atender. Por isso, para um adequado tratamento das equivalências, são necessários levantamentos que possam prever tipos de informação que deverão ou não ser incluídas, a fim e orientar o lexicógrafo ou equipe de lexicógrafos na coleta e ordenação destes materiais.

Um conceito básico para se poder gerar segmentos de microestruturas tem origem, por força de uma maior tradição teórica, na lexicografia monolíngüe. Hausmann, Wiegand (1989, p.340) tomam como modelo básico de microestrutura aquele que consideram clássico, referente ao modelo de Rey-Debove (1971, p.21, apud Welker, 2004, p.107), que estava baseado em um programa de informações microestruturais linearmente distribuído. Para os autores, o “conjunto de informações ordenadas de cada verbete após a entrada deveria ser organizado de forma constante e padronizada”.

Mas para poder fornecer um projeto mais amplo sobre os segmentos de microestrutura tendo como pressuposto a existência de diversas classes de itens lexicais, seria preciso propor modelos de microestruturas diferentes, por isso os autores chegam à conclusão de que: “isto significa que um dicionário de língua geral com n classes de signos itens tem exatamente n

tipos de microestruturas (hierárquicas) abstratas” (Hausmann, Wiegand, 1989, p.344)⁴². Pressupondo que também para o dicionário bilíngüe diferentes tipos de itens lexicais podem exigir diferentes tipos de informação de apoio, portanto diferentes tipos de modelos abstratos, escolheu-se desenvolver um segmento referente ao verbo.

Ainda fazendo alusão às contribuições de Hausmann, Wiegand (1989, p.344) e combinando-as às de (Welker, 2004, p. 108), podemos nos valer de conceitos lexicográficos que se apliquem mais estreitamente ao dicionário bilíngüe. Acerca da microestrutura abstrata e da microestrutura concreta, podemos, então entender que:

a) “A microestrutura abstrata de um dicionário padronizado é uma estrutura de ordem formada de classes de itens que têm a mesma função.” Hausmann, Wiegand (1989, p.344)⁴³ [tradução nossa].

Em outras palavras, trata-se da disposição de tipos de informação de apoio para uma determinada classe de palavras. Entendendo que uma mesma classe de informações pode não se encontrar disponível para todos os itens lexicais pertencentes a uma mesma categoria, podemos aceitar sua ausência no segmento da microestrutura concreta que havia sido definido para representá-lo na microestrutura abstrata. A delimitação de uma macroestrutura abstrata serve para entender o que deveria ser fornecido evitando, por exemplo, que por causa da ausência de um determinado tipo de informação, um tipo alternativo de informação (não previsto na microestrutura abstrata) acabe sendo fornecido como uma forma de compensação.

b) “(...) A [microestrutura] concreta é aquela que se vê em determinado verbete, é a forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas”; (Welker, 2004, p. 108).

Uma conclusão a que podemos chegar é que, a definição do conceito de microestrutura abstrata para um dicionário bilíngüe implica a tentativa de se prever o maior número possível de características de uma classe de palavras que possam ser úteis para um determinado usuário, o que, nem por isso garante uma distribuição sempre uniforme de informações, levando em consideração, entre outros aspectos, o anisomorfismo lingüístico

⁴² [This means that a general monolingual dictionary with n types of classes of lemma signs has exactly n abstract (hierarchical) microstructures.]

⁴³ [The abstract microstructure of a standardized dictionary is an order structure made up of classes of items which have the same function.]

(capítulo 2). Portanto, que, eventualmente, não sejam encontrados a mesma qualidade e a mesma quantidade de informações de apoio às equivalências (ainda que se considerem lemas pertencentes à mesma classe gramatical) é, em certa medida, um fato previsível. Muito diferente, é a distribuição aleatória de informações. Não é porque um determinado item informativo se encaixa a uma determinada classe de palavras que devemos oferecê-la no dicionário. Ele precisa estar a serviço da função do dicionário e também do seu usuário, por isso havendo a necessidade de determiná-la claramente no modelo abstrato.

Finalmente, é preciso comentar que, apesar de considerarmos como essenciais os conceitos de microestrutura abstrata e microestrutura concreta, nosso modelo abstrato é formado de informações básicas (que deverão estar preenchidas na maioria dos casos), o que deve dificultar a percepção das diferenças entre os dois aspectos.

4.6.1.1.6. A Ordem dos Equivalentes na Microestrutura

A distribuição dos equivalentes na microestrutura do dicionário bilíngüe é um assunto que desperta interesse especial porque o elemento que assume a posição inicial em uma lista de equivalentes tende a ser visto como de especial importância em relação aos outros: ele poderia ser, por exemplo, o que mais freqüentemente aparece como equivalente do lema, ou, também, o que mantém a maior afinidade semântica com o lema. Critérios de ordenação de acepções foram inicialmente considerados por Haensch (1982, p.314) para o dicionário monolíngüe, que, como se observa na prática lexicográfica, acabam, muitas vezes, sendo estendidos às obras bilíngües. Das considerações de Haensch (1982, p.315) sobre a ordem dos equivalentes, certamente o critério da freqüência de uso para a ordenação das acepções é dos que recebe maior destaque, pois é especialmente quando o dicionário bilíngüe apresenta os equivalentes em seqüência contínua sem divisão de acepções ou inclusão de marcadores semânticos que os critérios da ordenação de equivalentes poderiam ser mais necessários na obra lexicográfica.

Mas a ordenação dos equivalentes pode representar um problema ainda mais complexo para um dicionário bilíngüe se considerarmos que a ordenação das acepções do dicionário monolíngüe pode não coincidir em muitos aspectos. Em geral, embora pareça haver uma tentativa de distribuição dos equivalentes sob algum critério lógico, ao analisarmos mais atentamente, podemos perceber a dificuldade em se manter apenas um critério. A impressão acaba sendo, muitas vezes, que a ordenação de equivalentes é aleatória, em

especial para os que estão distribuídos em posições secundárias do verbete. Consideremos, por exemplo, o seguinte verbete:

to.mar

[tom'ar] v. to take; to seize, catch, capture; to grasp; to conquer; to take possession of; to gather, collect; to receive, get, gain, win; to eat, drink; to take away, accept, admit, consider. tomar fôlego to catch one's breath. tomar a iniciativa to take the lead. tomar a mal to take amiss.

MicE (2002, s.v. *tomar*)

Ainda que o equivalente *take* seja possivelmente o que mais comumente substitui *tomar* nas traduções em inglês, o que pode levar a concluir que a disposição de equivalentes segue o critério de frequência, é preciso considerar também a distribuição dos subconjuntos (que no verbete acima são marcados pelo ponto-e-vírgula). À medida que o número de equivalentes vai se elevando, torna-se difícil distinguir se os equivalentes listados nas últimas posições são menos frequentes ou se incorrem outros fatores para sua distinção. Seguindo rigorosamente o critério de frequência, teríamos de concordar que equivalentes como *grasp* (do subgrupo de *take*) e *gather* (do subgrupo de *take away*), dificilmente seriam empregados pelo consulente, porque a sua ordenação nos indicaria que eles seriam os últimos a serem adotados em termos de frequência. Aparentemente, isto nos indica que há alguma inconsistência nesta distribuição. Apesar de concordar que os equivalentes *grasp* (“agarrar”) e *gather* (“coletar”) devem ser mesmo os menos frequentes, eles são, de fato, itens lexicais com uma maior especificidade semântica, por esta razão sendo menos frequentes que um item como *tomar*, que pode virtualmente funcionar como um hiperônimo dos demais equivalentes listados.

O que queremos dizer é que o critério de frequência sozinho pode levar a conclusões inconsistentes com o devido emprego dos equivalentes, inclusive porque este aspecto pode ser entendido de diferentes formas, sendo “o mais frequente”: a) equivalente que substitui a acepção mais comum do lema em L1; b) o equivalente que substitui mais frequentemente na L2 determinada acepção do lema; c) as duas hipóteses juntas; d) nenhuma das duas hipóteses (como, por exemplo, o equivalente que representa a acepção mais comum do lema em L2 e não em L1);

Em outras palavras, a distribuição dos equivalentes pela frequência pode tornar-se pouco esclarecedora se não há uma clara definição sobre como se entende o problema e como se pode ilustrá-lo no dicionário bilíngüe.

Quando se trata de escolher o equivalente adequado, distinções semânticas parecem ter um papel tão ou mais relevante na decisão do tradutor em empregá-lo ou não. Uma vez que outras distinções não são sinalizadas na microestrutura, a distribuição por frequência pode levar a generalizações imprecisas sobre o emprego dos equivalentes, como considerar que os últimos equivalentes de uma lista são desusados quando podem não ser.

A ordenação por analogia à distribuição de acepções do lema através do dicionário monolíngüe também parece mostrar-se insuficiente. Primeiramente, um lema da língua portuguesa pode, por exemplo, ter dez acepções diferentes registradas no dicionário monolíngüe, mas isto não significa necessariamente que ele terá dez equivalentes na L2: o mesmo equivalente de L2 pode cobrir mais do que uma acepção da L1, o que resultaria em um número inferior de equivalentes em relação ao número de acepções, e, inversamente, uma mesma acepção pode subdividir-se em mais equivalentes na L2. Em um ou outro caso é praticamente impossível manter uma coordenação um-por-um entre o número de acepções de uma palavra e o número de seus equivalentes de L2 (ver os graus de equivalência de Kromann (1991, p.2717)- item 2.4).

Concluimos que uma grande dificuldade para o dicionário bilíngüe é que o anisomorfismo lingüístico, subjacente ao estabelecimento de equivalências lexicais, não ressalta apenas características semânticas próprias dos equivalentes contrapondo-as às características semânticas do lema, mas também chama a atenção para outras características como a frequência de uso diferenciada de acepções de um determinado lema e de seus supostos equivalentes, que devem ser vistas independentemente. Estes aspectos tendem a ser ignorados pela grande complexidade de dados que o problema envolve, o que implica, em geral, um insuficiente tratamento dos equivalentes oferecidos em um dicionário bilíngüe. Esta indistinção tem haver não só com uma visão da língua enquanto nomenclatura, mas também com o próprio levantamento e organização insuficientes de dados lexicológicos que deveriam ser pressupostos básicos do trabalho lexicográfico.

Entendemos que o critério da frequência para ordenação dos equivalentes pode ser muito útil para a sua distinção, desde que coerentemente elaborado, mas, mesmo assim devemos entender suas limitações enquanto um discriminador de equivalentes. A respeito deste assunto, não podemos deixar de mencionar que os estudos sobre a avaliação da frequência de uso de itens lexicais e suas acepções depende de bancos de dados lexicais, por

exemplo, os da tradição inglesa como o *Webcorpus* (<http://www.webcorpus.uk>) e de programas de computador adequados, alguns deles livres para “download” na internet, como o *simple concordance program* (<http://www.textworld.com>). Ainda que sejam poucos e limitados os bancos de dados lexicais no Brasil, a avaliação estatística do léxico é uma possibilidade real nos dias de hoje. Mas, apesar das novas possibilidades que se abrem frente à tecnologia informática, autores como Stubbs (2001, p.221), chamam a atenção para o cuidado que se tem que ter ao avaliar os dados que podem ser gerados automaticamente pelos meios eletrônicos:

Ao dar acesso aos novos dados, a tecnologia abre tópicos de pesquisa que eram anteriormente inconcebíveis. Agora nós podemos ter fatos sobre o uso da linguagem que nenhum grau de introspecção ou análise manual poderia descobrir, e levará algum tempo até esta massa de informações ser corretamente interpretada. O computador não fará tudo sozinho[i.e será o lexicógrafo ou estudioso da língua que terá de tomar estas decisões]⁴⁴ [tradução nossa].

Em outras palavras, a simples estimativa numérica das palavras em textos de referência pode ser bastante enganosa, pois somente os critérios lingüísticos adequados é que podem conduzir a uma adequada avaliação destes dados. Aspectos tão essenciais como a composição do corpus de análise podem conduzir a resultados drasticamente divergentes. Empregados adequadamente, os critérios estatísticos podem conduzir a um levantamento sobre o uso e as aplicações dos itens lexicais de grande importância para a lexicografia bilíngüe.

É preciso dizer que, embora nos pareça potencialmente instrutivo, o emprego do critério de frequência para a ordenação dos equivalentes (especialmente considerando a frequência que um determinado equivalente substitui uma determinada acepção do lema), neste momento não dispomos dos recursos materiais (os bancos de dados lexicológicos que precisam ser criados individualmente para cada estudo específico) para desenvolver o problema da frequência. Nos apoiaremos, em um primeiro momento, em outros recursos de distinção dos equivalentes, como a inclusão de itens informativos no lado das equivalências,

⁴⁴ [In giving access to new data, the technology opens up research topics which were previously inconceivable. We now have facts about language use which no amount of introspection or manual analysis could discover, and it will take some time before this mass of new information can be correctly interpreted. The computer will not do everything (...)]

pode colaborar para a uma melhor utilização do dicionário em relação à escolha de equivalentes e emprego de equivalentes, ou seja, com relação à função ativa. A ordenação dos nossos equivalentes se dará por uma combinação da distribuição das acepções nos dicionários monolíngües de L1, separando as acepções pronominais em um bloco único, e por abrangência semântica (primeiro os cobrem mais amplamente a acepção do lema).

5. Análise de Amostras: Problemas Práticos

Víamos no capítulo 4 que a propriedade dos construtos teóricos dos diversos ramos da ciência está intimamente ligada ao rigor de sua própria terminologia, que deve, entre outros, poder delimitar o seu objeto e também auto-delimitar-se. No caso da lexicografia bilíngüe, a adoção de uma taxonomia, de um princípio classificatório de seus produtos, não é apenas útil para a orientação do trabalho do especialista, fornecendo-lhe parâmetros qualitativos e quantitativos para a elaboração do dicionário, mas também é útil ao usuário que pode estabelecer com antecedência se a obra lexicográfica que tem em mãos é minimamente apropriada ao seu perfil instrucional e às suas necessidades. Na realidade, constatamos, conforme o exposto no capítulo 4, que os conceitos lexicográficos já existentes para uma classificação mais coerente dos dicionários raramente se refletem na prática editorial, o que causa uma enorme dificuldade para a identificação e a escolha de uma obra lexicográfica que possa auxiliar no desempenho de tarefas específicas.

Conseqüentemente, para nós que desejamos analisar obras lexicográficas, tarefa que implica, entre outros, algum parâmetro de seleção de amostras, acabam não restando muitos critérios de seleção, a não ser os aspectos classificatórios vagos existentes, que podemos chamar de “impressionistas” (baseados na pura impressão). Como vimos, o tamanho do dicionário, por exemplo, é um dos critérios impressionistas que mais chama a atenção, pois não existindo estudos que relacionem tamanhos de obras (em termos de quantidade de entradas) com perfis de usuários e finalidades das obras lexicográficas, muitas vezes, a diferença entre o dicionário grande e o pequeno é, meramente, a sua dimensão física: “Volume de estante” ou “versão pocket” são, assim, classificações superficiais e que acabam não ajudando a diferenciar as obras de referência efetivamente.

5.1. Critérios para Seleção do Corpus de Análise

Depois de havermos traçado uma série de considerações teóricas nos capítulos precedentes, passaremos agora a avaliar hipóteses iniciais de trabalho, por exemplo, sobre a desconsideração dos conceitos lexicográficos para a elaboração dos dicionários, em termos práticos, ou seja, a partir da análise de obras lexicográficas propriamente ditas. Considerando que a taxonomia lexicográfica demonstra ser pouco consistente, precisamos, de fato, delimitar

alguns critérios que possam nos ajudar a especificar mais coerentemente um corpus de análise. Com este fim, selecionamos os seguintes critérios:

- a) ser um dicionário bilíngüe português-inglês em formato papel (ou ainda um volume duplo: inglês-português/português-inglês);
- b) ser uma obra geral (vocabulário não exclusivamente técnico);
- c) ser um dicionário grande (não-mini ou pocket);
- d) ser uma obra de distribuição nacional (figurando nos catálogos das livrarias on-line nacionais selecionadas);
- e) pertencer ao acervo de uso de bibliotecas universitárias (foram consideradas as instituições: Ufrgs, PUCRS e Unisinos);

Justificativa para os critérios adotados:

a) O primeiro critério, ser um dicionário bilíngüe português-inglês em formato papel, está relacionado ao fato de que muitos dicionários bilíngües feitos no Brasil ainda não possuem uma versão eletrônica e também porque as versões eletrônicas existentes para alguns deles não apresentam alterações substanciais do seu conteúdo. Acreditamos que muitas melhorias podem ser alcançadas com a elaboração dos dicionários eletrônicos em termos de levantamento e sistematização das informações, o que somente reforça a necessidade pela definição de critérios para a qualificação destas informações, e o que significa, em última instância, que a elaboração dos dicionários eletrônicos pode também beneficiar-se da discussão proposta neste trabalho. Além disso, a escolha do primeiro critério de seleção das amostras também está ligada aos conceitos de monodirecionalidade e monofuncionalidade que desejamos destacar: um dicionário para o tradutor brasileiro verter textos à língua inglesa. Entretanto, fomos obrigados a considerar também os dicionários inglês-português/ português-inglês (supostamente bidirecionais) porque a maioria dos dicionários bilíngües encontra-se editada neste formato no Brasil. Evidentemente não estamos considerando a parte inglês-português como objeto de análise, embora alguns aspectos sobre a bidirecionalidade já tenham sido brevemente mencionados no item 4.5.2 utilizando-os como exemplo. Se considerássemos apenas os dicionários eminentemente monodirecionais, o nosso corpus de análise seria drasticamente reduzido.

b) O segundo critério, também lingüístico, de não ser dicionário eminentemente técnico serve para excluir os dicionários exclusivamente especializados, cujo aspecto

terminológico os colocam em um nível de análise distinto dos dicionários de língua. Nestes últimos, importa muito a natureza das palavras e também alguns aspectos sobre o seu uso (sua inserção em categorias gramaticais, por exemplo). Sabemos que há muito léxico técnico no repertório geral da língua, mas nossa ênfase é no tipo de dicionário porque desejamos avaliar obras que privilegiem o fornecimento de informações de apoio às equivalências, por esta razão, desconsideramos os dicionários técnicos.

c) O terceiro critério, ser um dicionário grande (em outras palavras, não ser “mini dicionário”), não se deve ao fato de que acreditamos que o dicionário “grande” seja eminentemente diferente do “mini-dicionário” (geralmente pensados como destinados ao público escolar ou infantil), porque em geral não apresentam qualquer diferença em relação aos últimos. Por outro lado, existe atualmente uma profusão de mini-dicionários no mercado cuja procedência é geralmente desconhecida, havendo sido criados essencialmente como glossários sem a menor informação de apoio, não possuindo versões maiores ou mais completas, ou seja, sem ter qualquer ligação com um trabalho lexicográfico mais sério.

Portanto, a adoção do critério impressionista do tamanho nos serve para excluir principalmente estas obras que não são mais do que pequenos glossários destituídos de qualquer consideração científica séria, nos deixando com aqueles que estão, pelo menos, vinculados a uma tradição lexicográfica mais consistente.

d) O quarto critério é de ordem prática, pois devemos considerar em nossa análise obras que estejam verdadeiramente disponíveis no mercado brasileiro, ou seja, que representam efetivamente o cenário lexicográfico brasileiro. Observa-se, por exemplo, que catálogos on-line das livrarias apresentam dezenas de obras que poderiam ter relevância para o nosso estudo mas que se encontram esgotadas em seus estoques e sem previsão de reedição. Por razões práticas, somos forçados a excluí-las de nosso corpus.

e) Como quinto critério, fizemos também um levantamento da disponibilidade de obras de referência bilíngüe nas bibliotecas de três universidades de Porto Alegre (e região metropolitana): Ufrgs, PUCRS e Unisinos, para que tivéssemos também uma noção sobre quais obras lexicográficas circulam nos meios acadêmicos.

Como critério mais objetivo, também podemos adotar a própria época de lançamento dos dicionários, pela qual se pode ter perspectiva evolutiva das obras lexicográficas tendo como referência o aparecimento dos principais conceitos válidos para o nosso trabalho. Portanto, estamos falando de um período de tempo que deve cobrir pelo menos cerca de 30 anos (se tomarmos por referência à publicação de Zgusta (1971), que elabora o conceito do

“anisomorfismo lingüístico”, utilizado em nosso trabalho). Desejamos realizar uma comparação não só entre obras diferentes ao longo do prazo que estipulamos, mas também entre as várias edições da mesma obra, o que nos deve fornecer um parecer bastante pontual sobre a propensão das editoras brasileiras (ou atuando em solo brasileiro) em realizar atualizações em seus produtos em relação aos conceitos lexicográficos e à própria evolução da língua. A disponibilidade e a longevidade das obras no mercado e nas instituições educativas também são critérios úteis quanto à acessibilidade do público a elas, pois afinal, nos interessa os dicionários que efetivamente são adotados pelas pessoas e conseqüentemente que constituem para o público usuário o padrão do que deve ser um dicionário bilíngüe. O fato de ser editada (ou reeditada) por, pelo menos, uma década prova que a obra possui uma boa aceitação pelo público, ou então, que os editores acreditam que este produto encontra-se em um padrão de qualidade elevado, razão pela qual seguem investindo nela. Com relação a este ponto, a disponibilidade das obras nas bibliotecas das ciências humanas das instituições de ensino superior também foi considerada um parâmetro aceitável: devemos acreditar que as principais faculdades de letras de uma capital (no caso, Porto Alegre, RS e região metropolitana), supram suas estantes com obras lexicográficas relevantes. Por isso, foi empreendido um levantamento sobre a disponibilidade de dicionários bilíngües inglês-português nas bibliotecas destas faculdades de letras.

Entendendo, portanto, que critérios classificatórios impressionistas são claramente insuficientes para caracterizar obras lexicográficas, mas na ausência de um sistema mais preciso, desejamos relacionar dicionários bilíngües disponíveis no mercado (enquadrando-se nos critérios expostos acima) e representativos de um período de cerca de trinta anos (para tentar relacioná-los ao aparecimento das principais teorias taxonômicas empregadas neste trabalho) que possam nos dar uma idéia da incorporação ou não destes conceitos. Estamos conscientes que ao fazer isso, não podemos garantir que somente obras de uma mesma natureza estariam sendo selecionadas. Contudo, ao colocarmos lado-a-lado obras presumidamente semelhantes mas com certa diversidade organizacional no que se refere à estruturação das informações (microestruturais, por exemplo), temos a oportunidade de demonstrar a pouca consistência na sua elaboração e sua classificação, razão porque sua análise se torna justificável no fim.

De acordo com nossas hipóteses, o resultado da análise poderá comprovar a necessidade de adoção de critérios mais precisos a fim de privilegiar um usuário tão específico como o tradutor, possivelmente ainda não atendido por nenhuma obra disponível que se enquadre nos critérios apontados. Acreditamos que através da análise poderão ser

demonstrados em que pontos da consideração teórica ou da elaboração prática dos dicionários bilíngües existem falhas e como poderiam ser sanadas. Evidentemente, temos um grande interesse em “dicionários para a tradução”, mas como não existem dicionários com esta classificação, o corpus de análise é formado principalmente por obras efetivamente disponíveis no mercado. Acreditamos que através destes critérios podemos gerar um corpus de análise razoavelmente representativo da lexicografia bilíngüe brasileira para o estudo dos problemas microestruturais.

5.2 Levantamento de Disponibilidade de Amostras

Foram considerados as seguintes páginas da internet para o levantamento de obras disponíveis no mercado:

- a) <http://www.livrariacultura.com.br> (página da Livraria Cultura, de distribuição nacional);
- b) <http://www.saraiva.com.br> (página da Livraria Saraiva de distribuição nacional);
- c) <http://www.sbsbookservices.com.br>. (página da Livraria SBS de distribuição nacional).

As referidas páginas da internet possuem um sistema de busca em que se pode encontrar as obras por título, autor ou editora. A busca pelo índice “obras bilíngües”, no entanto, não realiza o filtro para as obras do par de línguas português-inglês, nem tão pouco exclui as obras técnicas. Portanto, esta seleção foi realizada manualmente, a partir de uma seleção mais ampla (“dicionários bilíngües”), permitida pelo sistema⁴⁵. Resultou desta seleção uma certa quantidade de títulos, que foram contrastados aos títulos disponíveis nos acervos das três bibliotecas mencionadas anteriormente (Ufrgs, PUCRS e Unisinos), pelo qual chegamos à seguinte lista:

⁴⁵ Um número expressivo de obras listadas nas páginas da internet das livrarias não se encontra efetivamente disponível (por estarem esgotadas, dependerem de envio de outras localidades do país ou por não terem previsão de reedição). Incluímos, em nosso trabalho, uma lista de dicionários da página eletrônica da *livraria cultura* (que é a que contém mais títulos) para que se pudesse contrastá-los aos critérios que definimos para a escolha do corpus (encontram-se previamente excluídas da lista, obras bilíngües técnicas e escolares). Ver anexo I.

- a) *Dicionário Escolar inglês-português/português-inglês*. Oswaldo Serpa. 8-16 ed. Rio de Janeiro: Fae – 1983-1990;- (DEIPPI, 1990)
- b) *Webster's Portuguese-English Dictionary*. Rio de Janeiro: Record James L. Taylor, 1985-2005; (WPED, 2005)
- c) *Dicionário inglês-português/português-inglês*, Leonel Vallandro. São Paulo: Globo, 1976-2002; -(DIPPI, 2002)
- d) *Michelis Dicionário Prático inglês-português/português-inglês*- São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993- 2000 (20^a ed); (MDP, 2000)
- e) *Michaelis dicionário Ilustrado inglês-português/português-inglês*- São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1991-1994; (MDI, 1994)
- f) *Collins Prático*, São Paulo: Harper Collins Publishers, 1991 –1997; (CP, 1997)
- g) *Michaelis: Moderno Dicionário inglês-português/português-inglês*- São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998 -2006 –(Dicionário Michaelis)-(MMD, 2006) ⁴⁶

Certamente o número de obras de referência como corpus em nosso trabalho parece pequeno, por outro lado, são realmente poucas as obras que se inserem em um contexto lexicográfico mais consistente.

⁴⁶ Foi considerado um certo número de edições para cada obra incluída, conforme sua disponibilidade, as quais foram contrastadas levando à conclusão de que, na verdade, tratava-se apenas de reimpressões. Para efeitos de referência, citaremos sempre pela última edição, embora isto não faça diferença para o conjunto de edições consideradas.

5.3 Análise Preliminar- A Tendência de Reimpressões e as Relações de Equivalência Inconsistentes

Os problemas microestruturais dos dicionários bilíngües começam a ser tratados em nosso trabalho mais especificamente no capítulo 4, ao longo do qual realizamos uma exposição dos conceitos básicos da lexicografia bilíngüe com ênfase para a microestrutura. Naquele momento, levantamos algumas das principais questões que, a nosso ver, respondem pela insuficiência dos dicionários bilíngües para a função ativa.

Sem ignorar que os graus de equivalência entre itens lexicais específicos variam desde um isomorfismo perfeito, pelo qual um único equivalente é capaz de dar conta da relação de equivalência, até um anisomorfismo extremo, em que não resta outra alternativa senão parafrasear o item lexical de L1 na L2, nossa principal preocupação encontra-se nos casos de equivalência parcial, os quais implicam recursos relativamente mais complexos de estabelecimento de equivalências. Neste momento desejamos realizar uma análise de segmentos informativos das microestruturas dos dicionários bilíngües à luz dos conceitos básicos expostos anteriormente no capítulo 4 (como por exemplo, o aspecto usuário, a direcionalidade e a função), pela qual possamos ilustrar as principais tendências da lexicografia bilíngüe nacional, que divergem da pretendida função ativa do dicionário bilíngüe. Para facilitar a comparação e promover a análise de problemas afins na obtenção de equivalências lexicais, escolhemos, neste ponto, trabalhar exclusivamente com a classe dos verbos.

Para realizarmos uma análise inicial quanto ao grau de adequação dos equivalentes em termos de sua seleção e também em termos de fornecimento de informações de apoio, tomemos por referência três itens lexicais do português que podem ser associados ao problema dos “falsos amigos”⁴⁷ pela sua relação a itens lexicais da língua inglesa: *assumir*, *pretender* e *realizar*⁴⁸. Lembrando que o conceito de falsos amigos, conforme Hartmann, James (2001. s.v. *false friend*) refere-se a: “uma de duas ou mais palavras ou frases de línguas diferentes, que são similares em forma mas não em significado, e.g. inglês *sympathetic*

⁴⁷ Bugueño, Félix (2002, p. 189) sugere a adoção do termo “falsos amigos” porque entende que este gera menos ambigüidades, embora reconheça que seu valor metafórico seja grande. Outros termos comumente empregados, como “falsos cognatos”, oferecem uma série de implicações que, de fato, impediriam sua aplicação a vários pares lexicais que conhecemos como falsos amigos.

⁴⁸ Citamos duas obras em que estes itens são classificados como falsos amigos: Mascherpe, Zamarin (1991, p. 19) e Santos (1983, p. 41).

“compreensivo” e o francês *sympathique* “agradável”⁴⁹ [tradução nossa], gostaríamos de demonstrar agora qual a diferença específica em significado que deve ser considerada para os pares de falsos amigos *assumir-assume*, *pretender - pretend* e *realizar-realize*:

a) *assumir*, que significa essencialmente “tomar para si, apropriar-se” (cf. HouE, 2002, s.v. *assumir*) difere-se de *to assume* da língua inglesa porque este último significa primordialmente “entender”, embora também signifique “reivindicar para si”⁵⁰ em uma de suas acepções menos usadas. Embora não totalmente anisomórfica, a relação *assumir-assume* mostra-se problemática para falante do português já que seu simples emparelhamento tende a apagar estas diferenças, não permitindo ver os casos específicos em que esta substituição pode ocorrer;

b) *pretender*, que significa em português essencialmente “aspirar a”, “desejar” (cf. HouE, 2002, s.v. *pretender*) difere-se do item lexical *pretend* da língua inglesa porque este último significa essencialmente “fingir”⁵¹;

c) e *realizar*, que significa essencialmente “concretizar”, “fazer” (cf. HouE, 2002, s.v. *realizar*), difere-se do item lexical *to realize* da língua inglesa porque este último significa essencialmente “entender”, “tornar-se consciente”⁵², sendo raros e bem delimitados os casos em que *to realize* pode ser usado como equivalente de *realizar*.

Como se pode observar, as três relações lexicais acima demonstradas referem-se ao problema de “falsos amigos” enquanto palavras de línguas diferentes que são parecidas na forma mas não no significado, conforme a definição de falsos amigos de Hartmann, James (2001. s.v. *false friend*) nos permite entender. Por outro lado, chama a atenção o fato de que não ocorre exatamente o mesmo tipo de relação para cada par de falsos amigos demonstrados acima: Uma vez que, em pelo menos uma situação, os itens lexicais *assume* e *realize* (inglês) podem substituir respectivamente *assumir* e *realizar* (português), isto significa que os pares

⁴⁹ [One of two or more words or phrases from different languages, which are similar in form but not in meaning, e.g. English *sympathetic* ‘understanding’ and French *sympathique* ‘pleasant’. (...)]

⁵⁰ De acordo com a distribuição de acepções de LDEL (1995, s.v. *assume*), este verbo significa: 1 “acreditar como verdadeiro”; 2 “tomar ou reivindicar para si”; 3 “começar a ter” e 4 “fingir ter”.

⁵¹ A definição de *to pretend* segundo LDEL (1995, s.v. *pretend*) expressa que ele significa, de fato, “dar uma impressão com a intenção de enganar (ou seja, “fingir”). cf. nos anexos II.

⁵² Segundo o LDEL (1995, s.v. *realize*) o equivalente *realize* significa: 1 “entender e acreditar (um fato), ser ou tornar-se consciente de; 2 “fazer (uma esperança, um propósito, um medo, etc.) real; 3 “converter em dinheiro pela venda” cf. nos anexos II.

assumir-assume e *realizar-realize* poderiam ser classificados como falsos amigos relativos (ver notas de rodapé 45 e 47), enquanto somente o par *pretender=pretend* poderia ser classificado como um falso amigo absoluto, porque não existiria nenhuma situação em que *pretend* pudesse substituir *pretender* (ver nota 46).

A este respeito, Bugueño (2003, p.115) explicita os possíveis tipos de relações sêmicas que podem estabelecer-se em um dicionário para falsos amigos da seguinte forma:

- I. um par léxico apresenta uma ou mais significações comuns e uma ou mais significações diferentes;
 - I.1. as significações divergentes se dão nas duas línguas consideradas;
 - I.2. as significações divergentes se dão somente em uma das línguas consideradas;
- II. um par lexical apresenta somente significações divergentes;⁵³
[tradução nossa]

A conseqüência do fenômeno de variação do grau de equivalência entre pares lexicais considerados falsos amigos é que cada um deverá ser tratado individualmente: nos casos em que se admita alguma significação comum, o equivalente pode ser sugerido, desde que devidamente marcado; nos casos em que não há significação comum, o falso amigo simplesmente não deve constar da lista de equivalentes;

Para a análise que se procederá, portanto, estamos admitindo que para os lemas *assumir* e *realizar* (português) sejam sugeridos como equivalentes respectivamente *assume* e *realize* (inglês), desde que sua condição de falso amigo seja, de alguma maneira, marcada. Somente o para o lema *pretender* (português) não se admite *pretend* (inglês) como equivalente, uma vez que entendemos sua relação como sendo de falsos amigos absolutos.

Em suma, o tratamento do problema dos falsos amigos não pode ser único, uma vez que as relações de equivalência que se estabelecem sob este conceito são variadas.

⁵³ [I. un par léxico presenta una o más significaciones comunes y una o más significaciones diferentes
I.1. las significaciones divergentes se dan en una de las dos lenguas consideradas
I.2. las significaciones divergentes se dan solamente en una de las lenguas consideradas
II. un par léxico presenta solamente significaciones divergentes]

A partir do exposto acima, podemos avaliar agora a apresentação dos diversos tipos de falsos amigos nos seguintes verbetes:

assumir, to assume, take on; to take over; to take charge of; (*responsabilidade*) to take upon oneself, to shoulder; (*ares*) to put on.

DIPPI (2002, s.v. *assumir*)

pretendente, pretender; claimant; candidate, aspirant; (*requerente*) applicant; (*galanteador*) suitor, wooer. || ~**der**, to pretend, to lay claim to; to aspire to; to aim at; to intend, mean, purpose, contemplate; to allege. || ~**são**, pretension, claim; aim, design, aspiration; (também *pp.*) pretentiousness, pretenses, airs. || ~**sioso**, pretentious, assuming, arrogant, affected; (*fam.*) highfalutin. || ~**so**, supposed, reputed, so-called; seeming; would be ; self-styled.

DIPPI (2002, s.v. *pretendente*)

realização, fulfillment, accomplishment, execution; doing; achievement; realization, fruition; conversion into money. || ~**ar**, to fulfill, carry out, accomplish; to do, perform, achieve, execute; to realize; to effect; (*reuniões etc.*) to hold; (*negócios*) to transact; to convert into money. || ~**ar-se**, to take place, to happen, occur; to come true, to come off. || ~**ável**, achievable, feasible.

DIPPI (2002, s.v. *realização*)

Esta análise preliminar de um primeiro grupo de amostras revela que os diversos tipos de relações entre falsos amigos (relativa para os pares *assumir-assume*, *realizar- to realize* e absoluta para *pretender-pretend*), são apresentadas nos verbetes acima como equivalências totais, equívoco que se perpetua pela tendência em reeditar as obras lexicográficas sem a realização de revisões. Chamamos a atenção especialmente para a relação entre *pretender = pretend*, sugerida em DIPPI (2002, s.v. *pretendente*) que é inexistente, desde que *to pretend* significa essencialmente “fingir”. Embora a relação *realizar-realize* não tenha destaque no verbete acima (*realize* é o sétimo equivalente dentro do subconjunto), não há, de qualquer maneira, nenhuma informação de apoio que nos permita entender que *realize* só pode substituir *realizar* em casos muito restritos como por exemplo: “realizar uma ambição” ou

“realizar um sonho”⁵⁴. Assim, um primeiro aspecto que gostaríamos de ressaltar é o evidente equívoco de não realizar atualizações que permitiriam corrigir equívocos sobre a sugestão de relações de equivalência entre falsos amigos absolutos. Em segundo lugar, a falta de informação de apoio para diferenciar o emprego dos falsos amigos relativos, sugere que não se pensou em quem poderia vir a utilizar a obra lexicográfica. Sua desatualização, portanto, também se dá pela desconsideração dos conceitos empregados neste trabalho como referência teórica (como por exemplo, a questão do usuário).

A análise comprova que ao longo de seus mais de quarenta anos (considerando como referência sua primeira edição de 1964), o dicionário DIPPI (2002) é rigorosamente o mesmo, não tendo sequer alterado seu projeto gráfico (pelo qual se poderia haver mudado o modelo dos caracteres, seu espaçamento ou mesmo sua cor). Inclusive o próprio texto introdutório é rigorosamente o mesmo, aspecto pelo qual revela-se que ou os editores realmente não consideram relevante a apresentação (porque os usuários possivelmente não as leiam), ou não supõem que ao longo dos mais de quarenta anos de circulação da obra, tenha havido mudanças relevantes quanto ao perfil e às necessidades do usuário que o dicionário deveria atender.

Exemplo do mesmo problema é o DEIPPI (1990). Publicada desde 1957, a obra não sofre, através de amostragem levantada, absolutamente nenhum tipo de atualização. A última edição encontrada foi contrastada com as edições de 1969 (6^o edição) e de 1982 (8^o edição). A análise dos verbetes (relacionados aos exemplos de falsos amigos utilizados na análise anterior) demonstra que também aqui se sugere que as relações entre lema e equivalentes é de equivalência total:

assumir , v. to assume, to take on.
--

DEIPPI (1990, s.v. *assumir*)

pretender , v. to intend, to have thought; to claim; to aim at; to long for; to strive, to endeavour.
--

DEIPPI (1990, s.v. *pretender*)

⁵⁴ Estas acepções estão de acordo com LDELC (1995, s.v. *realize* acepção 4) e significam mais propriamente “concretizar” algo, ou “ter algo que se concretiza por si só”.

realizar, v. to fulfil, to accomplish, to achieve, to bring into being, to carry out. –*se*, to take place, to come true (dream); to be realized, achieved; to achieve one's ambitions.

DEIPPI (1990, s.v. *realizar*)

Ainda que não estabeleça a relação *pretender-pretend* (que podemos considerar como a de falsos amigos absolutos), as relações parciais entre *assumir-assume* e *realizar-realize* não são marcadas de nenhuma maneira, pelo que o usuário é levado a entendê-las como relações de equivalência totais.

Outro fenômeno de reedições e de relações de equivalência inconsistentes e que não evoluem é o WPED (2005). As edições comparadas são de 1987, 1998, 2003 e 2005. Chama a atenção que a capa da obra ostenta os dizeres: “revised edition” (“edição revisada”) quando não há absolutamente nenhuma alteração entre as edições. Os verbetes do WPED (2005) para os mesmos itens lexicais apresentam-se assim⁵⁵:

assumir (v.t.) to assume, take on; to take over; to take upon oneself; to take charge. [to assume, in the sense of taking for granted, is ADMITIR.]

WPED (2005, s.v. *assumir*)

pretender (v.t.) to pretend, lay claim to; to aspire to, aim at; to intend, mean purpose. –**a mão de**, to aspire to the hand of. [To pretend in the sense of feign, sham, make believe, is FINGIR, SIMULAR, FAZER DE CONTA.]

WPED (2005, s.v. *pretender*)

realizar (v.t.) to realize, effectuate, fulfill, carry out, accomplish, bring to pass; to convert (checks, etc.) into actual money; (v.r.) to take place, come true. [to realize, in the sense of understanding clearly, is PERCEBER, COMPREENDER.]

WPED (2005, s.v. *realizar*)

Neste último conjunto de exemplos visto acima, podemos perceber que a relação *pretender-pretend* encontra-se sugerida, o que, para nós, é o caso de inadequação mais gritante. Com relação aos falsos amigos *assumir-assume* e *realizar-realize*, persistem os

⁵⁵ Além do contraste que estamos realizando entre os verbetes dos vários dicionários para *assumir*, *pretender* e *realizar*, analisaremos posteriormente outros verbetes (referentes a outros lemas) para avaliar problemas como o fornecimento de informações sintáticas.

mesmos problemas apresentados antes sobre a falta de informações de apoio para a correta utilização dos equivalentes.

Com relação ao fenômeno das reedições de dicionários feitos no Brasil, devemos analisar um dicionário que tem uma forte presença no mercado, o MMD (2006). Constatamos que os dicionários Michaelis, assim como outras obras analisadas, apresentam uma considerável quantidade de reimpressões e também de reaproveitamento de materiais, pois encontramos seus produtos em diversos formatos e sob diversos títulos. Primeiramente, apresentamos os verbetes para os mesmos itens lexicais selecionados para os exemplos anteriores, utilizando como exemplos de falsos amigos. Aqui vemos, então, *assumir*, *pretender* e *realizar* no MMD, que em 2006 atingia sua 7ª impressão:

assumir [asum'ir] vt **1** to assume. **2** to take over. **3** to shoulder, take upon oneself. **assumir a responsabilidade** to assume responsibility. **assumir o comando** to take over the command.

MMD (2006 s.v *assumir*)

pretender [pretẽd'er] vt+vint+vpr **1** intend, assume, mean, plan, purpose. *você pretende ficar? /do you intend to stay?/ você sabe o que pretende fazer?/ do you know what you intend to do? 2* aspire, wish, aim at, stand for, expect. *ele pretende viajar amanhã/ he expects to leave tomorrow. o que é que ele pretende? / what is he driving at? 3* to assert, to affirm. **4** **pretender-se** to pass oneself off for. **pretender uma mulher** to suit, woo, court a woman.

MMD (2006, s.v *pretender*)

realizar [řrealiz'ar] vt+vpr **1** carry out, effect, carry through, put into practice. *ele conseguiu realizar os seus planos/ he went through with his plans. 2* to fulfill, achieve, to accomplish, realize. **3** to consummate. **4** *Com* to transact, convert into cash. **5** **realizar-se** to happen, come about, take effect, take place, come true. *seus sonhos se realizaram/ her dreams came true. a reunião realizou-se em/ the meeting was held at. 6 to produce, create.*

MMD (2006, s.v *realizar*)

Apesar de não havermos excluído a possibilidade de que, em um caso bem delimitado, *realize* (inglês) pudesse substituir *realizar* (português), chama a atenção, de qualquer modo, que o MMD (2006) já não sugira mais esta relação de equivalência, o que parece demonstrar que ela começa a ser encarada como uma relação de falsos amigos absolutos. Também é digno de nota que não aparece mais a relação *pretender-pretend*, o que, especificamente pode ser considerado um avanço em relação, por exemplo, ao WPED (2005, s.v. *pretender*). Continua, ainda assim, sendo apresentada a equivalência *assumir-assume* sem informações de apoio para a sua correta utilização.

Nossa análise também levou em consideração o MDP (2000) e o MDI (1994), que são produtos Michaelis anteriores ao MMD (2006), mas que compartilham uma boa parte do conteúdo da sua microestrutura, cujo contraste também pode nos fornecer uma perspectiva de evolução do trabalho lexicográfico que se pratica hoje. Observemos, na seqüência, os mesmos lemas analisados no MMD (2006) para o MDP (2000):

assumir v 1. to assume. 2. to take over. 3. to shoulder, take upon o. s. 4.to enter upon or accede to an office. 5. to arrogate.

MDP (2000, s.v. *assumir*)

pretender v. 1. to pretend: a) claim, demand, come in for. b) aspire, wish, aim at, stand for, expect. c) intend, contemplate, purpose, think, mean. 2. to assert, affirm. 3. ~-se to pass o.s. off for.

MDP (2000, s.v. *pretender*)

realizar v.1. to realize. 2. put into practice. 3. to achieve, accomplish. 4. to consummate. 5. (com) to transact. 6. to perceive. 7. ~-se to happen, come about, take effect. 8. to produce, create.

MDP (2000, s.v. *realizar*)

Vemos que, na análise dos verbetes do MDP (2000), as relações de falsos amigos são sugeridas, mesmo no caso dos falsos amigos absolutos *pretender-pretend*. Para as demais relações (*assumir-assume* e *realizar-to realize*), constatamos, como nos demais dicionários analisados, que não há qualquer informação de apoio para o emprego correto dos equivalentes.

Trouxemos, para uma última comparação, os verbetes do dicionário bilíngüe MDI (1994) da Michaelis, os quais vemos a seguir para os mesmos lemas estudados:

assumir v 1. to assume. 2. to take over. 3. to shoulder, take upon o. s. 4. to enter upon or accede to an office. 5. to arrogate.
 ~ **o comando** to take over the command. ~ **a responsabilidade** to assume, shoulder the responsibility. ~ **o risco** to take the risk.

MDI (1994, s.v. *assumir*)

pretender v 1. to pretend: a) claim, demand, come in for. b) aspire, wish, aim at, stand for, expect. c) intend, contemplate, purpose, think, mean, assume. 2. to assert, affirm. 3. ~-se to pass o. s. off for.
 ~ **uma mulher** to suit, woo, court a woman. **ele pretende viajar amanhã** he expects to leave tomorrow. **o que é que ele pretende?** what is he driving at? **você pretende ficar?** do you intend to stay? **você sabe o que pretende fazer?** do you know what you are about?

MDI (1994, s.v. *pretender*)

realizar v. 1. to realize. To bring to pass, carry through, put into practice. 3. to fulfill, achieve, to accomplish. 4. to consummate. 5. (com) to transact, convert into cash. 6. to perceive, recognize as a fact. 7. ~-se to happen, come about, take effect. 8. to produce, create.
a reunião realizou-se em/ the meeting was held at. **ele conseguiu ~ seus planos** he went through with his plans. **precisaram ~ todo o capital necessário** they had to raise all the necessary money.

MDI (1994, s.v. *realizar*)

Observa-se que no MDI (1994) são sugeridas exatamente as mesmas relações para os falsos amigos que no MDP (2000), ou seja, as de *assumir-assume*, *pretender-pretend* e *realizar-realize*, exemplos em que se mantêm os equívocos básicos já constados para os verbetes analisados anteriormente: sugestão de relações inexistentes e falta de informação de apoio. Além disso, observando os verbetes análogos para os três últimos dicionários

analisados (MMD (2006), MDP (2000) e MDI (1994)), fica bem evidente o reaproveitamento dos materiais com alterações superficiais, por exemplo, a mudança do tamanho da fonte, redução aleatória do número de equivalentes por subconjunto e a mudança de posição dos equivalentes, ora intercalando exemplos, ora jogando-os para o fim do verbete.

Especificamente, vê-se que o MDP (2000) reduz aleatoriamente o número de equivalentes por subconjunto, uma vez que, como seu próprio título quer ilustrar, ele é pretendido como um dicionário “prático”, enquanto o MDI (1994) apresenta basicamente as mesmas relações de equivalência que o MMD (2006) com exceção do equivalente *realize* (inglês) que figura no MDI (1994, s.v. *realizar*) e não mais no MMD (2006, s.v. *realizar*), pois em seu lugar encontra-se inserido adequadamente o equivalente *carry out* (inglês).

Conclui-se, a partir disso, que este tipo de classificação das obras lexicográficas, pela qual elas se denominam ora como “práticas”, ora como “acadêmicas” e outros tantos títulos como o permita a criatividade dos seus elaboradores, é destituída de uma consideração teórica adequada, que, no caso das obras mencionadas, pudesse, por exemplo, não só delimitar o conceito de um “dicionário prático”, mas que também pudesse justificar tal conceito. Isto demonstra uma tendência a classificar as obras a partir de aspectos fenomenológicos, ou seja, puramente impressionistas.

Constata-se, além disso, que se mantêm basicamente as mesmas impropriedades de seleção e apresentação de equivalentes nos vários verbetes apresentados acima, pertencentes ao DIPPI (2002), DEIPPI (1990), WPED (2005), MMD (2006), MDI (1994) e MDP (2000). Na maior parte dos dicionários de nossa amostra (DIPPI (2002), WPED (2005), MDI (1994) e MDP (2000)), os verbetes sugerem como equivalentes totais (inclusive por lhes dar posição de destaque na lista de equivalentes) as relações de equivalência que classificamos como de falsos amigos. Colocando o problema de uma maneira diferente, todos os conjuntos de verbetes de cada dicionário pertencente ao corpus de análise apresentaram problemas com relação ao tratamento dos falsos amigos, sendo o menor deles a falta de informação de apoio quando se admitem significações comuns, e o pior deles a sugestão de relações inexistentes.

Quanto ao problema do reaproveitamento de materiais, detectado especialmente com relação às amostras dos dicionários MMD (2006), MDI (1994) e MDP (2000), não podemos dizer que isto é um erro em si, pois reaproveitar materiais faz parte de uma prática de gerenciamento de banco de dados, por outro lado, a resistência em reavaliar estes materiais a fundo impede que produtos lexicográficos efetivamente novos sejam criados.

Considerando que a própria língua evolui, a atualização dos dicionários é uma exigência inerente à sua elaboração, independente dos avanços da própria lexicografia teórica

e prática. Por conta da tendência de reimpressão, algumas relações de equivalência equivocadamente estabelecidas entre falsos amigos (como visto nas amostras) acabam se perpetuando. Ao não se alterar o conteúdo das obras lexicográficas (já em parte equivocado) ao longo de suas muitas edições (às vezes por décadas), põe-se sob questionamento a qualidade dos dicionários que o mercado nos oferece. Mesmo em face do argumento de que a reedição tão estendida dos dicionários seja devida à sua excelente qualidade, não podemos aceitar que um dicionário elaborado para um público usuário, definido na época de sua primeira edição, ainda seria válido para um público cujas necessidades seriam naturalmente diferentes nos dias atuais.

5.4. Falta de Atualização do Material Lingüístico

A fim de verificar a atualização do dicionário em termos do registro dos fatos lingüísticos, propomos avaliar, nesta seção, a qualidade dos equivalentes somente sob o ponto de vista da sua cobertura a novas acepções do lema. Assim, queremos demonstrar que a pura reimpressão dos dicionários antigos (sem a menor revisão ou atualização) colabora para uma condição de insuficiência do dicionário bilíngüe. Isto requer uma análise da qualidade dos itens lexicais que figuram ou não figuram na microestrutura do dicionário bilíngüe (uma questão de seleção de equivalentes).

Acreditamos que a falta de atualização do material lingüístico encontrado em nossas amostras pode ser provada por um recurso relativamente simples, que é a comparação às acepções do dicionário monolíngüe. Com isso, não queremos dizer que a cobertura de acepções do dicionário monolíngüe é mais perfeita e completa, mas ela é um recurso prático de comparação.

Passemos, então, a uma análise mais detalhada sobre a atualização do material lingüístico no dicionário bilíngüe a partir dos critérios estabelecidos acima. Para saber se uma determinada acepção existe em uma determinada língua, podemos tomar o dicionário monolíngüe como fonte de informações sobre acepções de um item lexical. Assim, O HouE (2002, s.v. *baixar*) apresenta-nos as seguintes acepções para o item *baixar*:

baixar

verbo

1 m.q. *abaixar*

2 expedir (aviso, ordem, ato, portaria etc.) aos subordinados ou a uma autoridade ou repartição inferior na hierarquia

3 internar-se (doente) em hospital

4 perder influência, importância, prestígio

5 aproximar-se do ocaso (o Sol)

6 Rubrica: informática. transferir (*software* ou dados provenientes de um computador) para o computador que está sendo operado pelo usuário, estando os dois computadores conectados por linha telefônica ou por outro canal de telecomunicações

7 devolver ou serem devolvidos (os autos) [a juízo ou tribunal inferior]

8 manifestar-se (ser espiritual, p.ex, um orixá, um guia, um caboclo) no corpo e/ou no espírito de alguém (p.ex., uma filha-de-santo, um médium); incorporar-se, materializar-se em

resumido de HouE (2002, s.v. *baixar*)

Como se pode ver no verbete acima, a acepção 6 de *baixar* significa “transferir dados provenientes de uma rede ou de um computador para outro computador”, ou seja, que esta acepção pode ser considerada perfeitamente reconhecida como corrente no uso do português.

Mas a falta de atualização nos dicionários bilíngües como o WPED (2005), obra que atualmente se encontra em sua 17^a edição, assim como nos outros dicionários relacionados como corpus, tem como consequência exatamente a ausência de acepções já legitimadas no uso da língua, como acontece em relação à 6^a. acepção do verbo *baixar* do HouE (2002, s.v. *baixar*). A fim de comprovar estas afirmações, procedamos à busca do equivalente correspondente a esta acepção de *baixar* (que seria *to download*) nos seguintes verbetes:

baixar (*v.t.*) to lower, drop, let down, bring down, take down; to lessen, reduce, decrease; (*v.i.*) to grow less, subside; to go down, descend; (*v.r.*) to stoop; to lower oneself. – **a cabeça**, to lower the head; fig., to submit, obey.- **à sepultura**, to lower to the grave. –**à terra**, to lower to the ground; also, to the grave. –**a vista, os olhos**, to lower the eyes. –**ao hospital**, to enter the hospital. – **um decreto, uma sentença**, etc., to hand down a decree, a sentence, etc.

WPED (2005, s.v. *baixar*)

Como se pode constatar, *download* não se encontra em WPED (2005, s.v. *baixar*). Pela tendência de pura reimpressão já constatada, a ausência de equivalentes representando acepções novas é, em certa medida, previsível, como acontece em relação à 6^a. acepção de HouE (2002, s.v. *baixar*) também no DEIPPI (1990):

baixar. *v.* to descend, to lower, to come or go down; to lower, to reduce; to bring or take down.

DEIPPI (1990, s.v. *baixar*)

Estranhamente, o dicionário MDI (1994), editado já nos anos 90, portanto, não sendo estranho à era da computação, não oferece o equivalente *to download* para *baixar*, mesmo em face de sua grande riqueza lexical no lado das equivalências:

baixar v. 1. to lower, let (send, bring) down. 2. to shorten, make or become shorter. 3. to incline, stoop, droop. 4. to step or go down, pass from a higher to a lower place, turn down, come down. 5. to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline. 6. to look down, cast down (eyes). 7. to bow, bend (the head, knees, etc.). 8. to reduce, humble, abase, degrade, humiliate, subdue. 9. (mus.) to sing or play in a lower tone, or more softly. 10. to travel downstream (on a river boat). 11. to set, sink below the horizon (sun, stars). 12. to issue (orders). 13. to return to inferior authorities or departments for further revision. 14. (law) to return to a lower court. 15. to throw a horse or cattle (as for branding). 16. to fall, slump. 17. ~-se: a) to bow, bend, stoop. b) to humble, humiliate o. s.

~ **o rádio** to tune down the radio. **baixei rapidamente as escadas** I came rapidly downstairs. **ela baixou a bainha** she shortened the hemline **ela baixou os olhos** she cast down her eyes. **ele baixou os preços** he reduced the prices. **ele baixou-se e pediu perdão** he humiliated himself and asked for pardon. **eles ~am a bandeira** they struck the colours. **a enchente vai baixando** the flood abates, is abating. **o menino baixou a cabeça** the boy inclined his head, ducked his head. **o ministro baixou um ofício** the minister issued a decree. **sua influência baixou muito** his influence diminished considerably. **O Supremo Tribunal baixou os autos à primeira instância** the Supreme Court of Appeal returned the pleading to the court (Court of the) first instance. **a temperatura baixou** the temperature fell.

MDI (1994, s.v. *baixar*)

Da mesma forma, nem em obras da Michaelis editadas em 2006 conseguiu-se evoluir na qualidade dos equivalentes para poder se encontrar *to download*. A grande riqueza numérica de seus equivalentes é, de fato, uma herança do MDI (1994), ou melhor, é o reaproveitamento, sob um novo layout, do material que já estava disponível, como se pode constatar a seguir:

baixar [baj'ar] vt+vint+vpr. 1 to lower, let (send, bring) down. *ele baixou os preços* / he reduced the prices. 2 to shorten, make or become shorter. 3 to incline, stoop, droop. *o menino baixou a cabeça* / the boy inclined his head, ducked his head. 4 to step or go down, pass from a higher to a lower place, turn down, come down, dismount. *baixei rapidamente as escadas* / I came rapidly downstairs. 5 to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline. *a enchente vai baixando* / the flood abates, is abating. *sua influência baixou* / his influence diminished considerably 6 to look down, cast down (eyes). *ela baixou os olhos* / she cast down her eyes. 7 to bow, bend (the head, knees, etc.). 8 to reduce, humble, abase, degrade, humiliate, subdue. *ele baixou-se e pediu perdão* / he humiliated himself and asked for pardon 9 (Mús.) to sing or play in a lower tone, or more softly. 10 to travel down-stream (on a river boat). 11. to set, sink below the horizon (sun, stars). 12 to issue (orders). *o ministro baixou um ofício* / the minister issued a decree. 13 to return to inferior authorities or departments for further revision. 14 *Dir* to return to a lower court. *o Supremo Tribunal baixou os autos à primeira instância* / The Supreme Court of Appeal returned the pleadings to the (Court of the first instance). 15 to throw a horse or cattle (as for branding). 16 to fall, slump. 17 **baixar-se**: a) to bow, bend, stoop. b) to humble, humiliate oneself. *a temperatura baixou* / the temperature fell. *ela baixou a bainha* / she lengthed the hemline. *eles baixaram a bandeira* / they struck the colours. **baixar à sepultura** to be buried. **baixar ao hospital** to be hospitalized. **baixar o pano** to lower the curtain. **baixar o rádio** to turn down the radio.

MMD (2006, s.v. *baixar*)

Curiosamente, em somente uma obra de nosso corpus de análise, com mais de uma década de existência, aparece o equivalente *download* :

baixar [baj'ã*] vt, to lower; (*bandeira*) to take down; (*ordem*) to issue; (*lei*) to pass; (*comput*) to download ♦ vi to go (*ou come*) down; (*temperatura, preço*) to drop, fall; (*col: aparecer*) to show up; ~ao hospital to go into hospital.

CP (1997, s.v. *baixar*)

É evidente que obras lançadas no início dos anos 80 e reeditadas até o início dos anos 90 sem alterações, como ocorreu com o DEIPPI (1990), período em que a internet recém chegava ao Brasil, naturalmente tendem a ignorar o equivalente *download*, pertencente a um

novo campo lexical que apenas começava a se afirmar em nosso país. Podemos dizer que o problema não é somente o critério de seleção dos equivalentes, mas primordialmente o fato de que as editoras tendem simplesmente a não realizar qualquer tipo de atualizações, reimprimindo materiais indefinidamente. A mesma tendência de reimpressão se verifica hoje de uma forma geral com relação aos dicionários bilíngües, pois, considerando o problema proposto e a análise das amostras, a maioria dos dicionários ainda ignora o equivalente *to download* para o lema *baixar*. Um aspecto desta análise que poderia ser objetado é que, devido à própria popularidade de palavras da língua inglesa ligadas à computação como *download*, *upgrade*, *reset* etc, as mesmas não precisariam ser registradas no dicionário bilíngüe, especialmente para o tradutor profissional, que tem um repertório considerável de itens lexicais da língua inglesa. Mesmo que pudéssemos aceitar um tal argumento, ele se torna vazio no momento em que praticamente não existem recursos, nem embasamento teórico suficiente para propor critérios de escolha de acepções baseadas exclusivamente na maior ou menor necessidade de um tipo de usuário. Além do mais, isto também seria uma incoerência, porque é exatamente por tratar-se de itens lexicais de amplo uso e divulgação (os quais extrapolam o jargão técnico) é que eles deveriam ser registrados nos dicionários.

Assim como o dicionário monolíngüe do português nos fornece pistas sobre novas acepções das palavras, como acontece para o verbo *baixar* em relação à acepção “transferir dados de um computador para outro”, o dicionário monolíngüe da língua inglesa comprova que existe o mesmo conceito na L2 e que *download* é exatamente o equivalente adequado para *baixar*. Assim:

download /daʊnˈəʊd/ v. [T] to move (information or programs) from one computer system to another

LDEL (1995)

Com evidências tão claras nas duas línguas para a existência de uma acepção comum, o dicionário bilíngüe deixa de cumprir seu papel essencial ao não estabelecer a equivalência entre *baixar* (“transferir dados”) e *download*, o que, no caso, representa a impossibilidade prática da transferência da língua 1 para a língua 2 através o uso do dicionário.

5.5 Pertinência e Acessibilidade dos Equivalentes

Se partirmos do pressuposto que o dicionário bilingüe deve fornecer material lingüístico para atingir as equivalências na língua 2 satisfatoriamente, ele deve não só garantir que as acepções estejam minimamente cobertas pelos equivalentes que propõe, mas também garantir que eles possam ser acessados através da sua adequada ligação às acepções específicas do lema. Como uma forma de avaliar a pertinência e a acessibilidade dos equivalentes, propomos as situações de tradução abaixo como referência para a identificação de prováveis equivalentes. Observe-se que as situações abaixo consideram o aspecto contextual para a definição dos equivalentes, além é claro, da própria semelhança semântica. Consideremos as seguintes frases:

a) “O nosso café acabou. ”	a) “Our coffee ran out ”
b) “Eu te acompanho até tua casa.”	b) “I’ll walk you to your house.”
c) “Ele apresentou provas de sua inocência.”	c) “He produced evidence of his innocence.”

Sugere-se as seguintes relações de equivalência entre itens lexicais de L1 e L2:

- a) *acabar* = *to run out*;
- b) *acompanhar* = *to walk*;
- c) *apresentar* = *to produce*;⁵⁶

Devemos, na seqüência, proceder à análise dos verbetes contendo os lemas indicados acima, para se avaliar se realmente é possível chegar aos referidos equivalentes. Assim:

⁵⁶ As traduções das frases são apoiadas pelos verbetes LLCDC (1998, s.v. *run out*), LLCDC (1998, s.v. *walk*) e LLCDC (1998, s.v. *produce*).

acabar (*v.t.*) to end, to conclude, terminate, finish; to bring to an end, close, wind up, to put an end to; to kill, to destroy; to consume, use up, exhaust; to put finishing touches on, polish, perfect; (*v.i., v.r.*) to come to an end; to die. **-com**, to end or put an end to. **-de+** an infinitive = have just + past participle; e.g. **Ele acaba de matar um homem**, he has just killed a man. **-em** to end up in; e.g. **Isto acaba em briga**, this will end up in a fight. **-mal**, to end up badly; come to no good; come to grief. **-por**, to end up by (doing something). **Acabe com isso!** Stop that! Have done with it! **Acabo de vê-lo** I have just seen him. **Acabou-se**, It is all over, finished; that's all, there's no more. **Acabou por comprá-lo**, He finally bought it. **Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe**, It's a long lane that has no turning. **para- com isso** (com o assunto), to end it (the matter) once for all. **que não acaba mais**, endless.

WPED (2005, s.v. *acabar*)

Resultado: não figura o equivalente *run out* para a acepção intransitiva de *acabar* do verbete acima. Constam apenas as acepções *to come to an end* e *to die*.

acabar v. to finish, complete, end; to accomplish; to come to an end; to destroy, to get rid of, to put an end to, to do away with (followed by *com*); to have just (followed by *de* and an infinitive).

DEIPPI (1990, s.v. *acabar*)

Resultado: O equivalente *run out* encontra-se ausente; não há distinção entre equivalentes para acepções transitivas ou intransitivas; consta o “phrasal verb” *do away with*, mas ele não serve como equivalente para “o café acabou”.

a.ca.bar [akab'ar] v.t.+vint **1** to finish, end, terminate. *acabou em casamento*; it ended in marriage. *acabou em nada*/ it ended in nothing. *acabou que ele se decidiu*/ it ended in his deciding. *ele acabou comendo o bolo*/ he ended by eating the cake. **2** to conclude, complete. **3** to accomplish, achieve. **4** to cease, come to an end. **5** to be over. *ainda bem que já acabou*/ I am glad it is over. **6** to de cease, to die. **7** to consume, use up. **8** to put out, extinguish. **9** to give the final touch. **10** to kill, destroy. **acabar a sua tarefa** to accomplish one's task. **acabar bem (mal)** to end well (badly), to have a good (bad) end. **acabar com alguém 1** to have done with someone. **2** to kill someone. **acabar com alguma coisa** to put an end to a thing. **acabar em ponta** to taper. **acabar por (com, em) fazer, acabar fazendo** to end by doing. **acabarei com ele para sempre** I will have nothing to do with him any more. **acabar um trabalho** to finish, give the final touch to a work. **acabo de ver meu o amigo** I have just seen my friend. **acabou-se** it is all over. **acabou-se!** that will do!, call it a day! **como acabará tudo isto?** how will it all turn out? **é coisa de nunca acabar** it never comes to an end. **estar acabando** to come to an end. **nossa farinha está acabando** we are running short of flour. **os bobos nunca acabam** there is a sucker born every minute. **um nunca acabar de...** an unending...(ceaseless).

MMD (2006, s.v. *acabar*)

Resultado: *run out* encontra-se ausente; aparece *run short* (não ser suficiente) na parte das expressões, mas ele também não é perfeitamente equivalente para utilizar na tradução da frase “nosso café acabou”

acabado, finished, complete, completed, done; perfect; over: *tudo está a.*, it is all over; (*envelhecido*) worn out. ||~**amento**, finishing, completion; (*aperfeiçoamento*) perfecting, polishing; (*perfeição*) perfection, completeness.||~**ar**, vt. to end, finish, complete, conclude; (*levar a cabo*) to accomplish, bring to an end. || vi. O mesmo que ACABAR-SE. **a. bem ou mal**, to have a good (bad) end. **a. com**, to put an end to, to stop; to destroy, to do away with; *acabe com isso!* Stop that! **a. de: acabo de chegar**, I have just arrived. **a. em**, to end up in; *acabou na cadeia*, he landed in jail. **a. por**, to end up by (doing something). ||~**ar-se**, to end, cease; to come to an end; (*prazo*) to expire, to run out; *o gás acabou-se*, the gas is off; *o espetáculo acabou-se*, the show is over; *acabou-se!* it is all over!

DIPPI (2002, s.v. *acabado*)

Resultado: *run out* aparece no mesmo sub-conjunto de *expire* (“expirar”), *cease* (“cessar”), *end* (“terminar”) e *come to an end* (“chegar ao fim”), mas é provável que, pela sua posição pouco favorável no ordenamento de equivalentes, *run out* fosse preterido como escolha de tradução, por exemplo, em relação ao equivalente *end*. Além disso, entendemos que a falta de qualquer indicação sobre sua aplicação também contribui para o relativo desprestígio de *run out*.

acompanhar (v.t.) to accompany (all senses); to escort; to keep up with. –**ao piano**, to accompany at the piano. –**de perto**, to follow closely.

WPED (2005, s.v. *acompanhar*)

Resultado: o equivalente *walk* encontra-se ausente; de acordo com o verbete apresentado acima, haveria três possibilidades de equivalência: *accompany*, que é pouco usado na linguagem cotidiana, *to escort*, que também é uma palavra formal e *to keep up with*, que é figurativa e significa “estar ao nível de”, “tentar manter-se ao nível de”. Diante desta situação, fica difícil selecionar equivalentes e utilizá-los apropriadamente na elaboração de um texto em L2 baseado essencialmente nas informações fornecidas pelo dicionário.

acompanhar, v. to accompany; to attend, to escort; to wait upon; (mus.) to accompany.

DEIPPI (1990, s.v. *acompanhar*)

Resultado: novamente, o equivalente *walk* encontra-se ausente; note que *attend* (“freqüentar”) encontra-se no mesmo grupo de *accompany* (“acompanhar”) e *escort* (“acompanhar”), o que significa que os equivalentes simplesmente não estão divididos por sub-conjuntos semânticos. Seu emprego, portanto, está na dependência total de que o usuário reconheça suas características semânticas.

a.com.pa.nhar [akõpañ'ar] vt+vint+vpr **1** to accompany: a) come or go along with. b) escort. c) follow. d) wait on, attend. e) *Mús* execute an accompaniment. *ela acompanha a moda/* she follows the fashion. *ele acompanhou-a à casa/* he escorted her home. *estava acompanhado de circunstâncias dolorosas/* it was attended with painful circumstances. **2** to watch, observe. **3** to have the same ideas. **4** to join, unite, ally. **5** to sort, match. **6** to follow, understand. **7** to track, trace. **8** to come together, be associated to, attend. **9** **acompanhar-se** to have as one's attendance or company, **acompanhá-lo-ei para casa** I'll see you home. *acompanhá-lo-ei um pouco/* I'll go a little way with him. **acompanham o meu passo** they kept up with me. **acompanhar alguém até a porta** to show someone out. **acompanhar de perto** to follow closely. **acompanhar o naipe** to follow the suit. **acompanhar uma canção ao piano** to accompany a song at the piano. **não acompanhamos a moda** we have not taken up with fashion. **o que é que acompanha isto?** What goes with it?

MMD (2006, s.v. *acompanhar*)

Resultado: o equivalente *walk* não aparece, mas aparece uma expressão, “ele acompanhou-a à casa”, que parece dar conta exatamente da tradução que se quer fazer. Contudo, o equivalente *escort* parece formal demais para o uso cotidiano, o que leva a questionar os critérios de seleção de equivalentes do dicionário.

acompanhador, companion, escort; (*mús.*) accompanist. || ~**amento**, attendance; (séquito) retinue, escort; (*fúnebre*) procession; (*mús.*) accompaniment; (*culinário*) trimming. || ~**ante**, escort; (*de enterro*) mourner. || ~**ar**, to accompany (*também mús.*), go along with. to follow; to escort; (*como servidor*) to attend, wait upon; (*como dama de companhia*) to chaperon; (*progressos*) to keep up with; to see; *acompanhei-o até a porta*, I saw him to the door. *a. de perto*, to follow closely.

DIPPI (2002, s.v. *acompanhador*)

Resultado: não aparece *walk*, mas aparece *see*, com a mesma significação: “I saw him to the door”, o que é uma vantagem em relação aos outros verbetes por ser um item lexical

aparentemente mais comum; contudo, vemos o mesmo problema visto anteriormente quando à seleção de equivalentes- *accompany*, *escort* e *attend* no mesmo sub-conjunto, quando *attend* tem uma significação consideravelmente distinta.

apresentar (*v.t.*) to present, introduce, make known; to exhibit, offer; to present to view; to submit, refer; to show, reveal; to expound, explain; (*v.r*) to present oneself; to appear. – **argumentos**, to present arguments, offer reasons.- **credenciais**, to present one’s credentials.- **defesa**, to offer a defense (in court). – **desculpas**, to offer apologies.- **os seus respeitos**, (as suas homenagens), to pay one’s respects.-**provas**, to present evidence, offer proof. – **-se bem**, to make a good impression. – **-se como voluntário**, to offer oneself as a volunteer.

WPED, (2005, s.v. *apresentar*)

Resultado: o equivalente *produce* encontra-se presente apenas dentro do sintagma: “present evidence”; além disso, vemos no grupo principal de equivalentes que *present* (“apresentar” algo) não é distinto de *introduce* (“apresentar pessoas para pessoas”), o que demonstra novamente não haver informação de apoio para distinguir os equivalentes.

apresentar, v. to present, to exhibit; to introduce; to produce.

DEIPPI (1990, s.v. *apresentar*)

Resultado: curiosamente aparece o equivalente *produce*, somente que, como no caso anterior, não há como distingui-lo de *present* ou de *introduce*, assim como não é possível fazer qualquer distinção entre eles, a única marcação disponível é “v.” (verbo).

a.pre.sen.tar [aprezê'tar] vt+vpr **1** to present: to introduce. *apresentar um projeto de lei/* to introduce a bill. b) to show, to feature. c) to display. *apresentamo-lo como candidato/* we proposed him as a candidate. d) to expose, exhibit, offer. e) to submit for consideration, propose. *o documento foi apresentado para assinatura/* the document was submitted to signature. **2** to suggest, recommend, advise. **3** to announce. **4 apresentar-se:** a) to show up. *novas dificuldades apresentaram-se/* new difficulties arose. *uma vista estranha apresenta-se aos olhos/* a strange sight greets the eyes. b) to occur, come to mind. c) to seem, appear. d) to introduce oneself. **apresentar armas!** present arms! **apresentar desculpas** to apologize. **apresentar novamente** to re-present. **apresentar seu alibi** to establish one's alibi. **apresentar seu pedido de demissão** to ask for one's leave, quit one's job. **apresentar uma petição.** to present, prefer a petition. **apresentar uma queixa** to enter an action, go to law. **apresentar um argumento** to put forward an argument.

MMD (2006, s.v. *apresentar*)

Resultado: não consta o equivalente *produce*, o que levaria o usuário a ficar especialmente com os equivalentes do primeiro grupo (relativo à aceção transitiva de *apresentar*), contendo: *to introduce* (“introduzir”), *to show* (“mostrar”), *to feature* (“expor, exibir”) e *to display* (“exibir”), para os quais não há, em geral, nenhum tipo de discriminação.

apresentação, presentation; (*de uma pessoa a outra*) introduction; (*aparência pessoal*) deportment. || ~**ador**, presenter, introducer. || ~**ante**, (*de uma letra de câmbio*) bearer. || ~**ar**, to present (*to someone etc.*); to introduce; (*desculpas etc.*) to offer, proffer; (*respeitos etc.*) to pay; (*uma petição*) to lay; (*um caso etc.*) to submit; (*provas etc.*) to adduce, produce, bring forward; (*mostrar*) to exhibit, show, reveal. **apresento-lhe o sr. Smith**, meet mr. Smith. || ~**ar-se**, to present (introduce) oneself; to appear; to turn up; to step forth; (*a um superior*) to report (to). || ~**ável**, presentable.

DIPPI (2002, s.v. *apresentação*)

Resultado: consta o equivalente *produce*, que aparece no mesmo subconjunto de *adduce* e *bring forward*, para o qual há um discriminador: “provas etc”. Embora pareça que estejamos mais próximos de um uso adequado do equivalente *produce* neste verbete, consta também o

equivalente *to adduce*, sobre o qual não temos dados adicionais, e isto, no fim, conduz a uma sensação de vaguidade na apresentação dos equivalentes.

5.5.1. Síntese do Problema da Pertinência e da Acessibilidade dos Equivalentes

Observa-se que os verbetes listados acima para a entrada *acabar* não permitem que o usuário chegue ao “phrasal verb” (verbo frasal) *run out* (relativo à tradução da frase em português “o café acabou” = “the coffee ran out”). Ainda que outros “phrasal verbs” sejam oferecidos no WPED (2005, s.v. *acabar*), como *wind up* e *use up*, e no DEIPPI (1990, s.v. *acabar*) como *do away with*, não temos uma idéia precisa das acepções a que eles se referem, porque não há indicação das suas relações com o lema. Assim, o usuário, de fato, fica desamparado para a escolha do equivalente correto.

Em nenhum dos artigos para o verbo *acompanhar* aparece o equivalente *walk*, mas sim o “phrasal verb” *keep up with* (que significa “manter-se ao nível de”) no WPED, (2005, s.v. *acompanhar*) e *wait upon* no DEIPPI (1990, s.v. *acompanhar*).

To produce aparece no DEIPPI (1990, s.v. *apresentar*) e no DIPPI (2002, s.v. *apresentação*), mas não aparece nos demais.

A julgar pela oferta de equivalentes para cada lema escolhido da língua portuguesa nesta pequena amostra, pode-se dizer que um dos problemas para se chegar a uma expressão fluente na L2 tem haver com os possíveis critérios de seleção dos equivalentes. Parte dos equivalentes (*run out of*, *walk* e *produce*) propostos nas traduções utilizadas como fonte de comparação de problemas de equivalência não se encontrava entre os equivalentes listados em grande parte dos verbetes selecionados, o que sugere uma possível insuficiência na cobertura das acepções. A partir da análise feita, demonstrou-se que os equivalentes presentes nos verbetes do dicionário bilíngüe, especialmente do DEIPPI (1990), cuja disposição de informações apresentava-se mais resumida, tende a ser insuficiente em qualidade, deixando de apresentar equivalentes que deveriam ser considerados essenciais para cobrir as acepções propostas nas frases de referência, ao mesmo tempo em que se oferecia em outros verbetes uma escala de equivalentes semanticamente mais distantes, como no caso do WPED, (2005, s.v. *apresentar*), em que figuram os seguintes equivalentes: *to submit* (“submeter”), *refer* (“referir”); *to show* (“mostrar”), *to expound* (“expor”), *explain* (“explicar”). Na verdade, são tantos equivalentes que o usuário começa a se perguntar se eles realmente devem ser relacionados ao lema, sendo sua relação aparentemente “forçada”.

Com algumas diferenças quanto à inclusão de itens informativos, como a pronúncia figurada, a marcação da classe das palavras e a presença de códigos para tabelas de conjugação, o que os vários verbetes listados acima indicam e que há uma tendência de se coletar e dispor itens lexicais equivalentes aleatoriamente.

Acreditamos que as equivalências, da forma como elas são apresentadas em boa parte dos dicionários bilíngües, têm muito pouco aproveitamento para a função ativa, pois não permitem que o usuário distinga, por exemplo, entre os vários equivalentes agrupados, ou seja, qual (ou quais) é o mais indicado para a tradução que deseja realizar. Basicamente não são oferecidos marcadores (comentário de forma ou comentário semântico) sobre os equivalentes, nem algum tipo de ambientação sintática. Além disso, percebemos, em geral, uma distribuição totalmente aleatória dos equivalentes: alguns que figuram em primeiro lugar dentro da microestrutura de alguns dicionários (WPED, 2005, s.v. *realizar*), nem sequer figuram na lista de equivalentes de outros verbetes, por exemplo (MMD, 2006, s.v. *realizar*).

É evidente que o tradutor formado possui discernimento lingüístico suficiente para entender a condição de um item lexical como *to realize*, e também *to prevent*, o que poderia relativizar o resultado das análises feitas com estas palavras. Por outro lado, podemos entender que o insuficiente tratamento de itens lexicais tão conhecidos como *realizar* e *impedir* nos dicionários bilíngües é um indício do tratamento a que todo o restante da nominata está sujeita.

A partir da análise de uma série de características da microestrutura dos dicionários bilíngües escolhidos como corpus, chegamos a um certo número de conclusões, a saber:

- a) os editores de dicionários bilíngües atuais ignoram, na prática, a definição de um grupo usuário, ainda que, às vezes, reconheçam esta necessidade nos textos introdutórios das obras que editam.
- b) a negligência mencionada em *a* está associada à desconsideração, no plano teórico, do princípio de direcionalidade e de funcionalidade do dicionário. Somente pode-se dizer que o usuário de uma obra lexicográfica foi minimamente pensado se foi levado em consideração qual é a posição da sua língua mãe dentro do processo de transferência lingüística, além do tipo de transferência que se quer realizar: da L1 para a L2 ou vice-versa.

- c) Como não existe um grupo usuário específico, nem direcionalidade, nem função, as informações que se dispõem na microestrutura do dicionário bilíngüe são caóticas, às vezes, oferecendo mais do se precisa, como itens lexicais que representam “extensões semânticas do lema”, e freqüentemente informando menos do que se precisa, especialmente no que se trata de estabelecimento de equivalências.
- d) A insuficiência informativa dos dicionários tem haver com uma idéia destorcida da aproximação de línguas através de dicionários bilíngües: supõe-se que a equivalência das línguas pode ser resumida a um tipo de fenômeno nominalista, quando, de fato, as diferenças que se manifestam com relação ao léxico e à gramática de duas línguas as coloca como sistemas únicos cuja aproximação é prioritariamente parcial. Em suma, a dificuldade no estabelecimento das equivalências está relacionado à desconsideração ou à negligência do anisomorfismo das línguas.
- e) um outro problema de fundo lingüístico tem haver com a legitimidade dos equivalentes, portanto, com a definição de critérios para a sua seleção enquanto semanticamente relacionáveis ao lema. Os critérios de seleção de equivalentes precisam não só ser discutidos para proceder-se a uma correta apresentação, mas também informadas aos usuários para que ele possa beneficiar-se. A este respeito, entendemos que alguns procedimentos previstos na semântica lexical buscando a equivalência intensional podem colaborar sensivelmente para a solução do problema. Mas, é preciso considerar que outros aportes também são necessários, pois, como dissemos, a avaliação da pertinência dos equivalentes também depende de levantamentos estatísticos a fim de se incorporar o conceito de “uso da língua”, para os quais nos encontramos momentaneamente desamparados (pela escassez de bancos de dados eletrônicos e pela relativa insipiência do trabalho estatístico na linguagem em nosso país) .

Em suma, tudo isto acarreta o provimento de informações muito diversas e pouco consistentes. Conseqüentemente, os dicionários bilíngües encontram-se bastante limitados em sua utilidade, quase sempre resumidos à função passiva, ou servindo a usuários que, de fato,

conhecem bem à língua estrangeira a ponto de valer-se do dicionário como mero glossário do vocabulário já adquirido. Considerando o usuário de um dicionário como falante nativo idealmente de uma das línguas de trabalho, torna-se evidente a necessidade de um maior fornecimento de informações a respeito dos itens lexicais de L2, cujo domínio está condicionado por diversos fatores, como o tempo de exposição a esta língua. É por causa disto que gostaríamos de propor itens informativos de apoio ao oferecimento de equivalentes para contrabalançar os principais desequilíbrios presentes no fenômeno da tradução: o anisomorfismo das línguas e a competência lingüística de L2.

Comentários finais

Na primeira etapa de análise, quisemos demonstrar objetivamente que os dicionários realizavam reimpressões infinitamente. Mas, não só isso, também quisemos demonstrar, através da seleção de relações de equivalência definidas por nós como falsas ou parcialmente verdadeiras, a inadequação evidente da organização de boa parte dos dicionários bilíngües em relação à seleção e à marcação dos equivalentes. Como se verificou, os itens lexicais *assumir*, *impedir* e *realizar* se apresentavam ligados aos seus falsos amigos clássicos, quando se sabe, por exemplo, que *to realize* em inglês significa primordialmente “perceber”, sendo nesta acepção que o encontraremos na maioria dos contextos de uso, ao contrário do que sugerem os verbetes analisados na primeira seção, em que *to realize* (do inglês) parece (pela sua disposição entre os equivalentes) ser o melhor equivalente para *realizar*. O que se poderia objetar é que, dada a frequência de uso de *to realize*, seria pouco provável que um usuário da língua inglesa como o tradutor viesse a fazer uma consulta sobre esta palavra no dicionário bilíngüe. Ainda que aceitássemos o critério frequência de uso do equivalente como inversamente proporcional à necessidade de consulta, isto não é justificativa para o registro da equivalência do verbo *realizar* da língua portuguesa como *to realize* sem qualquer informação de apoio, sendo que o mesmo é apenas parcial e improvável, pois isso equivale a dizer que quando as equivalências são “óbvias”, o dicionário não precisa cumprir com o seu programa constante de informações, ou pior ainda, pode se dar ao luxo de sugerir uma perspectiva equivocada das relações de equivalência, como no caso de *realizar* = *to realize*, uma vez que o usuário teria, supostamente, condições de discernir as sutilizas de seu emprego.

Ligado a este problema, está a questão sobre como definir os limites semânticos dos equivalentes, mencionada na última etapa de análise. A tentativa dos lexicógrafos em oferecer um maior número possível de equivalentes para cobrir uma maior escala de interpretações baseada em contextualizações das palavras pode causar uma sensação de indeterminação para

o usuário, dificultando a escolha dos equivalentes. Conforme Neubert (1992, p.38), isto equivale a “projeções do conteúdo semântico da L1 sobre o material lexical da L2 para alcançar as ramificações de sentido ligadas ao contexto”⁵⁷, que, em termos práticos, representa a extrapolação de relações de equivalência baseadas no conteúdo semântico dos itens lexicais.

Como o defende Humblé (2006, p. 61), a função passiva (de decodificação) pode se beneficiar, de um modo geral, de um grande número de equivalentes oferecidos no dicionário bilíngüe, mesmo quando estes extrapolam os limites semânticos das equivalências, porque se conta com o contexto lingüístico destes itens lexicais para ajudar a definir sua significação. Por outro lado, a função ativa não só precisa dos itens lexicais de L2 mais estreitamente relacionados, como também necessita favorecer a inclusão do equivalente em um contexto sintagmático adequado, o que ressalta a necessidade do dicionário bilíngüe ativo ter suas relações de equivalência mais estreitas e com maior apoio informativo. O problema das projeções semânticas do lema na oferta de equivalentes é que, muitas vezes, o esforço do lexicógrafo em cobrir possíveis interpretações do lema acaba levando-o a extrapolar o limite semântico das relações entre lema e equivalentes. No próximo capítulo desejamos propor um tratamento de equivalentes que deva cobrir um certo número de problemas, para o qual serão consideradas algumas questões específicas da sintaxe das línguas 1 e 2 visando a mitigação destes problemas.

⁵⁷ Ver citação original no item 5.1.3.3.

6. Proposta de Tratamento de Equivalências para o Dicionário Bilingüe Ativo

6.1. Reconhecimento do Usuário Específico e da Função do Dicionário

De acordo com a delimitação de um usuário específico (para o qual se possa reconhecer, por exemplo, certa competência lingüística e certas necessidades), as principais alterações que a elaboração de um dicionário bilingüe ativo pode sofrer dizem respeito primeiramente ao que deve ser incluído e o que não deve em termos de informação de apoio às equivalências. Um primeiro aspecto da seleção do tradutor brasileiro como perfil de usuário do dicionário poderia corresponder à natureza eminentemente escrita de sua atividade, pela qual não pareceria justificável, por exemplo, a inclusão da pronúncia das palavras como item informativo necessário. É preciso lembrar, por outro lado, que estamos primeiramente pensando em um dicionário para o vocabulário cotidiano, porque, naturalmente, outras distinções com relação ao usuário-tradutor poderiam ser exploradas (definindo-o como “tradutor técnico”, “tradutor literário” etc.) e, conseqüentemente, seria preciso reconsiderar a questão dos itens informativos a serem incluídos na microestrutura. A própria pronúncia poderia, então, ser adotada, pois, ela exerce um papel importante na tradução literária, já que esta freqüentemente envolve aspectos estéticos da língua. Sendo que nossa ênfase é, neste momento, o oferecimento de apoio às equivalências de L2 (neste caso o inglês) para o tradutor brasileiro, nossas considerações teóricas periféricas não supõem o questionamento do sistema de representação fonética dos dicionários em si, apenas propõem uma reflexão sobre a real necessidade de certos itens informativos da microestrutura.

Evidentemente, é mais complexo tratar das informações a serem incluídas porque é preciso avaliar não só sua pertinência, mas também o grau em que serão fornecidas. No que se refere, por exemplo, às informações semânticas e sintáticas relacionadas aos equivalentes, a “função ativa” exige um maior detalhamento para que estes equivalentes sejam eficazmente empregados nos textos de L2, basicamente porque elas não podem ser deduzidas a partir das propriedades dos lemas e nem podem ser exigidas como conhecimento inerente de um falante não-nativo.

Assim, considerando os problemas de identificação de subconjuntos de equivalentes e dos próprios equivalentes entre si, consideramos necessário incluir dois tipos de informações essenciais em nosso trabalho, a saber:

- a) A distinção semântica dos subconjuntos de equivalentes;

b) A distinção sintática dos equivalentes;

Categorias que gostaríamos de inserir, através de uma codificação apropriada, em um segmento de microestrutura, conforme tentaremos demonstrar a seguir.

6.2. A Divisão de Subconjuntos de Equivalentes

Vimos que muitas obras lexicográficas esforçam-se por elaborar uma divisão de equivalentes correspondentes a acepções do lema, que são demarcados principalmente por ponto-e-vírgula ou por números, embora os critérios para esta separação sejam, em geral, difíceis de estabelecer pela própria complexidade das relações de equivalência. Uma das análises de nossas amostras na seção anterior (item 5.5) mostrou que, por vezes, a ligação entre cada subconjunto de equivalentes e as respectivas acepções do lema é um procedimento, até certo ponto, intuitivo, pois não havendo indicações formais, o usuário precisa apoiar-se no reconhecimento dos próprios equivalentes para estabelecer estas relações, o que parece ser um procedimento inadequado. Pensamos que a consulta a um dicionário definido como ativo deveria conduzir aos equivalentes apropriados, bem como a instruções sobre seu emprego, e não os equivalentes conduzirem eles próprios a esclarecimentos de certos aspectos do lema. Porém, o reconhecimento de itens lexicais mais comuns (ou mais conhecidos) na L2 que dêem pistas sobre o valor de correspondência dos outros constituintes do subconjunto acaba, sendo freqüentemente o único recurso de identificação das acepções de que se dispõe.

Esta situação, em que não se reconhecem as reais necessidades dos usuários, na verdade responde por uma falta de planejamento, em razão da qual se sonegam informações de apoio absolutamente necessárias para que as relações de equivalência lexical possam ser estabelecidas adequadamente e, assim, possam ser aproveitadas pelo usuário.

É possível que este cenário seja antes decorrência de uma soma de aspectos, entre eles a própria praxe lexicográfica, do que uma prática deliberada: Em face disso, somos levados a concluir que se sabe pouco sobre o “usuário” de uma obra, tanto no que se refere a como determinar suas necessidades, quanto a atendê-las através da elaboração dos dicionários.

Em função disto, é que nos pareceu apropriado trazer a questão do usuário para o foco de discussões. O que os nossos levantamentos indicam quanto às competências lingüísticas (capítulo 1.4) e à função ativa do dicionário é, que, por exemplo, a distinção das nuances semânticas e sintáticas das palavras não pode ser exigida *in extenso* do falante não-nativo que desempenha a função ativa. Além disso, a própria atividade profissional de tradução exige um

grau de correção para o qual os materiais de apoio são imprescindíveis. Por isso, o dicionário bilíngüe precisa ser um recurso de pesquisa que responda às necessidades mais específicas de grupos de usuários pré-estabelecidos como no caso do tradutor. Assim, a ligação entre acepções do lema e subconjuntos de equivalentes deve ser marcada no dicionário ativo, além de certas propriedades sintáticas serem fornecidas, para que o nosso usuário possa, enfim, produzir textos em L2 com algum apoio.

6.2.1. Hiperônimos como Distinguidores de Subconjuntos de Equivalentes

Como dissemos, sabemos que os dicionários bilíngües subgrupam equivalentes, freqüentemente por afinidade com acepções específicas do lema, as quais são graficamente identificadas pelo ponto-e-vírgula e também por números, embora nem sempre seus critérios de seleção sejam muito claros ou corretamente seguidos. Uma razão pela qual nem sempre é possível estabelecer a acepção exata à qual o grupo de equivalentes se refere é porque, às vezes se selecionam equivalentes que têm muito pouco em comum (semanticamente) com o lema. No exemplo abaixo do MI (1997, s.v. *baixar*, acepções 3 e 5), vemos que a profusão de equivalentes como *incline*, *stoop* e *droop* para a acepção 3, e *abate*, *ebb* e *subside* para a acepção 5, tornam difícil a identificação do traço semântico que liga os vários itens do subconjunto e conseqüentemente à acepção específica de *baixar*, já que não há qualquer informação de apoio.

baixar v. (...). 3. to incline, stoop, droop. (...). 5 to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline. (...).

MI (1997, s.v. *baixar*, subconjuntos 3 e 5)

Não podemos reconhecer que critério (ou critérios) permite unir *incline*, *stoop* e *droop* e nem *lessen*, *diminish*, *abate*, *ebb*, *subside*, *decrease* e *decline*, o que nos leva a concluir, por exemplo, que muitos destes podem vir a não ser empregados, porque ao depender exclusivamente do reconhecimento do usuário, é evidente que somente os mais comuns seriam usados.

Logicamente, não oferecer formas para o reconhecimento dos equivalentes é um tipo de problema metodológico. Outro problema mais sério é a coleção de equivalentes pouco semelhantes semanticamente. Podemos avaliar os equivalentes de diversas formas para compreender a impropriedade dos critérios de sua seleção enquanto membros de um grupo

comum. O equivalente *incline* do primeiro grupo, por exemplo, significa “inclinar” (de acordo com informações que constam no dicionário monolíngüe LDELC, 1995, s.v *incline*), sendo que *stoop* (LDELC, 1995, s.v *stoop*) corresponde mais aproximadamente ao item lexical *abaixar-se*. Na prática, *incline* e *stoop* possivelmente não deveriam ser considerados como equivalentes de *baixar*, já que nenhum dos dois corresponde intensionalmente a *baixar*.

Tomando o terceiro equivalente do primeiro subconjunto, *droop*, que é verbo intransitivo, e seu emprego em frases da L2, podemos constatar através do exercício de comutação que propomos abaixo que *droop* dificilmente poderia vir a substituir *baixar* considerando sua definição no LDELC (1995, s.v *droop*, acepção 1) e respectivo exemplo:

1. Definição (LDELC (1995, s.v *droop*, acepção 1)):

droop: “to hang or bend downwards” (tradução: “*arriar* : pender ou curvar-se para baixo”)

2. Exemplo:

“the flowers in the vase drooped in the hot room” (tradução: “as flores no vaso arriaram no quarto quente.”)⁵⁸

3. Comutação do exemplo pelo lema *baixar*:

* “as flores no vaso *baixaram* no quarto quente = (comutação reprovada)

A substituição de *droop* (como equivalente de *baixar*) demonstra que a relação semântica entre os dois itens é bastante frouxa e a sua reprovação no teste não questiona apenas a sua relação direta com o lema, mas também a sua relação com os outros equivalentes agrupados no mesmo subconjunto. A dificuldade de reunir *incline*, *stoop* e *droop* em um mesmo subconjunto se dá pelas suas propriedades semânticas diferenciadas. O item lexical *droop* significa antes “ceder à ação da gravidade” do que “colocar algo ou colocar-se para baixo”, que poderia ser empregada, por exemplo, para os equivalentes *incline* e *stoop* e mesmo para o lema *baixar*.

No caso do segundo grupo de equivalentes, MI (1997, s.v. *baixar*, acepção 5), que é maior numericamente, temos o mesmo problema básico de mistura de itens lexicais que têm propriedades semânticas distintas. Apesar de estarmos conscientes deste problema, o teste de comutação que estamos propondo objetiva definir um item lexical representativo da acepção específica a que todo o subconjunto de equivalentes deve estar relacionada, embora acreditemos que seria necessário um amplo trabalho sobre os limites semânticos dos

⁵⁸ A paráfrase definitiva e o exemplo em inglês correspondem exatamente ao que se encontra em LDELC (1995, s.v *droop*, acepção 1) e a tradução em português é nossa.

equivalentes e procedimentos de seleção para aumentar a confiabilidade do dicionário bilíngüe, os quais fogem ao nosso escopo neste trabalho. Veja-se, por exemplo, que um item lexical tão raro como *to abate*, que figura especialmente em uma expressão idiomática da área jurídica, e que significa “amenizar” (em vez de “baixar”) poderia estar registrado como equivalente de outro lema.

Para oferecer um recurso que oriente a atenção do usuário mais objetivamente para uma pré-seleção de equivalentes, pensamos na inclusão de discriminadores de acepções, um sinônimo do lema de caráter hiperonímico antecedendo ao subconjunto de equivalentes. Cada um destes hiperônimos deve poder passar por um teste de comutação em que possam substituir (nos contextos traduzidos) todos os equivalentes relacionados em um mesmo subgrupo. Observe também que, embora estejamos projetando problemas relacionados ao dicionário ativo, portanto presumindo a direcionalidade L1-L2, para a determinação dos hiperônimos em português (que representam acepções do lema), precisamos partir dos usos do léxico de L2, ou seja, do inglês para o português.

De forma a encontrar hiperônimos sob os quais serão reunidos vários equivalentes, propomos o teste de comutação abaixo pelo qual se possa estimar a proximidade semântica dos equivalentes. O teste será realizado para os itens relacionados no MI (1997, s.v. *baixar*, subconjunto 5: *to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline*. Partimos aleatoriamente da tradução de um exemplo que também se encontra no MI (1997, s.v. *baixar*): “*It lessens our chances*” = “isto *diminui* as nossas chances”, para a escolha do possível hiperônimo a ser usado no teste de comutação abaixo.

Assim, tomando *diminuir* como um candidato a hiperônimo, passemos ao teste:

equivalente	contexto de L2	Tradução com hiperônimo proposto: <i>diminuir</i>	Avaliação no teste de comutação
<i>lessen</i>	“ <i>It lessens our chances</i> ”	“isto <i>diminui</i> as nossas chances.”	aprovado
<i>diminish</i>	“his illness <i>diminished</i> his strength”.	“sua doença <i>diminuiu</i> sua força.”	aprovado
<i>abate</i>	“abate a nuisance”	“* <i>diminuir</i> um transtorno.”	reprovado
<i>ebb</i>	“his courage slowly	“sua coragem lentamente	aprovado

	ebbed.”	<i>diminuiu.</i> ”	
<i>subside</i>	“the floods <i>subsided.</i> ”	“As enchentes <i>diminuíram.</i> ”	aprovado
<i>decrease</i>	“they are trying to decrease military spending.”	“eles estão tentando diminuir gastos militares.”	aprovado
<i>decline</i>	“his influence declined.”	“sua influência diminuiu.”	aprovado

Conclui-se que diversos equivalentes poderiam ser reunidos sob o hiperônimo *diminuir*. Evidentemente, se procuramos um hiperônimo que se relacione mais estreitamente à cada acepção de um lema, é importante que ele não seja o item lexical mais abrangente, mas somente abrangente o suficiente para poder encerrar um grupo de equivalentes mais coeso. Isto implica que o teste pode e deve ser aplicado sucessivas vezes até que se encontrem hiperônimos mais próximos semanticamente das acepções.

Vemos que somente a análise das correlações semânticas (intensionais) dos equivalentes (através, por exemplo, das próprias definições e os exemplos de uso dos equivalentes) já pode melhorar a seleção de subconjuntos, e, além disso, adicionado o teste de comutação, a tendência é que os grupos de equivalentes fiquem menores, ou seja, com um número reduzido de constituintes, o que é natural se considerarmos toda a especificidade dos itens lexicais que tentamos defender neste trabalho. O alistamento indistinto de itens lexicais, chegando, às vezes, a uma dezena, é desfavorável à função ativa do dicionário.

É importante atentar para o fato de que os equivalentes listados após o discriminador seriam relativos a acepções específicas do lema e não ao próprio discriminador. Contudo, devido ao problema do anisomorfismo lingüístico, é provável que muitas vezes os equivalentes de um determinado grupo dentro da microestrutura correspondam mais evidentemente ao próprio discriminador mais do que ao lema. Por exemplo, no caso da acepção do verbo *baixar* como “decretar” (“a presidência *baixou* uma nova lei de trânsito”), o seu discriminador poderia ser *decretar*, e o seu equivalente possível seria *to decree* na língua inglesa, evidentemente mais próximo do que outros itens como *to lower* ou *to descend*, que representam um bom número de acepções do verbo *baixar*, mas não representam a acepção “decretar”.

Como se pôde observar também, o levantamento que se fez para se chegar ao hiperônimo *diminuir* dos exemplos acima partiu das informações contidas no dicionário monolíngüe. No modelo que sugeriremos a seguir, portanto, os hiperônimos de subconjuntos

de equivalentes são baseados em informações metalingüísticas disponíveis nos ou deduzíveis dos dicionários monolíngües.

6.2.2. Informações Sintáticas – A Valência dos Equivalentes

As informações sintáticas que cremos serem úteis para a produção em língua inglesa dizem respeito à valência e estão definidas no item 4.6.1.1.4. Tratamos a valência como conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos (complementos) ou constituintes indispensáveis, o que significa uma exigência pela complementação por certas categorias de actantes (como, por exemplo, o objeto direto, o objeto indireto etc.) e também da preposição exigida pela regência verbal. Além disso, desejamos incluir neste modelo de valência as formas verbais compostas (verbo + verbo, chamadas de “perífrases verbais” na língua portuguesa) como informações sintáticas complementares para o adequado emprego dos equivalentes.

Por questões práticas, nos atemos aos casos de sintaxe que se encontram listados no apêndice II (que refletem os principais casos de estruturas sintáticas da língua inglesa segundo Leech, Svartvik (1988, p.305) e Quirk (1984, p. 363)), desconsiderando aquelas situações que entendemos como conhecimento pressuposto da língua 2 por parte do tradutor, especialmente referente à conjugação verbal (nos tempos verbais do indicativo, subjuntivo e imperativo), às regras de coordenação e subordinação de orações e à formulação de certas estruturas como voz ativa, voz passiva e forma causativa, além do emprego dos modais.

Entre os pontos que não trataremos sobre a classe dos verbos, encontra-se o problema das formas irregulares (de pretérito e particípio passado), por que acreditamos que este problema pode ser resolvido de uma forma relativamente simples, por exemplo, por remissão a listas de verbos (“outside matter”). De qualquer maneira, é importante salientar que, pela relativa assistemática destas formas verbais, elas deveriam ser fornecidas para o usuário brasileiro.

6.2.3. Os Problemas Anisomórficos da Sintaxe dos Verbos

Em relação às possibilidades sintáticas dos itens de língua inglesa, entendemos haver dois problemas básicos que justificam a representação sintática no dicionário bilíngüe para o usuário brasileiro:

- a) a sintaxe do equivalente em inglês não é análoga a do lema em português, mas encontra-se na língua portuguesa (para outros itens de L1);
- b) a sintaxe do equivalente em inglês não é análoga a do lema em português nem existe sob qualquer outra forma na L1;

Devemos observar um fato metodológico importante: ainda que busquemos formas de amparar a transferência de material lingüístico de L1 para L2 objetivando um usuário brasileiro, para atingirmos a adequação esperada no emprego dos equivalentes de L2, a classificação deve obedecer aos padrões da própria língua inglesa a cujos itens lexicais ela se aplica. Apesar de haver aspectos classificatórios da gramática em geral muito parecidos entre o português e o inglês, a língua inglesa apresenta características destoantes que precisam ser respeitadas se desejamos efetivamente orientar o usuário no emprego correto dos equivalentes. Veja-se, por exemplo, conforme Perini (2001, p. 161), que os verbos da língua portuguesa distinguem-se em cinco tipos de acordo com a sua transitividade: transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos (também conhecidos como bitransitivos), intransitivos e de ligação, o que está de acordo com o levantamento que fizemos através dos modelos sintáticos descritos no apêndice 1, pelo qual se indicam as mesmas categorias básicas de valência. Mas, no que se refere aos conceitos de transitividade, ao objeto direto e ao objeto indireto entre as duas línguas, podemos constatar diferenças essenciais.

A nomenclatura gramatical brasileira (NGB) sofre algumas críticas no que se refere a definição destes conceitos, tendo entre seus críticos, Barbosa (1962, p. 99), Barros (1985, p. 303) e Perini (2001, p. 161), para mencionar alguns, os quais entendem que, da maneira que se apresentam hoje, estas noções não são suficientemente claras. A respeito da transitividade, diz Barros (1985, p. 303) que:

Transitividade, em sentido real, significa converter. Assim são transitivos, segundo esse conceito, somente os verbos susceptíveis de conversão à voz

passiva, o que significa excluir dessa denominação os que não são possam aceitar objeto direto. Intransitivos são os verbos inconvertíveis, estando incluídos neste conceito os chamados transitivos indiretos e os intransitivos.

Ocorre que, na visão da gramática normativa, objeto direto e objeto indireto são definidos mais pela presença ou pela ausência de preposições do que pela função dos complementos, como se vê em Cunha (2001, p. 140):

Objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal. (...) objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio da preposição.

Se observarmos bem, a citação acima diz, “o objeto direto é (...) o complemento sem preposição que indica o ser para o qual se dirige ação verbal”, enquanto o “objeto indireto é (...) o complemento que se liga por meio da preposição”, na qual se especifica a função do complemento apenas no caso do objeto direto, e não no caso do objeto indireto. Os conceitos da NGB sobre transitividade direta e indireta parecem basear-se menos na função dos complementos sob a perspectiva dos conceitos de “acusativo”⁵⁹ e de “dativo”⁶⁰, ao contrário do que acontece, de fato, com os mesmos conceitos da perspectiva da gramática da língua inglesa. Vejamos exemplos:

O verbo *acreditar* de acordo com HouE (2002, s.v. *acreditar*, acepção 1) é apresentado assim:

■ verbo
transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo
1 admitir, aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de (afirmação, entidade, atributo, fato etc.); crer
Ex.: <é difícil a. (n)o que dizem> <a. em Deus> <jurou, mas não acreditamos>
transitivo indireto

HouE (2002, s.v. *acreditar*, acepção 1)

Note que no exemplo fornecido, há a possibilidade de usar a preposição *em* (representada pelo *n* da junção da preposição *em* + o artigo *o*), porque esta se encontra entre

⁵⁹ “Dá-se o nome de acusativo, em línguas indo-européias que conservam a flexão casual, ao caso* que exprime a função gramatical de complemento no sintagma verbal do tipo: verbo ativo + sintagma nominal (obj. dir.) (...)” (Dubois, 2004, s.v. *acusativo*)

⁶⁰ “Dativo é o caso que exprime a função gramatical de atribuição, de interesse e fim (sintagma preposicional introduzido pelas preposições *para*, *a*, e às vezes, *de*) num sintagma verbal que pode já conter um sintagma nominal de objeto direto.” (...) (Dubois, 2004, s.v. *dativo*).

parênteses. Nesta situação o objeto em um ou outro caso cumpre exatamente a mesma função, ou seja, nos termos da definição de objeto direto acima: “o ser para o qual se dirige ação verbal”. Portanto, a diferença entre o objeto direto e o indireto neste caso é somente o emprego da preposição.

Na língua inglesa o verbo *believe* (equivalente de *acreditar*) é classificado como transitivo, seja quando se liga ao objeto diretamente, seja quando usa a preposição *in* como no exemplo “Christians believe in Jesus” (“os cristãos acreditam em Jesus”), o que nos parece ter como justificativa que seu objeto equivale ao acusativo em qualquer das duas situações (ver LDELC, 1995, s.v. *believe*).

Neste caso, temos, pelo menos, duas razões para justificar a utilização dos marcadores de valência da perspectiva da gramática da língua inglesa:

- a) porque se utiliza um princípio classificatório mais coerente com as particularidades da L2;
- b) porque se evita um sistema classificatório pouco claro usado no Brasil;

No que segue, gostaríamos de fazer algumas considerações complementares sobre a sintaxe da língua inglesa em relação à sintaxe da língua portuguesa, o que tem haver com os tipos de combinação lexical que pode se formar nesta língua especialmente relacionados à transitividade dos verbos.

6.2.3.1. Phrasal Verbs intransitivos (“intransitive phrasal verbs”)

A classe dos “phrasal verbs” (“verbos frasais”) corresponde a um tipo de sintagma verbal formado de um verbo e uma preposição na língua inglesa. Ocorre, neste caso, que a preposição cumpre um papel de intensificador, não tendo relação com o objeto indireto como tenderíamos a enxergá-la sob a perspectiva da NGB. Resulta, portanto, que um verbo classificado como intransitivo na língua inglesa pode ser seguido de preposição⁶¹, o que não faria sentido em português. Veja-se um exemplo de verbo intransitivo seguido de preposição:

“The plane has now taken off” (“o avião decolou agora”)

⁶¹ Os problemas sobre a valência da língua inglesa citados neste tópico encontram-se em Quirk (1984, p.347-352), abrangendo os tópicos “intransitive phrasal verbs”, “transitive phrasal verbs” e “prepositional verbs”.

6.2.3.2. Phrasal Verbs Transitivos

Como mencionamos acima, os verbos da língua inglesa são classificados como transitivos por que se ligam ao ou exigem como complemento o acusativo. Entendendo o acusativo como o elemento (animado ou inanimado) sobre o qual se dá a ação (ou condição) expressa pelo verbo, importa exatamente existir esta função para o complemento e não se há uma preposição ligando-o ao verbo ou não. Uma vez que na língua portuguesa, a presença da preposição é critério decisivo para definir um verbo como “transitivo indireto” e sua ausência para definir um verbo como “transitivo direto”, isso nos fornece um parâmetro inicial das maneiras diferentes que o problema pode ser tratado em relação à língua inglesa. Podemos concluir, a partir disto, que aquilo que é classificado na língua portuguesa como “verbos transitivos diretos” e também “transitivos indiretos” acabam por conformar uma só categoria em inglês: a dos verbos transitivos.

Os “*phrasal verbs*” transitivos são, assim, um tipo de sintagma correspondente a soma de um verbo e uma preposição, que juntos adquirem um valor de locução. Portanto, a preposição que aparece nestes casos não serve para “ligar o verbo ao seu complemento”, mas sim para constituir uma unidade semântica junto com o verbo, que necessita estar ligada a um acusativo.

Exemplo: “She is bringing up her brother’s children” (“ela está criando os filhos do seu irmão”)⁶²

6.2.3.3. Verbos Preposicionados

Os “verbos preposicionados” (ou “preposicionais” = “prepositional”⁶³) são muito parecidos com os “*phrasal verbs*” transitivos, sendo que a diferença é que eles não formam uma nova unidade semântica a partir da junção do verbo e da preposição, como costuma acontecer com os “*phrasal verbs*”. As preposições que aparecem como exigência destes verbos os classificariam em português como verbos transitivos indiretos, mas uma vez que o complemento que exigem é acusativo, então é lícito classificá-los como verbos “transitivos diretos”, mesmo face à presença das preposições:

⁶² Conforme LDEL (1995, s.v *bring up*), o “phrasal verb” *bring up* é marcado como verbo transitivo.

⁶³ Conforme classificação empregada em Quirk (1984, p. 349): “prepositional verbs”.

Exemplos: *ask for, believe in, care for, deal with*.⁶⁴

6.2.3.4. Verbos Bitransitivos

Conforme o quadro de modelos sintáticos da língua inglesa (apêndice II.), vemos que todos os verbos transitivos têm como complemento o objeto direto, ou seja, o acusativo. Os verbos chamados bitransitivos, além do acusativo, aceitam também um objeto indireto, ou seja, um dativo. Conforme Quirk (1984, p. 13), o objeto direto é o tipo de complemento mais freqüente do que o objeto indireto, e (exceto em raras exceções) obrigatório se há um objeto indireto na frase. Em outras palavras, o objeto indireto não parece ser obrigatório, sendo assim, a classificação de um verbo como bitransitivo seria contraditória enquanto somente um dos um dos elementos parece ser obrigatório.

A propósito deste fato, é interessante observar, por exemplo, que nos sistemas de marcação de valência dos dicionários monolíngües da língua inglesa como o LDELC (1995) e o CIDE (1995), não se mencionam verbos bitransitivos, nem existe um símbolo para representá-los. Como o objeto direto (acusativo) é muito mais freqüente que o objeto indireto (podendo ser considerado obrigatório), enquanto o objeto indireto (dativo) é considerado como opcional, os verbos que classificamos em português como bitransitivos, serão essencialmente transitivos em inglês (pela exigência do objeto direto), podendo ser complementados com o objeto indireto, o que está em conformidade também com o que foi exposto sobre os “*phrasal verbs*” (de acordo com Quirk (1984 p. 348)).

Concluimos, portanto, que em termos de transitividade, os verbos da língua inglesa são de ligação, intransitivos e transitivos (incluindo-se neste último os verbos que seriam considerados transitivos indiretos e bitransitivos segundo a NGB). As preposições que são exigidas pelos “*phrasal verbs*” transitivos e nos verbos preposicionados da língua inglesa, também devem ser reconhecidas para a marcação de valência como elementos complementares e os objetos indiretos devem ser classificados e representados como elementos opcionais.

⁶⁴ Os exemplos são baseados em Quirk (1984, p. 350) e encontram-se todos marcados como verbos transitivos em LDELC (1995, s.v. *ask, believe, care e deal*)

6.2.3.5. Verbos pronominais

Podemos dizer que há uma tendência dos verbos reflexivos na língua portuguesa como *sentir-se*, por exemplo, adquirem, através de seu equivalente na língua inglesa, valor de verbo de ligação, como na relação *sentir-se= feel*, ou *tornar-se= to become*⁶⁵ ou também de tornarem-se simplesmente transitivos, como *lembrar-se= to remember* e *arrepender-se= to regret*⁶⁶, o que indica haver uma propensão a que os equivalentes adquiram, no caso desta classe de verbos, uma propriedade sintática diferente na L2, exigindo, por isso, que seja indicada em nosso modelo de segmento de microestrutura.

Para indicar adequadamente esta mudança de propriedade sintática dos verbos de L1 para os verbos de L2, seria preciso um marcador de verbos reflexivos quando fosse necessário indicar que o equivalente mantém obrigatoriamente a mesma propriedade do lema, dispensando-o nas outras situações (que estarão marcadas segundo sua transitividade pelos critérios já expostos acima). Observando especificamente estes problemas apontados, consideremos a seguinte apresentação sobre possíveis equivalências de verbos pronominais e suas marcações de valência⁶⁷:

Lema- pronominais	verbos	Equivalentes	Valência
<i>sentir-se</i>		<i>feel</i>	L
<i>lavar-se</i>		<i>wash</i>	I
<i>concentrar-se</i>		<i>concentrate</i>	I
<i>barbear-se</i>		<i>shave</i>	I
<i>recusar-se</i>		<i>refuse</i>	T
<i>oferecer-se</i>		<i>offer</i>	T/I
<i>ressentir-se</i>		<i>resent</i>	T
<i>divertir-se</i>		<i>enjoy oneself</i>	-
<i>servir-se</i>		<i>help oneself</i>	-
<i>expressar-se</i>		<i>express oneself</i>	-

⁶⁵ Conforme a marcação de valência de LDEL (1995, s.v. *feel, become*).

⁶⁶ Conforme a marcação de valência de LDEL (1995, s.v. *remember, regret*)

⁶⁷ As marcações de valência sugeridas neste quadro apóiam-se nos verbetes do LDEL (1995, s.v. *wash, feel, concentrate, shave, refuse, offer, resent, offer, enjoy, express*)

Observação:

- a) as marcas I (verbos intransitivos), T (verbos transitivos) e L (verbos de ligação) são adotadas por LDELC (1995) e CIDE (1995) para indicar a transitividade dos verbos.
- b) Os verbos na condição reflexiva estão, evidentemente, ligados às acepções transitivas dos lemas, porém eles aparecem como uma acepção especial (separada das outras) nos dicionários monolíngües como o LDELC (1995) e CIDE (1995), possivelmente para o usuário saiba que no caso daquela acepção somente o pronome reflexivo é aceito como complemento do verbo. Para estes casos de verbos reflexivos, a marca de transitividade *[T]* não é fornecida (estando sua transitividade implícita).

É interessante observar também que se a marca de valência “T” não for omitida (como acontece para os três últimos verbos do quadro acima), o usuário pode pensar que além da partícula reflexiva (*oneself*), estes equivalentes também exigem um outro complemento em acusativo. Portanto, nos casos em que a condição reflexiva for representada em nosso modelo, a marcação do verbo como transitivo não será fornecida. Assim, são pressupostos em nosso modelo os seguintes aspectos:

1. a ausência de um marcador para o pronome reflexivo indica uma mudança de propriedades sintáticas entre lema e equivalente, devendo considerar-se a valência indicada para o equivalente à sua direita (*[L],[T]* ou *[I]*);
2. a presença de um indicador da condição pronominal dos verbos só é necessária quando lema e equivalente forem análoga e essencialmente pronominais. Com o propósito de representar este problema e também cuidando em que se economize espaço no dicionário adotar-se-á o símbolo: *o.self* (baseado no símbolo adotado por CP (1997) - *o.s.* referente ao pronome *oneself*). Neste caso, a condição essencial do equivalente enquanto verbo transitivo estará presumida e não será informada.

6.2.3.6. Perífrase Verbal

Defendemos acima que os tipos de informação que achamos conveniente representar nos segmentos da microestrutura estão de acordo com a sua dependência ao equivalente em relação à sintaxe da L2 (não podendo ser deduzidas a partir da sintaxe de L1). Um outro aspecto sintático da língua inglesa que se difere consideravelmente da sintaxe da língua portuguesa é a das perífrases verbais, as quais, portanto, precisam ser representadas no modelo de equivalências do dicionário bilíngüe.

Identificamos dois problemas anisomórficos a partir do quadro de modelos sintáticos da língua inglesa (apêndice II): a falta de analogia direta e a inexistência de estruturas correlatas, como podemos ver nas seguintes situações:

Muitas perífrases, que na língua portuguesa exigem o segundo verbo na forma infinitiva, podem ter na língua inglesa o “zero” infinitivo (sem a partícula *to*), o qual não teria uma forma equivalente própria em português, sendo, portanto, sempre traduzido pelo próprio infinitivo normal da língua portuguesa (conforme descrito no quadro expandido das situações sintáticas):

Exemplo 1:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
“Posso ajudar a limpar as janelas?”	Verbo + infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
“Can I help <i>clean</i> the windows?”	Verbo + infinitivo sem o <i>to</i>

Exemplo 2:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
“Não ouse falar comigo assim.”	Verbo + infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
“Don’t you dare <i>speak</i> to me like that!”	Verbo + infinitivo sem o <i>to</i>

Os dois exemplos acima estabelecem uma relação de equivalência através da perífrase entre o infinitivo (do português) e o “zero” infinitivo (do inglês).

Além disso, algumas perífrases exigem o gerúndio na língua inglesa, quando em português não se pode manter uma forma verbal análoga para as suas respectivas traduções:

Exemplo 1:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
“Nós evitamos falar disto.”	Verbo + infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
“We avoid talking about that.”	Verbo + gerúndio

Exemplo 2:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
“Você parou de fazer seus exercícios?”	Verbo + infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
“Have you stopped doing your exercises?”	Verbo + gerúndio

Os exemplos acima estabelecem uma relação de equivalência entre o infinitivo (do português) e o gerúndio (do inglês).

Apesar de não serem anisomórficas, as perífrases verbais da língua inglesa formadas por verbo + infinitivo também precisam ser fornecidas no modelo de valência, entre outras razões, porque as vezes ela é alternativa em relação à perífrase verbo + gerúndio, como se pode ver abaixo:

Exemplo 1:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
“Eu gosto de chegar cedo.”	Verbo + infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
“I like to arrive early.”	Verbo + infinitivo

Ou também:

Frase em L1	Estrutura da perífrase em L1
"Eu gosto de ler na cama."	Verbo +prep+ infinitivo
Tradução em L2	Estrutura da perífrase na tradução
"I like reading in bed."	Verbo + gerúndio

A partir dos dois últimos exemplos fornecidos, entende-se que o verbo *like* pode formar uma perífrase tanto com verbo no gerúndio, quanto com um verbo no infinitivo. Então, as duas possibilidades devem ser informadas.

Concluimos, a partir das considerações acima, que as seguintes formas verbais devem ser representadas em nosso modelo sintático em relação à perífrase verbal:

<i>tø inf.</i>	infinitivo sem o <i>to</i>
<i>inf</i>	infinitivo
<i>ing</i>	gerúndio

6.3. Modelo Abstrato e Modelo Concreto:

Por razões justificadas anteriormente, concentramos nossa análise em uma classe de palavra, a do verbo, para o qual podemos oferecer um tratamento naqueles aspectos que apontamos como essenciais de forma a atingir as equivalências lexicais dentro da obra lexicográfica. Considerando os tópicos discutidos anteriormente, propomos agora um esquema para o modelo abstrato do segmento da microestrutura do dicionário bilíngüe para o tradutor. Deve-se levar em conta o desdobramento de apenas um equivalente (de uma acepção do lema), que seria apresentada assim:

$$\boxed{H_1 E_1 [V/(c)]}$$

Símbolos para os constituintes do modelo abstrato de equivalência:

H – Hiperônimo- identificador da acepção a que se refere os equivalentes de um sub-conjunto de equivalentes;

E – Equivalente;

Observação:

a) o equivalente é acompanhado da preposição que, por exemplo, forma uma unidade com ele (caso dos “*phrasal verbs*”) ou daquela preposição que é um elemento obrigatório (como nos verbos preposicionados para a ligação aos complementos);

b) o equivalente também pode ser acompanhado pela partícula de reflexividade – *o. self*;

[V] – valência:

[T] – verbo transitivo, que exige o acusativo.

[I] – verbo intransitivo, que não possui complemento em acusativo ou dativo;

[L]- verbo de ligação;

c - complemento da valência – itens opcionais ou alternativos que acompanham o verbo nas seguintes classes:

a) preposições – *on, at, in about, to, for, with* etc.- (para introduzir, por exemplo, o dativo);

b) formas verbais – *ing* (gerúndio), *inf* (infinitivo), *to inf* (infinitivo sem o *to*)

Além destes, devemos considerar os seguintes símbolos gráficos de suporte deste segmento de microestrutura abstrata:

() – Parênteses – indica item opcional (o dativo, por exemplo)
 [] colchetes – valência
 ☐ - Retângulo para os hiperônimos (indicadores na fonte “arial narrow”);
 / - Barra para indicar alternância;
 , - vírgula para separar os equivalentes de um mesmo subconjunto;
 ; - Ponto-e-vírgula para separar os subconjuntos
 ~ - remissão ao lema

Antes de aplicar nosso modelo, devemos proceder ao levantamento das acepções dos lemas que trataremos, o que está relacionado à escolha dos hiperônimos, para tentar garantir uma cobertura satisfatória através da posterior seleção de equivalentes. Assim, realizaremos uma análise das acepções de cada um dos lemas para os quais desejamos criar um segmento de microestrutura, indicando itens lexicais que resumem cada acepção, para depois usá-los como hiperônimos (indicadores semânticos dos equivalentes)

1. lema: *apresentar*- Segundo o HouE (2002, s.v. *apresentar*)

■ verbo
 transitivo direto e bitransitivo
 1 dar a conhecer uma (ou mais) pessoa(s) a outra(s), pô-las em contato pessoalmente ou por escrito
 Ex.: <cumprimentou os convidados e apresentou o companheiro> <na carta, apresenta o amigo ao ministro>
 [introduzir]
 bitransitivo e pronominal
 2 pôr(-se) diante ou na presença de; expor(-se) à vista de; mostrar(-se)
 Ex.: <apresentaram-lhe as belezas naturais do lugar> <convocado, apresentou-se imediatamente no tribunal>
 [mostrar-se]
 pronominal
 2.1 mostrar-se publicamente em (espetáculo, teatro, *show* etc.); atuar profissionalmente
 Ex.: a cantora apresenta-se à noite na conhecida casa de espetáculos
 [atuar]
 transitivo direto
 3 expor (algo) de modo evidente; patentear, demonstrar
 Ex.: o cofre apresenta sinais de arrombamento
 [caracterizar]
 transitivo direto e bitransitivo

<p>4 exibir (algo) publicamente com intuito de divulgação, venda etc.; mostrar Ex.: <resolveu a. os últimos quadros que havia feito> <apresentou-lhes a nova coleção outono-inverno> [exibir] transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>5 expor ao alcance de; entregar, dar Ex.: o diplomata apresentou(-lhe) suas credenciais transitivo direto [exibir]</p>
<p>6 pôr à disposição; oferecer, expor, dar Ex.: bateram-lhe numa face e Ele apresentou a outra transitivo direto e bitransitivo [disponibilizar]</p>
<p>7 submeter (algo) a exame, aprovação ou apreciação (de) Ex.: <a. uma tese de doutoramento> <apresentou ao partido sua candidatura> transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>[encaminhar] 8 dar a conhecer com ordem e clareza; expor, explicar Ex.: <apresentou o problema> <queria a. aos leitores sua versão do caso> transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>[divulgar] 9 citar como justificativa; aduzir; alegar, contrapor Ex.: <não apresentaria objeção alguma> <apresentou-lhe vários exemplos de casos como o seu></p>
<p>[manifestar] transitivo direto e bitransitivo 10 dar a conhecer (sentimento de gratidão ou solidariedade) por meio de palavras ou manifestar, expressar verbalmente (homenagem, saudação etc.) a Ex.: <apresentou(-lhe) felicitações> <apresentou suas condolências à família> transitivo direto</p>
<p>[manifestar] 11 exibir (espetáculo, <i>show</i>, mostra etc.) Ex.: neste cinema estão apresentando um ótimo filme [exibir] transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>12 tornar público; divulgar Ex.: o técnico apresentou (à imprensa) a lista dos jogadores da seleção transitivo direto e pronominal [divulgar]</p>
<p>13 mostrar(-se) sob certo aspecto, manifestar(-se) de certa maneira (falando de pessoa ou coisa) Ex.: <apresentava um ar carrancudo> <a pele apresentava manchas arroxeadas> <apresenta-se bem-vestido em todas as ocasiões> <no Caribe, o mar se apresenta como uma piscina></p>
<p>[aparentar] transitivo direto 14 conter em si; envolver, encerrar Ex.: a questão apresenta dificuldades incontornáveis [conter] transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>15 colocar à disposição; oferecer Ex.: o inquilino apresentou fiador (ao proprietário) [oferecer] transitivo direto e bitransitivo</p>
<p>16 entregar, restituir, devolver (algo) a (outrem) Ex.: apresentou(-lhe) as jóias de que era depositário [exibir] bitransitivo</p>
<p>17 oferecer (alguma coisa) a (alguém)</p>

Ex.: apresentou-lhe rosas como presente
 [oferecer]
 bitransitivo
18 dar entrada em; interpor
 Ex.: a. um recurso em juízo
 [interpor]
 transitivo direto
19 singularizar-se por (determinado detalhe, traço, característica); trazer
 Ex.: apresentava vergões pelo corpo e chagas nas mãos
 [ostentar]
 pronominal
20 aparecer, figurar-se real ou imaginariamente
 Ex.: <a Lua apresentou-se cedo no céu> <apresentou-se-lhe subitamente a terra natal de sua infância>
 [surgir]
 pronominal
21 identificar-se, nomear-se
 Ex.: <apresentou-se como João Vieira> <apresentou-se como o novo aluno>
 [identificar-se]
 transitivo direto e bitransitivo
22 Rubrica: economia.
 exibir (título de crédito) para ser aceito ou pago
 Ex.: apresentou (-lhe) uma promissória
 [exibir]
 transitivo direto
23 Rubrica: meios de comunicação.
 pôr diante de um público [real ou virtual, neste último caso através de meios de comunicação]
 (conferencista, espetáculo e/ou elementos que nele atuam)
 Ex.: a produção do programa apresentou o novo radialista
 [divulgar]

Podemos observar que várias acepções são muito próximas, e por causa do aspecto intrínseco do hiperônimo de ser abrangente, muitas acabam sendo subsumidas pelo mesmo hiperônimo. Conseqüentemente, o número de hiperônimos será menor que o número de acepções presentes no verbete acima. Assim, chegamos aos seguintes itens para os quais deve haver equivalências no dicionário bilíngüe:

1- introduzir, 2- mostrar-se, 3- atuar, 4 caracterizar, 5-exibir, 6- encaminhar, 7- divulgar, 8- manifestar, 9- aparentar, 10- conter, 11- oferecer, 12- interpor, 13 ostentar, 14- surgir, 15 - identificar-se.

Observação: porque estamos utilizando as acepções do dicionário monolíngüe como referência, procuramos representar cada uma delas, ainda que alguns pertençam a certos vocabulários técnicos e, portanto, suscitem questões sobre a validade de sua inclusão. Além disso, como o nosso trabalho não tratou das expressões idiomáticas, não estamos representando-as em nosso modelo, porém, é evidente que este tipo unidades lexicais sintagmáticas devem ser consideradas em um projeto completo de dicionário bilíngüe.

Assim, a partir do levantamento destes itens como nossos hiperônimos, podemos, então, construir nosso modelo de segmento de microestrutura como o apresentamos na seqüência (observe-se que os nossos subconjuntos de equivalentes não estão ordenados conforme a distribuição das acepções do lema, porque algumas acepções foram subsumidas pelo mesmo hiperônimo e porque também reunimos todas as significações relacionadas às acepções pronominais do lema ao final do segmento):

apresentar [introduzir] introduce [T (to)], show [T (to)], to present [T (to)]; [exibe] show [T] [exibir] show [T (to)], exhibit [T (to)/ I]; [encaminhar] to present [T (to)], introduce [T (into)]; [divulgar] to present [T (to)], publish [T/I], divulge [T (to)]; [manifestar] express [T], give [T (to)]; [disponibilizar] display [T], submit [T (for)], produce [T (to)], expose [T (to)], offer [T (to)]; [conter] to present [T (to)]; [oferecer] give [T (to)]; [interpor] submit [T (for)] [ostentar] show [T], display [T]; ~ -se [identificar-se] introduce *o.self* [(to)]; [mostrar-se] come out [I], present *o.self* [T(to)]; [atuar] perform [T/I], act [T/I]; [aparentar] look [L], present *o.self*; [comparecer] [I] show up [surgir] [I] arise, come about [I], pop up [I].

Observe-se que os equivalentes não estão ordenados conforme as acepções do lema pelas reduções que ocorreram (resumo de duas ou mais acepções a um único hiperônimo) e pela distribuição interna deste modelo que separa as acepções pronominais do lema, colocando-as no fim do verbete.

Realizemos o mesmo procedimento para o verbo *realizar* (HouE, 2002, s.v. *realizar*) de forma a estender nossa demonstração.

lema: *realizar*

■ verbo
 transitivo direto e pronominal
 1 fazer que tenha ou ter existência concreta
 transitivo direto e pronominal
 1.1 traduzir ou traduzir-se (um ideal, uma aspiração) em fato concreto, em realização efetiva; concretizar, efetivar
 Ex.: <ela realizou o velho sonho de viver em Paris> <seus desejos, porém, nunca se realizariam>
 [concretizar]
 transitivo direto
 1.2 transformar em realidade (um plano, projeto, uma investigação etc.) com o emprego dos meios pertinentes
 Ex.: <a municipalidade realizou a limpeza da água desse rio> <os Aliados realizaram seu desembarque na Normandia> <foi Szent-Györgyi quem realizou a síntese da vitamina C>
 transitivo direto

<p>[executar]</p> <p>1.3 criar, produzir a partir de um plano, um projeto</p> <p>Ex.: r. o esboço de um quadro</p> <p>1.3.1 Rubrica: cinema, teatro, televisão. Regionalismo: Portugal.</p> <p>dirigir (p.ex., um filme)</p> <p>Ex.: foi Orson Welles quem realizou Cidadão Kane</p> <p>transitivo direto</p> <p>[produzir]</p> <p>1.4 dar forma a (uma concepção abstrata)</p> <p>Ex.: mas que pretendia ele r. com aquela instalação no MAM?</p> <p>transitivo direto</p> <p>[atingir]</p> <p>2 juntar (dinheiro ou riquezas que são a parte dos rendimentos que excede os gastos); constituir, acumular</p> <p>Ex.: mesmo vivendo despojadamente, realizou considerável pecúlio durante a vida</p> <p>transitivo direto</p> <p>[acumular]</p> <p>3 Rubrica: economia.</p> <p>converter (bens) em dinheiro ou equivalente</p> <p>Ex.: r. um ativo, para distribuir o montante entre os credores</p> <p>[converter]</p> <p>pronominal</p> <p>4 tornar-se realidade no tempo e/ou no espaço; ocorrer, ter lugar</p> <p>Ex.: <foi em plena Idade do Bronze que se realizou este fato tão original> <seu pressentimento felizmente não se realizou></p> <p>[acontecer]</p> <p>pronominal</p> <p>5 cumprir seu ideal ou meta de vida</p> <p>Ex.: <só se realizou depois de entrar para a Academia> <realizou-se no cinema, depois de abandonar o teatro></p> <p>[satisfazer-se]</p> <p>transitivo direto e pronominal</p> <p>6 Rubrica: lingüística.</p> <p>m.q. <i>atualizar</i></p> <p>[efetivar-se]</p>

Levantadas as acepções acima, chegamos aos seguintes hiperônimos:

<p>1-concretizar, 2-executar, 3- produzir, 4- atingir, 5- acumular, 6- converter, 7- acontecer, 8- satisfazer-se, 9-efetivar-se,</p>
--

A partir dos hiperônimos listados acima, procedemos à elaboração do modelo de segmento de microestrutura, conforme se vê abaixo:

realizar **concretizar** accomplish [T], achieve [T] **executar** carry out [T], carry through [T], put into practice [T], go through with [T], effect [T], produce [T], create [T]; **produzir**; produce [T], hold [T] **atingir** reach [T], accomplish [T], achieve [T], fulfill [T], consummate [T]; **acumular** make [T], raise [T] **converter** transact [T]; **~se acontecer** come true [I], take place [I], come about [I], happen [I]; **satisfazer-se** fulfill *o.self*

E apenas para que possamos demonstrar as perífrases, consideremos mais um exemplo, agora para o lema *evitar*. Segundo o HouE (2002, s.v. *evitar*), temos as seguintes acepções para este lema:

■ verbo
transitivo direto
1 escapar-se de, esquivar-se de (algo ger. desagradável, nefasto e/ou perigoso)
Ex.: <é preciso e. despesas desnecessárias> <evitava aquele local deserto>
transitivo direto
[abster-se/esquivar-se]
2 furtar-se (a contato, encontro, convivência etc. ou a briga, discussão etc.) [com outrem]
Ex.: <como era um tipo arrogante, a mulher evitava-o> <a turma evitava um confronto com o autoritário professor>
transitivo direto
[fugir]
3 não permitir; causar impedimento a
Ex.: e. um acidente
bitransitivo
[impedir]
4 resguardar, privar (alguém) de (alguma coisa); poupar
Ex.: evitaram-lhe aquelas notícias desanimadoras
transitivo direto
[resguardar]
5 procurar não (fazer determinada ação) [agir contrariamente, em sentido oposto]
Obs.: ver gram/uso a seguir
Ex.: <evitava sair à noite> <as crianças evitavam incomodar os pais com aquelas brigas>
[abster-se]

A partir destas acepções, chegamos aos seguintes hiperônimos, que resumimos abaixo:

1- abster-se, 2-esquivar-se, 3-fugir, 4-impedir e 5-resguardar.

A partir dos hiperônimos listados acima, procedemos agora à elaboração do modelo de segmento de microestrutura para o lema *evitar*, conforme se vê abaixo:

evitar **abster-se** avoid [T/*ing*]; **esquivar-se** avoid [T/*ing*], dodge [T]; **fugir** dodge [T], shun [T] elude [T], evade [T], duck [T]; **impedir** avoid [T], prevent [T], forestall [T]; **resguardar** save [T (from)].

O sistema de indicadores de subconjuntos de equivalentes que adotamos em nosso modelo foi definido como um recurso informativo para o dicionário bilíngüe baseado nas relações de intensionalidade entre itens lexicais.

Para encerrar, quisemos, com o nosso trabalho, estimular a reflexão sobre as maneiras de se atingir a correlação de dois sistemas lexicais através do dicionário bilíngüe em que estivesse previsto um usuário específico e definida a função ativa do dicionário. Segundo uma série de argumentos, isto implicava necessariamente o aumento das classes informativas no lado das equivalências, parte do dicionário bilíngüe que já se encontra naturalmente expandida pela oferta de múltiplos equivalentes. Mas, junto a uma necessidade prática em oferecer dados informativos sobre as equivalências, surgia o problema essencial sobre quais dados oferecer e em que grau. Devido aos limites práticos deste trabalho acadêmico, algumas classes informativas que julgávamos necessárias para a função ativa foram deixadas de lado, escolhendo-se enfatizar a necessidade por um modelo de representação semântica, reduzida a hiperônimos que pudessem conectar subconjuntos de equivalentes a acepções do lema, e também a um marcador de valências para ilustrar a sintaxe de cada equivalente, indicando sua transitividade, preposições exigidas e estruturas de perífrases verbais, enquanto aspectos obrigatórios ou alternativos dos constituintes deste modelo de valência.

Conclusão

Considerando as hipóteses iniciais de investigação, pelas quais relacionávamos principalmente o desconhecimento e/ou a negligência do perfil de usuário à ausência de critérios para a delimitação de aspectos informativos às equivalências lexicais no dicionário bilíngüe, concluímos que as mesmas se confirmaram de uma forma geral.

As incoerências constatadas na comparação dos preceitos teóricos da lexicografia bilíngüe com a prática lexicográfica foram evidenciadas principalmente pelos seguintes problemas:

- a) ausência de distinções de qualquer natureza (semânticas, por exemplo) para os equivalentes;
- b) presença de informações desorientadoras, como o fornecimento de comentários morfológicos válidos para o lema, mas aplicados aos equivalentes;
- c) estabelecimento de relações equivocadas de equivalência lexical, ou seja, entre itens lexicais de duas línguas que, a rigor não poderiam ser relacionados, ou cuja relação só poderia acontecer sob certas condições restritas, que deveriam ser informadas (foram usados como referência diferentes tipos de “falsos amigos”);

A extensa reimpressão de obras lexicográficas constatadas para uma parte considerável das amostras nesta análise, implicando a falta de avaliações e atualizações efetivas, demonstra uma prática lexicográfica pouco aberta aos desenvolvimentos científicos da área metalexigráfica. Além disso, a falta de atualização dos dicionários bilíngües demonstrou estar relacionada não só aos conceitos lexicográficos ignorados, mas também ao tratamento insuficiente dos aspectos lingüísticos, em que significações atuais e cotidianas de itens lexicais (presentes nas duas línguas em contraste) e reconhecidas tanto nos dicionários monolíngües de L1 quanto nos de L2, simplesmente permaneciam ignorados na maior parte das amostras.

Constatamos, além disso, que a relação entre a área da tradução e a área da lexicografia era insuficiente para a elaboração de obras lexicográficas mais consistentes. A análise das obras sob os parâmetros da relação entre usuário e informações oferecidas, provou

que seus elaboradores cometeram certas inconsistências metodológicas quanto à direcionalidade e à função do dicionário, impedindo, conseqüentemente, que houvesse uma correlação adequada entre a tradução ativa que alegavam ou presumiam atender e o provimento de informações de apoio às equivalências na microestrutura do dicionário bilíngüe.

Sem querer desmerecer o trabalho de elaboração das obras lexicográficas que analisamos, porque o mesmo certamente demandou recursos e esforços valiosos, não podemos deixar de comentar que nos parece inaceitável que dicionários criados há décadas, continuem sendo reeditados sem a menor revisão e, que, pela negligência de aspectos teóricos hoje bastante discutidos, continuem a pecar tanto pelo excesso no número dos equivalentes quanto pela insuficiência e a incoerência das informações de apoio sobre as suas propriedades.

Ressalta-se a necessidade de reconhecer propriedades do dicionário, como por exemplo, as que estão vinculadas à competência lingüística do usuário do dicionário enquanto falante de L2, para poder definir tudo o que é informação relevante, assim como para reconhecer tudo o que possa ser informação supérflua. Concluimos que, dentro daquilo que se poderia abordar neste trabalho como proposta de tratamento de equivalências no dicionário bilíngüe, as instruções para distinção de subconjuntos de equivalentes seriam informações relevantes para o tradutor, uma vez que, especialmente no caso dos lemas altamente polissêmicos, torna-se difícil a identificação das correlações entre equivalentes e respectivas acepções do lema em meio à grande quantidade de equivalentes que acabam sendo gerados. Além disso, a valência dos itens lexicais da L2, subsumindo as preposições exigidas pelos verbos e as perífrases verbais, também foi considerada como item informativo essencial para a função ativa da tradução realizada pelo tradutor brasileiro, devido à pouca possibilidade de sua correlação literal com as de itens lexicais da língua portuguesa (decorrendo daí uma certa imprevisibilidade sobre a sintaxe da L2).

No desenvolvimento da proposta de tratamento das equivalências, procuramos cobrir satisfatoriamente as significações de um item lexical para o qual desejávamos criar um verbete, tomando por referência as suas diversas acepções listadas no dicionário monolíngüe HouE (2002), mas entendendo que outros recursos podem ser adotados. A partir disto, geramos hiperônimos para os subconjuntos de equivalentes em nosso modelo referente a cada acepção específica existente para o lema em questão. Nos demos conta, neste exercício, que algumas acepções seriam subsumidas pelo mesmo hiperônimo, o que teria como conseqüência uma desproporção entre o número de acepções e o número de subconjuntos em

nosso modelo, problema, de qualquer modo, irrelevante para a identificação dos subconjuntos, cujos constituintes deveriam ser selecionados por afinidade semântica.

Depois da coleta dos equivalentes que pudessem cobrir as diversas significações do lema, agora marcadas pelos hiperônimos, realizamos um levantamento sobre a valência de cada um destes equivalentes (informações sobre a sua transitividade, além das preposições e as perífrases verbais exigidas em cada caso) nos dicionários monolíngües da língua inglesa. Geramos, com isto, um segmento de microestrutura identificando subconjuntos de equivalentes através de hiperônimos referentes a acepções do lema, de forma a colaborar para a distinção semântica dos equivalentes e oferecendo também informações sintáticas essenciais para o emprego adequado dos equivalentes na tarefa de produção em L2.

Depreende-se desta nossa proposta de tratamento de equivalências que, em um projeto lexicográfico, se pode organizar qualquer tipo de informações desde que consideremos parâmetros básicos e formulemos uma metodologia coerente, além disso, também fica implícito que se deve considerar sempre formas de discriminar estas informações para melhor proveito do usuário.

Concluindo, acreditamos haver cumprido com os objetivos estabelecidos no início do trabalho, havendo realizado os seguintes procedimentos: ao propormo-nos a discutir formas de avaliar e definir um perfil de usuário, ao salientar importância de um tratamento das equivalências lexicais a partir da perspectiva do anisomorfismo, ao tentar aproximar o conceito da transferência da tradução ao procedimento de equivalência lexical da lexicografia bilíngüe, ao procurar demonstrar inconsistências metodológicas na elaboração prática de dicionários bilíngües atuais e, finalmente, ao sugerir o tratamento de problemas específicos das equivalências lexicais à luz dos diversos parâmetros teóricos apontados.

Temos a consciência da limitação de nossa proposta, especialmente considerando o número de classes informativas de apoio às equivalências (semânticas e sintáticas) a que nosso modelo ficou reduzido, mas acreditamos que nossos esforços prestam-se, sobretudo, a chamar a atenção para a necessidade de abordar o problema dos critérios de elaboração dos dicionários bilíngües, pois diante do quadro exposto, é evidente que resta muito a fazer na lexicografia bilíngüe brasileira.

Referências Bibliográficas:

- AUBERT, Francis H. **As (in)fidelidades da Tradução-** Servidões e Autonomia do Tradutor. Campinas: IEL/Unicamp, 1994.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução.** Pontes: Campinas, 1990.
- BARBOSA, Novir Sebatião dos Santos. **Interpretação da Nomenclatura Gramatical Brasileira.** Mec: Rio de Janeiro, 1962.
- BARROS, Enéas Martins de. **Nova Gramática da Língua Portuguesa.** Atlas: São Paulo, 1985.
- BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução.** Ufrgs: Porto Alegre, 2005.
- BUGUEÑO, Felix M. Consideraciones para un Nuevo Diccionario de Falsos Amigos Español-Portugués. In: **Polifonia.** Cuibá:UFMG ano 6. no 06, p 103-127, 2003.
- BUGUEÑO, Felix M. Falsos Amigos, Falsos Cognatos, Heterossemânticos: uma Simples Escolha de Designações. In: **Organon.** Porto Alegre: UFRGS v. 16, no 32/33, p 183-192, 2002.
- CAMPOS, Geir. **O Que é Tradução.** Brasiliense: São Paulo, 1986.
- CARVALHO, Orlene L. S. **Lexicografia Bilíngüe Português/alemão.** Brasília: Thesaurus, 2001.
- CASARES, Julio. Semântica e Lexicografia. In: **Alfa- Revista de Lingüística.** São Paulo: Unesp, v. 28 (supl.) (71-101), 1984.
- COSERIU, Eugenio. **O Homem e a sua Linguagem.** Presença: Rio de Janeiro, 1982.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de Lingüística Geral.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- COSTA, Walter Carlos. O Texto Traduzido como Re-textualização. In: **Cadernos de Tradução,** n. 16, Porto Alegre, 2005 (p. 25-54)
- COWIE, A P. Language as Words: Lexicography. In: **An Encyclopaedia of Language.** Edited by Collinge, N.E.: Routledge, London, 1991.
- CRUSE, D. A. **Lexical Semantics.** Avon: Cambridge University Press, 1991.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética.** Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.
- CUNHA, C; Cintra, L. F L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DELISLE, J. & WOODSWORTH, J. **Os tradutores na História.** Ática: São Paulo, 1998.

DUBOIS, Jean et al. **Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Language**. Larousse: Paris, 1999.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Lingüística**. Cultrix: São Paulo, 2004.

FIOLA, M. A., MASCARENHAS, A. T. O Ensino do Português Instrumental a Francófonos, na Perspectiva do Ensino da Tradução Português-Francês. In: **Tradução e Comunicação**, n. 14. São Paulo, Setembro 2005.

HAENSCH, G; WOLF, L; ETTINGER, S; WERNER, R. **La Lexicografía: de la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HARTMANN, R.R.K.; James, G. **Dictionary of Lexicography**. London and New York: Routledge, 2001.

HARTMANN, R.R.K. **Teaching and Researching Lexicography**. England: Longman: 2001.

HAUSMANN, F J; Reichmann, O; Wiegang, E H; Zgusta; L. **An International Encyclopedia of Lexicography: Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: a Survey**. Berlin, New York:Walter de Gruyter,1990.

HUMBLÉ, Philippe. **Os Estudos da Tradução e Os Dicionários**. Florianópolis: UFSC, 2006. @Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://www.pget.ufsc.br/>

HUMBOLDT, Wilhelm Von. **Linguagem, Literatura e Bildung**. (Heidermann, Werner; Weininger, Markus J.- orgs). Florianópolis: UFSC, 2006.

VAN HOOFF, Henri. **Petit Histoire des Dictionnaires**. Louvain-La-Neuve, Belgium, 1994.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Cultrix, Sao Paulo, 1970.

KROMANN, Hans-Peder, Riiber, Theis, Rosbach, Poul. **Principles of Bilingual Theory**. In: Hausmann, F J; Reichmann, O; Wiegang, E H; Zgusta. Berlin:Walter de Gruyter,1991.

LANDAU, Sidney. **Dictionaries The Art and Craft of Lexicography**. Cambridge: Cambridge,2002.

LARSON, L. Mildred. **La Traducción Basada en el Significado**. Eudeba: Buenos Aires, 1989.

LEECH, G.; Svartvik, J. **A Communicative Grammar of English**. Essex: Longman, 1988.

MASCHERPE, Mario; ZAMARIN, Laura. **Os Falsos Cognatos: Tradução do Inglês para o Português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MARELLO, Carla. Les Différents Types de Dictionnaires Bilingües. In: Béjoint, Philippe Thoiron. **Les Dictionnaires Bilingues**. Luvain-La-Neuve: Duculot,1996.

- MITTMANN, Solange. **Notas do Tradutor e Processo Tradutório**. Ufrgs. Porto Alegre, 2003.
- MOUNIN, Georges. **Os Problemas Teóricos da Tradução**. Cultrix: São Paulo, 1975.
- NEUBERT, Albrecht. **Fact and Fiction of the Bilingual Dictionary**. In: Actas del IV Congreso Internacional Euralex'90 Proceedings: Bibliograf, Barcelona 1992.
- NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Pergamon: Oxford, 1981.
- PALMER, F.R. **Semantics**. Avon: Cambridge University Press, 2ed, 1991.
- PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. Ática: São Paulo, 2001.
- PINKER, Steven. **O Instinto da Linguagem**. Martins Fontes: São Paulo, 2004.
- QUIRK, R.; Greenbaun, S. **A University Grammar of English**. Essex: Longman, 1984.
- RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1987.
- SANTOS, Agenor Soares. **Guia Prático de Tradução Inglesa**. São Paulo : Cultrix, 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1974.
- SILVEIRA, J. R. C. & Feltes, H. P. M. **Pragmática e Cognição**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- STUBBS, Michael. **Words and Phrases. Corpus Studies of Lexical Semantics**. Oxford: Blackwell, 2001.
- TATILON, Claude. Traduction: Une Perspective Fonctionnaliste. In: **La Linguistique**, vol 39, fasc. 1, 2003.
- THEODOR, Erwin. **Tradução – Ofício e Arte**. São Paulo, Cultrix, 1976.
- TOURY, Gideon. A Noção de “Tradução Presumida”-Um Convite a uma Nova Discussão. In: **Cadernos de Tradução**, n. 14, Porto Alegre, 2001 (p. 59-73)
- TOURY, Gideon. Em Busca de Leis para a Atuação Tradutória. In: **Cadernos de Tradução**, n. 14, Porto Alegre, 2001 (p. 19-37)
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. Contexto: São Paulo, 2004.
- VAN HOOFF, Henri. **Petit Histoire des Dictionnaires**. Louvain-La-Neuve, Belgium, 1994.
- WELKER, Andreas Herbert. A Valência Verbal em Três Dicionários Brasileiros. In: **Linguagem & Ensino**, vol. 8. no. I, 2005 (73-100).
- WELKER, Andreas Herbert. **Dicionários. Uma Pequena Introdução**. Thesaurus: Brasília, 2004.

YEBRA, Valentín García. **Teoría y Práctica de la Traducción**. Gredos: Madrid, 1984.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford, 1996.

ZGUSTA, Ladislav. **Manual of Lexicography**, Mouton: Paris, 1971.

Dicionários Fonte:

BOAS, Nelson V. **Open Dictionary**. Inglês-Português/Português-Inglês e Termos Técnicos. São Paulo: Egéria, 1979. (OP, 1979)

Cambridge International Dictionary of English. Cambridge University Press: Cambridge, 1995. (CIDE, 1995)

Collins Prático, Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo: Harpers Collins, 1997 (CP, 1997)

FERREIRA, A. Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (AU, 1998)

Houaiss Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa, versão 1.0, 2002. (HouE, 2002)

Longman Dictionary of English Language and Culture. Essex: Longman House, 1995. (LDELC, 1995)

Longman Language Activator. Essex: Longman House, 1998. (LLA, 1998)

Macmillan English Dictionary for Advanced Learners (versão eletrônica), 2002. (MacE, 2002)

Michaelis Dicionário eletrônico completo – inglês/português/espanhol . versão 4.0 (MicE, 2006)

Michaelis Dicionário Moderno Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo Melhoramentos, 2006. (MDM, 2006)

Michaelis Dicionário Ilustrado Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo Melhoramentos, 1994. (MDI, 1994)

Michaelis Dicionário Prático Inglês-Português/Português-Inglês. São Paulo Melhoramentos, 2000. (MDP, 2000)

New Oxford Thesaurus of English. Oxford: Oxford, 2000 (Note, 2000)

Oxford Portuguese Dictionary. Dicionário Português-Inglês/Inglês-Português. Oxford: Oxford, 1996 (OPD, 1996)

SERPA, Oswaldo. **Dicionário Escolar Inglês-Português/Português-Inglês**. Fename: Rio de Janeiro, 1983. (DEIPPI, 1983)

VALLANDRO, Leonel. **Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês**. 6 ed. São Paulo: Globo, 1976.

Webster's Portuguese English Dictionary. Record: Rio de Janeiro e São Paulo, 2005. (WPED, 2005)

Endereços da internet:

<http://www.livrariacultura.com.br>
(livraria cultura)

<http://www.saraiva.com.br>
(livraria saraiva)

<http://www.sbsbookservices.com.br>
(livraria SBS)

<http://www.textworld.com>
(simple concordance program – programa de estatística lexical)

<http://www.webcorp.org.uk>
(banco de dados lingüísticos da língua inglesa)

Apêndice

1. Os Padrões Sintáticos Básicos da Língua inglesa

Como mencionamos acima, desejamos ter uma visão das principais possibilidades sintáticas da língua inglesa. De acordo com Leech, Svartvik (1988, p.212) há seis padrões verbais básicos. São eles:

a) Verbos de ligação	padrão SVC (sujeito-verbo-complemento)
Exemplo:	Tradução:
“Mary is a nurse.”	“Mary é uma enfermeira.”
b) Verbos com um objeto (transitivos)	padrão SVO- (sujeito-verbo-objeto)
Exemplo:	Tradução:
“Everybody admired her new car.”	“Todos admiraram seu carro novo.”
c) Verbos com um objeto + verbo (transitivos)	padrão SVOV (sujeito-verbo-objeto-verbo)
Exemplo:	Tradução:
“They told me to stay.”	“Eles disseram-me para ficar/que ficasse.”
d) Verbos com dois objetos (bitransitivos)	padrão SVOO (sujeito-verbo-objeto-objeto)
Exemplo:	Tradução:
“She gave all the children presents.”	“Ela deu presentes a todas as crianças.”
Verbos com objeto e complemento nominal do objeto.	Padrão SVOC (sujeito-verbo-objeto-complemento)
Exemplo:	Tradução:
“They considered the car (to be) too expensive.”	Eles acharam o carro muito caro.”
Verbos sem complemento ou objeto	padrão SV (sujeito-verbo)

(intransitivos)	
Exemplo:	Tradução:
“The children laughed.”	“As crianças riram.”

Os padrões básicos dos verbos na língua inglesa são, como se pode ver, praticamente idênticos aos que temos em português, o que significaria que em uma representação de estruturas sintáticas básicas na L2 não haveria o que explicar (já que se mantêm as mesmas propriedades entre lema e equivalentes). Contudo, este modelo de representação sintática básica fica aquém de uma forma satisfatória de representar modelos sintáticos que sirvam à função ativa do dicionário bilíngüe porque eles não permitem saber quando certas formas verbais são exigidas em casos mais detalhados da sintaxe da língua inglesa (que certas expressões são seguidas de gerúndio ou de particípio, por exemplo), pois é justamente através de um contraste mais detalhado que se revela o anisomorfismo das estruturas sintáticas das duas línguas. Portanto, torna-se necessário conhecer maiores detalhes sobre as configurações sintáticas da língua inglesa. A este respeito, Leech, Svartvik (1988, p.213) mencionam que somente quatro dos seis padrões básicos podem ocorrer na voz passiva, a saber, os padrões que contêm objeto. Não demonstraremos as estruturas de voz passiva, uma vez que, conforme afirmamos anteriormente, as assumimos como conhecimento básico da estrutura geral da língua. Passemos então a uma representação expandida das estruturas verbais básicas da língua inglesa⁶⁸ para podermos apontar em que pontos especificamente as estruturas sintáticas das duas línguas divergem.

⁶⁸ Leech, Svartvik (1988, p.297) tratam mais profundamente somente os modelos que consideram mais difíceis para os aprendizes. Podemos considerar que grande parte destas estruturas sintáticas representa, não por acaso, grandes dificuldades para o falante estrangeiro. De todas as formas, é preciso lembrar que nosso interesse se detém especialmente sobre as estruturas anisomórficas. Depois de fazermos um levantamento geral das estruturas principais (e mais complexas) tentaremos chegar a uma representação que distinga especialmente aspectos discriminantes com relação à gramática da língua portuguesa.

1.2. Principais Variedades dos Padrões Básicos

I	Padrão SVC	Exemplo	Abreviação/ avaliação
1	verbos de ligação + com complemento nominal ou com oração nominal:	“This is a good book.”	L+sub
	tradução	“Este é um bom carro.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
2	verbos de ligação + oração nominal (iniciada por that)-	“The answer is that we don’t want to stay.”	L+ <i>that</i>
	tradução	“A resposta é que nós não queremos ficar.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
3	verbo de ligação + verbo <i>to be</i> + complemento	“She seems to be a sweet girl.”	L- <i>to be</i> +sub/adj
	tradução	“Ela parece ser uma garota meiga.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
4	verbo de ligação + adjetivo (ou verbo no particípio)-	“He became very sick.”	L+adj
	tradução	“Ele ficou muito doente.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
5	verbo de ligação + verbo <i>to be</i> + adjetivo	“The task proved (to be) impossible.”	L+ <i>to be</i> +adj
	tradução	“A tarefa provou ser impossível.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
6	verbo de ligação +complemento adverbial	“John is at school.”	L+adv
	tradução	“John está na escola.”	Estruturalmente

			idêntico ao inglês
II	Padrão SVO		
7	objeto + sintagma nominal	“She cut the cake.”	v+sub
	tradução	“Ela cortou o bolo.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
8	Phrasal verb + objeto	“They blew up the bridge.”	v+sub
	tradução	“Eles explodiram a ponte.”	parcialmente diferente do inglês (pelo uso da preposição)
9	Phrasal verb +objeto + preposição (frasal partido)	“They blew the bridge up.”	v+o+prep
	tradução	“Eles explodiram a ponte.”	parcialmente diferente do inglês (pelo uso da preposição)
10	verbo +objeto + preposição	“Let’s clean the room out.”	v+o+prep
	tradução	“Vamos limpar a sala.”	parcialmente diferente do inglês (pelo uso da preposição)
11	verbo + preposição + preposição+ objeto	“They should do away with these old shoes.”	v+prep+prep+o
	tradução	“Eles deviam dar sumiço nestes sapatos velhos.”	parcialmente diferente do inglês (pelo uso da

			preposição)
12	verbo + Øinfinitivo + objeto	“Can I help clean the windows?”	v+ t ₀ inf +o
	tradução	“Posso ajudá-la a limpar a janela?”	parcialmente diferente do inglês (pela falta da preposição e pela presença do infinitivo sem o <i>to</i>)
13	verbo + infinitivo	“We agreed to stay over night.”	v+inf
	tradução	“Nós concordamos em ficar aquela noite.”	parcialmente diferente do inglês (pelo ausência da preposição)
14	verbo + gerúndio	“Have you stopped doing your exercise?”	v+ing
	tradução	“Você parou de fazer seu exercício?”	parcialmente diferente do inglês (pela troca do infinitivo pelo gerúndio)
15	verbo + <i>that</i>	“They agreed (that) she is efficient.”	v+ <i>that</i>
	tradução	“Eles concordavam que ela era eficiente.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
16	verbo + pronomes <i>wh/if</i>	“He asked if they were	v+pron

		coming.”	
	tradução	Ele perguntou se eles estavam vindo.	Estruturalmente idêntico ao inglês
17	verbo + pronomes wh + infinitivo	“I don’t know how to address this letter.”	v+pron+inf
	Tradução	“Eu não sei como endereçar esta carta.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
III	Padrão SVOV		
18	verbo + objeto+ Ø infinitivo	“Will you help me write the invitations?”	T+ ø inf
	tradução	“Você me ajudará a escrever esta carta?”	parcialmente diferente do inglês (pela posição do auxiliar e pelo infinitivo sem o <i>to</i>)
19	verbo + objeto + infinitivo	“He allowed the neighbors to use his car.”	T+inf
	tradução	“Ele permitiu aos seus vizinhos usarem seu carro.”	parcialmente diferente do inglês (pela uso do infinitivo flexionado e ausência da preposição)
20	verbo + objeto + gerúndio	“Please, don’t keep us waiting!”	T+ing
	tradução	“Por favor, não nos deixe esperando!”	Estruturalmente idêntico ao inglês

21	verbo + objeto + forma de participio	“I must get my shoes mended.”	T+ed
	tradução	“Eu preciso consertar os meus sapatos.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência da estrutura “causativa”
IV	Padrão SVOO		
22	verbo+ objeto indireto + objeto direto	“He gave George the money.”	v+sb+sth
	tradução	“Ele deu a George o dinheiro.”	parcialmente diferente do inglês (pelo uso da preposição)
23	verbo+objeto direto + to + substantivo)	“He gave the money to George.”	v+sth+to+sb
	tradução	“Ele deu o dinheiro a George.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência da preposição)
24	verbo +objeto indireto + objeto direto /	“He bought his wife a gold watch.”	v+sb+sth
	tradução	“Ele comprou para sua esposa um relógio de ouro.”	parcialmente diferente do inglês (pela presença da preposição)
25	verbo + objeto direto + for + substantivo)	“He bought a gold watch for his wife.”	v+sth+for+sb
	tradução	“Ele comprou um relógio de ouro para sua esposa.”	parcialmente diferente do inglês

			(pela presença da preposição)
27	verbo + objeto + that clause	“He told her (that) he would be back early.”	v+sb+that
	tradução	“Ele lhe disse que ele voltaria cedo.”	parcialmente diferente do inglês (pela obrigatoriedade do pronome <i>que</i>)
28	verbo + objeto + oração subordinada iniciada por <i>wh</i> (pronome interrogativo)	“He asked us who she was.”	v+sb+pron
	tradução	“Ele nos perguntou quem ela era.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
29	verbo + oração subordinada iniciada por <i>wh</i> (pronome interrogativo)+ infinitivo	“I told her how to do it.”	v+pron int+inf
	tradução	“Eu lhe disse como fazer isso.”	Estruturalmente idêntico ao inglês
V	Padrão SVOC		
30	verbos + objeto + complemento nominal	“The parents named the baby Susan.”	T+sub
	tradução	“Os pais batizaram o bebê como Susan.”	parcialmente diferente do inglês (pela presença da preposição)
31	verbos + objeto+ <i>to be</i> + complemento nominal	“They considered him (to	T+ <i>to be</i> +sub

		be) the best player on the team.”	
	tradução	“Eles o consideraram o melhor jogador da temporada.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência do verbo <i>to be</i>)
32	verbos + objeto + adjetivo	“He painted the door blue.”	T+adj
	tradução	“Ele pintou a porta de azul.”	parcialmente diferente do inglês (pela presença da preposição)
33	verbo + objeto + <i>to be</i> + adjetivo	“He found her (to be) a very efficient secretary.”	T+ <i>to be</i> +adj
	tradução	“Ele a achou uma secretária muito eficiente.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência do verbo <i>to be</i>)
34	verbo + objeto + complemento adverbial	“She showed me to the door.”	v+sb+adv
	tradução	“Ele mostrou-me a porta.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência da preposição)
VI	Padrão SV (verbos intransitivos)		
35	verbo + complemento adverbial	“Don’t shout in here.”	I +adv
	tradução	“Não grite aqui dentro.”	parcialmente diferente do inglês

			(pela ausência do auxiliar e da preposição)
36	verbo + infinitivo + complemento	“He lived to be ninety.”	I +inf+sub
	tradução	“Ele viveu até os noventa.”	parcialmente diferente do inglês (pela ausência do <i>ser</i> e presença da preposição)
37	verbo + gerúndio	“She came running.”	I + <i>ing</i>
	tradução	“Ela veio correndo.”	Estruturalmente idêntico ao inglês

Observação: as abreviações utilizadas no quadro acima (*sb, sth, ing, ed, I, T, adv, wh*) são do trabalho de Leech, Svartvik (1988, p.297) e se referem a um sistema classificatório utilizado por ele.

Como podemos ver no desdobramento dos seis modelos básicos, entre as mais de trinta estruturas derivadas que levantamos, várias são perfeitamente análogas a estruturas (e formas constituintes) encontradas na língua portuguesa. Nas estruturas parcialmente divergentes concluímos que: é especialmente com relação aos aspectos de transitividade (valência) dos verbos, às questões de regência verbal (dependência das preposições) e à combinação de formas verbais (a que chamamos na tradição gramatical da língua portuguesa de “perífrases verbais”) que se dão as maiores diferenças que caracterizam o anisomorfismo lingüístico, o que pode ser visto pelas respectivas traduções dadas aos diversos exemplos vistos acima e que precisariam estar representadas na microestrutura do dicionário bilíngüe.

Anexo I - Lista de Dicionários da Livraria Cultura

DICIONARIO WEBSTER'S PORTUGUES-INGLES (em Portugues) (2003)
TAYLOR, JAMES L
RECORD
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 89,00

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO LAROUSSE INGLES/PORTUGUES ESSENCIAL (em Portugues) (2005)
LAROUSSE
LAROUSSE DO BRASIL
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 39,90

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO LAROUSSE INGLES/PORTUGUES AVANÇADO (em Portugues) (2006)
LAROUSSE
LAROUSSE DO BRASIL
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 59,90

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES/PORTUGUES-INGLES (em Portugues) (2004)
MARQUES, AMADEU
ATICA
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 25,90

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO WEBSTER'S INGLES-PORTUGUES (em Portugues) (2005)
HOUAISS, ANTONIO
RECORD
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 89,00

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES / PORTUGUES-INGLES (em Portugues) (1999)
VALLANDRO, LEONEL
GLOBO
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 76,00

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES PORTUGUES INGLES (em Portugues) (2000)
VALDEZ, JOAO FERNANDO
ITATIAIA EDITORA
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 110,00

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES PORTUGUES (em Portugues) (2006)
JELIN, ISRAEL
FTD
DICIONARIOS

Preço = R\$ 103,90

Disponibilidade: postagem em até 1 dia útil* + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

GRANDE DICIONARIO ILUSTRADO INGLES-PORTUGUES DE (em Portugues) (2003)
GARCIA, ANA JULIA PERROTTI / GARCIA, SERGIO JESUS
ATHENEU EDITORA
DICIONARIOS TEMÁTICOS E ENCICLOPÉDIAS

Preço = R\$ 137,00

Disponibilidade: envio em até 7 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

NOVO DICIONARIO INGLES-PORTUGUES-PORTUGUES-INGLES (em Portugues) (2001)
OLINTO, ANTONIO
DCL DIFUSAO CULTURAL
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 96,00

Disponibilidade: envio em até 10 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES FUNDAMENTAL (em Portugues de Portugal)
(2006)
TEXTO EDITORES
TEXTO BRASIL

DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 35,99

Disponibilidade: envio em até 10 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES COMPACTO (em Portugues de Portugal) (2005)
TEXTO EDITORES
TEXTO BRASIL
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 21,99

Disponibilidade: envio em até 10 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO PORTUGUES-INGLES FUNDAMENTAL (em Portugues de Portugal)
(2006)
TEXTO EDITORES
TEXTO BRASIL
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 35,99

Disponibilidade: envio em até 10 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES (em Portugues) (2003)
SERPA, OSWALDO
GARNIER
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 110,00

Disponibilidade: envio em até 15 dias úteis + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

HARPERCOLLINS - DICIONARIO INGLES-PORTUGUES (em Ingles) (2002)
HARPER USA

Preço = R\$ 33,24

Disponibilidade: envio em até 4 semanas + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONÁRIO BÁSICO ILUSTRADO DE INGLÊS - PORTUGUÊS (em Portugues de Portugal) (2006)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA
DICIONARIOS

Preço = R\$ 19,94

Disponibilidade: envio em até 8 semanas + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO ACADEMICO DE PORTUGUES-INGLES (em Portugues de Portugal)
(2002)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 31,67

Disponibilidade: envio em até 8 semanas + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES/PORTUGUES-INGLES (em Portugues de Portugal)
(1998)
EDITORIAL PRESENÇA
PRESENÇA
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 58,49

DICIONARIO ESSENCIAL INGLES-PORTUGUES / PORTUGUES- (em Portugues de Portugal) (2002)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA
DICIONARIOS BILINGUES

Preço = R\$ 42,62

Disponibilidade: envio em até 8 semanas + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

DICIONARIO EDITORA DE INGLES - PORTUGUES (CAIXA) (em Ingles) (1990)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA

Preço = R\$ 144,28

Disponibilidade: envio em até 8 semanas + prazo do frete (Veja aqui como funciona nossa entrega)

PRATICO DICIONARIO COLLINS - INGLES/PORTUGUES ... (em Portugues) (1997)
WHITLAM, JOHN / DAVIES, VITORIA / HARLAND, MIKE
SICILIANO
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

COLLINS DICIONARIO ESCOLAR INGLES-PORTUGUES/PORTUG (em Portugues)
(1995)

EDITORA SICILIANO
SICILIANO
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO DE PORTUGUES - INGLES (em Portugues de Portugal) (1997)
FERREIRA, JULIO ALBINO, PADRE
NOTICIAS
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO MINI INGLES-PORTUGUES / PORTUGUES-INGLE (em Portugues)
ALMEIDA, MARIA CECILIA MENDES DE
FTD
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO DE INGLES - PORTUGUES PROFISSIONAL (em Portugues de Portugal)
(1996)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA

ESGOTADO

DICIONARIO VERBO PORTUGUES-INGLES (em Portugues de Portugal) (2000)
CHORAO, JOAO BIGOTTE
VERBO (PORTUGAL)
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO INGLES-PORTUGUES PORTUGUES INGLES (em Portugues de Portugal)
(1987)
PORTO EDITORA
PORTO EDITORA

ESGOTADO

MICHAELIS DICIONARIO UNIVERSAL INGLES-PORTUGUES (em Portugues) (2003)
VARIOS AUTORES
MELHORAMENTOS
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO ILUSTRADO - INGLES-PORTUGUES (em Portugues)
GOMES, LUIZ L.
THOMSON PIONEIRA
DICIONARIOS BILINGUES

ESGOTADO

DICIONARIO PORTUGUES/INGLES (em Portugues)
MIORANZA, CIRO
PBQ
DICIONARIOS BILINGUES

Anexos II- Verbetes do DEIPPI (1990)

ACABAR, *v.* to finish, to complete, to end; to accomplish; to come to an end; to destroy, to get rid of, to put an end to, to do away with (followed by *com*); to have just (followed by *de* and an infinitive).

ACOMPANHAMENTO, *m.* attendance; retinue; funeral procession; (mus.) accompaniment, vamp; (cook.) trimmings, (U.S.) fixings.
ACOMPANHAR, *v.* to accompany; to attend, to escort; to wait upon; (mus.) to accompany.

APRESENTAR, *v.* to present, to exhibit; to introduce; to produce.
APRESENTÁVEL, *a.* presentable.

ASSUMIR, *v.* (to assume,) to take on.
ASSUNÇÃO, *f.* assumption.
ASSUNTAR, *v.* to listen to; to consider; to pay

BAIXAR, *v.* to descend, to lower, to come or go down; to lower, to reduce; to bring or take down.

IMPEDIR, *v.* to impede, to hinder, to prevent.
IMPEDITIVO, *a.* impeding, hindering.
IMPELIR, *v.* to impel, to push, to drive.

MIXTURE [ˈmɪkstʃə], *s.* mistura, mescla; misto.
MIX-UP [ˈmɪksʹʌp], *s.* confusão; tumulto, conflito.

PRETENDER, *v.* to intend, to have thought; to claim; to aim at; to long for; to strive, to endeavour.

REALIZAR, *v.* to fulfil, to accomplish, to achieve, to bring into being, to carry out. *-se*, to take place, to come true (dream); to be realized, achieved; to achieve one's ambitions.

RECONCILIAÇÃO, *f.* reconciliation.
RECONCILIADOR, *a.* reconciling. *m.* reconciler.
RECONCILIAR, *v.* to reconcile. *-se*, to reconcile oneself; to make it up, to make friends.
RECONCILIATÓRIO, *a.* reconciliatory.
RECONCILIÁVEL, *a.* reconcilable.

Anexos II – Verbetes do DIPPI (2002)

acab|ado, finished, complete, completed, done; perfect; over: *tudo está a.*, it is all over; (*envelhecido*) worn out. || ~amento, finishing, completion; (*aperfeiçoamento*) perfecting, polishing; (*perfeição*) perfection, completeness. || ~ar, vt. to end, finish, complete, conclude; (*levar a cabo*) to accomplish, bring to an end. || vi. o mesmo que ACABAR-SE. *a. bem* ou *mal*, to have a good (bad) end. *a. com*, to put an end to, stop; to destroy, do away with; *acabe com isso!* stop that! *a. de: acabo de chegar*, I have just arrived. *a. em*, to end up in; *acabou na cadeia*, he landed in jail. *a. por*, to end up by (doing something). || ~ar-se, to end, cease; to come to an end; (*prazo*) to expire, run out; *o gás acabou-se*, the gas is off; *o espetáculo acabou-se*, the show is over; *acabou-se!* it is all over!

impedimento, impediment (*também dir.*); hindrance, encumbrance; obstacle, check; (*no futebol*) offside. || ~ir, to impede, hinder, obstruct, hamper, encumber; to keep back, restrain, bar, check, thwart; to prevent (someone from doing something). *não posso impedi-lo*, I cannot help it. || ~itivo, hindering.

preten|dente, pretender; claimant; candidate, aspirant; (*requerente*) applicant; (*galanteador*) suitor, wooer. || ~der, to pretend, lay claim to; to aspire to; to aim at; to intend, mean, purpose, contemplate; to allege. || ~são, pretention, claim; aim, design, aspiration; (*também pp.*) pretentiousness, pretenses, airs. || ~sioso, pretentious, assuming, arrogant, affected; (*fam.*) highfalutin. || ~so, supposed, reputed, so-called; seeming; would-be; self-styled.

acompanh|ador, companion, escort; (*mús.*) accompanist. || ~amento, attendance; (*séquito*) retinue, escort; (*fúnebre*) procession; (*mús.*) accompaniment; (*culinário*) trimming. || ~ante, escort; (*de enterro*) mourner. || ~ar, to accompany (*também mús.*), go along with; to follow; to escort; (*como servidor*) to attend, wait upon; (*como dama de companhia*) to chaperon; (*progressos*) to keep up with; to see: *acompanhei-o até a porta*, I saw him to the door. *a. de perto*, to follow closely.

realiz|ação, fulfillment, accomplishment, execution; doing; achievement; realization, fruition; conversion into money. || ~ar, to fulfill, carry out, accomplish; to do, perform, achieve, execute; to realize; to effect; (*reuniões etc.*) to hold; (*negócios*) to transact; to convert into money. || ~ar-se, to

take place, happen, occur; to come true, come off. || ~ável, achievable, feasible. *realmente*, really, truly; actually; indeed. *reanimar*, to reanimate, revive; to enliven; to refresh: to reinvigorate; to reassure. ||

apresent|ação, presentation; (*de uma pessoa a outra*) introduction; (*aparência pessoal*) deportment. || ~ador, presenter; introducer. || ~ante, (*de uma letra de câmbio*) bearer. || ~ar, to present (to someone etc.); to introduce; (*desculpas etc.*) to offer, proffer; (*respeitos etc.*) to pay; (*uma petição*) to lay; (*um caso etc.*) to submit; (*provas etc.*) to adduce, produce, bring forward; (*mostrar*) to exhibit, show, reveal. *apresente-lhe o Sr. Smith*, meet Mr. Smith. || ~ar-se, to present (introduce) oneself; to appear; to turn up; to step forth; (*a um superior*) to report (to). || ~ável, presentable.

assumir, to assume, take on; to take over; to take charge of; (*responsabilidade*) to take upon oneself, shoulder; (*ares*) to put on.

Anexos II – Verbetes do LDEL (1995)

ask /ɑːsk||æsk/ v 1 [I;T (about)] to request (information) from (someone); put a question to (someone), or call for an answer to (a question): *She asked about his new job.* | *"Have you seen my pen?" she asked.* | *Don't ask so many questions.* | *"Where's Tom?" "Don't ask me!" (=I don't know)* | *"What crazy scheme has he got in mind now?" "You may well ask!" (=That is a good question because it certainly is something crazy)* | *"I think he likes her."* | *"If you ask me, he's in love."* | *"Do you know of a good dentist?" "No. You'll have to ask around."* (=ask a lot of people) [+wh-] *The committee asked whether the minister knew about these facts.* [+obj+wh-] *Ask him where to go/who he is/if he'd like a drink.* | *Might I ask what you are doing in my bedroom?* [+obj(i)+obj(d)] *Ask him his name.* 2 [I;T (for)] to make a request for (something) or to (someone): *If you need any help, just ask.* | *She asked (me) for a drink.* | *He asked my advice.* | *They asked permission (to go).* [+to-v] *I asked to see the manager.* [+obj+to-v] *She asked him to wake her at 6 o'clock.* [+that] (fm) *He asked that they (should) be allowed to leave.* | *She asked him if he would lend her his car.* | *I think the job's yours for the asking.* (=if you show that you want it) [+obj(i)+obj(d)] *Can I ask you a favour?* (=ask you to do something for me) *I'm not asking the world,* (=asking for something unreasonable) *I only want five minutes of your time.* –see ORDER (USAGE), REQUEST (USAGE) 3 [T (for, of)] to expect or demand (something) from someone: *They're asking a lot of money for their house.* | *You're asking a lot/too much (of them) if you expect them to work at the weekend.* 4 [T (to, for)] to invite: *I've asked some friends to tea/for dinner.* | *I asked her in/up/down for a drink.* | *He wanted to ask her out* (=to go out with her socially), *but he didn't have the courage to do it.* [+obj+to-v] *Let's ask them to stay for the weekend.* | *"Are you going to the party?" "No, I haven't been asked."*

5 **Ask, and it shall be given you** quote a phrase from the Bible, now often used humorously
▷ USAGE Compare **ask**, **inquire**, **question**, and **interrogate**. **Ask** is the usual verb for questions: *"Where do you live?" he asked.* | *He asked a question.* **Inquire** (or **enquire**) has the same meaning, but is more formal, and is not followed by a noun or pronoun object: *"Where do you live?" he inquired.* | *He inquired where they lived.* **To question** a person is to ask them many questions, and **to interrogate** suggests that the person is being held by force and asked questions which they are unwilling to answer. ◀

as-sume /ə'sju:m||ə'su:m/ v [T] 1 to believe (something) to be true without actually having proof that it is; suppose: *We can't just assume her guilt.* [+ (that)] *If he's not here in five minutes, we'll assume (that) he isn't coming.* **Assuming (that)** *you're right about this, what shall I do?* [+obj+to-v] *He was with an elderly man and woman who I assumed were his grandparents.* 2 to take or claim for oneself (sometimes without the right to do so); beg; to have or use: *You will assume your new responsibilities tomorrow.* | *The army assumed control of the government.* 3 to begin to have (a quality or appearance): *The problem is beginning to assume massive proportions.* 4 to pretend to have; FEIGN: *He assumes a well-informed manner in fact he knows very little.* | *to write under an assumed name*

be-come /bi'kʌm/ v **became** /bi'keɪm/, **become** 1 [I;T] begin or come to be: *He became king at the age of 11.* | *After the death of her father she became the richest woman in the world.* | *The weather became warmer.* | *We soon became acclimatized to the warmer weather.* | *These constant delays are becoming a bit of a bore.* | *She became increasingly anxious about her husband's strange behaviour.* | *He withdrew from the competition when it became clear that he stood no chance of winning.* 2 [T] to be right or suitable to; BEFIT: *This sort of behaviour hardly becomes a person in your position.*
become of sbdy./sthg. *phr v* [T] to happen to, often in a bad way: *I don't know what will become of us if the company goes bankrupt.* | *Whatever became of that nice girl you used to share a flat with?*

▷ USAGE **Become** can be used of people and things as well as with most types of adjective: *Mary became angry.* | *The sky became cloudy.* | *It became clear that he was lying.* With adjectives of colour, **turn** can be used: *The leaves are turning brown,* or **go** (informally) or if the change in colour is not long-lasting; **go** is not standard in American English when used in this way. Compare: *His skin had turned/gone (informal) brown from the weeks he spent working in the sun.* | *His face went red when they made fun of him.* **Go** can also be used to show changes (usu. for the worse) in expressions like: *He went mad/blind/deaf/bald.* | *The meeting went bad.* ◀

be-lieve /bɪ'li:v/ v [not in progressive forms] 1 [T] to consider to be true, honest, or real: *You can't believe anything she says.* | *The police didn't believe him/his account of the accident.* | *I asked my boss for a month's holiday and, believe it or not, she agreed!* | *"He says he's given up smoking."* | *"Don't you believe it – I saw him having a cigarette only ten minutes ago!"* | *+(that) It's hard to believe that she's only 25.* | *I can't believe* (=I'm extremely surprised) *he's getting married after all these years.* | *He said I needed a face-lift – would/can you believe it!* (=expresses surprise or shock) | *He tore up the contract and stormed out – I could hardly believe my eyes!* (=I was extremely surprised). –see CAN (USAGE), DISBELIEVE (USAGE), and see also **make believe** (MAKE¹) 2 [T] to hold as an opinion; think; suppose: [+ (that)] *I believe*

they're getting married. | *"Has he arrived yet?" "I believe so."* | *According to the poll, 65% of the public believe the President's economic policies are right.* | *+(obj+to-v) The banks are widely believed to be planning a cut in interest rates.* | *The jury believed her to be innocent.* 3 [I] to have a firm religious faith

believe in sbdy./sthg. *phr v* [T] 1 to think that (something) exists: *Do you believe in fairies/magic?* 2 to have faith or trust in: *Christians believe in Jesus.* | *I don't believe in astrology.* 3 to have confidence in the value of: *I don't believe in all these so-called health foods.* | *+(obj) He believes in taking plenty of exercise.*

also PULL through (1)
bring sbdy./sthg. → **up** *phr v* [T] 1 to educate and care for (a child) until grown-up: *to bring up children* | *well/badly brought up* | *She was brought up to believe that money is the most important thing in life.* 2 to mention or bring to attention (a subject): *Don't bring up that embarrassing topic.* –compare COME UP (1) 3 esp. BrE to VOMIT (one's food): *He brought up his dinner.* 4 **bring someone up short** to cause to stop suddenly: *I was about to enter the room, when I was brought up short by a note on the door.* –see also **bring up the rear** (REAR¹)

care² v [not in progressive forms] 1 [I (about); T+wh-; obj] to be worried, anxious, or concerned (about); mind: *When his dog died Allan didn't seem to care at all.* | *The only thing he cares about is money.* | *I really care whether we win or lose.* | **As if I cared whether he comes or not!** (=it doesn't matter to me at all) | **I couldn't care less what you think!** | **We could be starving for all they care.** (=they don't care at all) –see also CARING 2 [T+to-v; obj] (esp. in polite suggestions) to like; want: *Would you care*

to wait here, sir, until the manager can see you?

▷ USAGE Compare **care (about)**, **care for** and **take care of**. 1 **To care about** something is to think it is important: *She doesn't care about money.* | *I don't care (about) what people think.* 2 **To care for** means "to like" in negative sentences and questions: *I don't really care for red wine.* It also means (rather literary) "to look after": *Who will care for me when I am old?* 3 **To take care of** means "to look after": *We will take care of you when you are old.* | *She asked her secretary to take care of the travel arrangements.* ◀

care for sbdy./sthg. *phr v* [T] 1 to nurse or attend (esp. someone old or sick); look after: *She cared for her father in his dying years.* | *I am glad to see that you are being well cared for.* 2 (usu. in questions and negatives) to like: *I don't really care for tea; I like coffee better.* | *Would you care for* (=do you want to have) *a drink?*

deal¹ /di:l/ *v* **dealt** /delt/ 1 [I;T (to, out)] to give out (playing cards) to players in a game: *It's my turn to deal.* | *to deal (out) the cards* | *I dealt three cards to each player.* [+obj(i)-obj(d)] *He dealt me three cards.* 2 [T (to, out)] to give, esp. as a share of something: *I dealt out two biscuits to each of the children.* 3 [T] esp. lit or old use to strike (a blow): [+obj(i) + obj(d)] *She dealt him a blow on the head.* 4 [I;T] *sl* to buy and sell (illegal drugs): *deal in sthg.* *phr v* [T usu. not pass.] to buy and sell; trade in: *She deals in men's clothing.*

deal with sbdy./sthg. *phr v* [T] 1 to take action about: TACKLE: *effective measures to deal with drug smuggling* | *All complaints will be dealt with by the manager.* | *It was a difficult situation, but she dealt with it effectively.* 2 to be about; have as a subject: *The book deals with the troubles in Ireland.* 3 to do business, esp. trade, with: *I've dealt with this store/person/company for 20 years.*

deal² *n* 1 [C] an agreement or arrangement, esp. in business or politics, esp. one that is to the advantage of both sides: *The car company has done (BrE)/made (AmE) a deal with a Polish firm to supply engines in exchange for wheels.* | *The prosecution lawyers offered to do a deal with the defence in order to get the man convicted.* | *Do we have a deal?* 2 [S] a particular type of treatment that is given or received: *They promised to give the nurses a better deal (=more money, etc.) if they were elected.* | *We have been getting a rough/raw deal.* (=unfair treatment) —see also NEW DEAL 3 [S (of)] a quantity or degree, usu. large: *We have spent a great deal of money on the new hospital.* | *You will have to work a good deal faster.* —see MORE (USAGE) 4 [C] the process of giving out cards to players in a card game: *Whose deal is it?* —see also DEALER (2) 5 it's a deal I agree to the arrangement you have just suggested: *"I want sixty dollars for it." "I'll give you forty." "Fifty." "OK, it's a deal."* —see also BIG DEAL.

deal³ *n* [U] esp. BrE FIR or PINE wood used for making things: *a deal table*

download /daʊn'ləʊd/ *v* [T] to move (information or PROGRAMS) from one computer system to another

down-market /ˌdaʊnˈmɑːkɪt/ *adj* being or using goods produced to meet the demand of the lower social groups —compare UP-MARKET

droop /dru:p/ *v* [I] 1 to hang or bend downwards: *His shoulders drooped with tiredness.* | *The flowers in the vase drooped in the hot room.* | *a tree with drooping branches* 2 to become sad or weakened; LANGUISH: *Our spirits drooped.* —**droop** *n* (the) S1: *the droop of his shoulders*

enjoy /ɪn'dʒɔɪ/ *v* [T] 1 to get pleasure from (things and experiences); like: *I enjoyed the film.* [+v-ing] *I enjoy going to the cinema.* 2 *fml* to possess or use (something good): *He has always enjoyed (=had) very good health.* 3 **enjoy oneself** to be happy; experience pleasure: *Did you enjoy yourself at the party?* — **ment** *n* [C;U]: *I didn't get much enjoyment out of that book.*

▷ USAGE In British English **enjoy** is always followed by a noun or a pronoun or by a verb with *-ing*: "Did you enjoy your holiday?" "Yes, I enjoyed it very much." | *He enjoyed himself on holiday.* | *He enjoys travelling by train.* Note that in American English the expression **Enjoy!** is sometimes used in informal speech with the meaning "enjoy yourself" or "have a nice time". ◀

express¹ /ɪk'spres/ *v* [T] 1 to show (a feeling, opinion, or fact), esp. in words: *She expressed surprise when I told her how much it was.* | *We expressed our thanks.* [+wh-] *I can hardly express how grateful I feel.* 2 BrE to send by express post: *This letter is urgent; we'd better express it.* 3 [(from, out of)] *fml* to press (oil, juice, etc.) out of something: *The juice is expressed from the grapes and made into wine.* 4 **express oneself** to speak or write one's thoughts or feelings: *She expresses herself in good clear English.*

express² *n* 1 [C] also **express train** /ˌɪkˈspres ˈtraɪn/ — a fast train: *We caught the 9.30 express to London.* 2 [U] also **express delivery** esp. BrE — a service given by the post office, railways, etc., for carrying things faster than usual: *Send the letter by express.*

express³ *adv* by express post: *Send the parcel express.*

express⁴ *adj* [A] 1 going or sent quickly: *an express bus* | *I sent the letter by express delivery.* 2 *fml* clearly stated or understood; particular: *It was her express wish that you should have her jewels after her death.* | *I came here with the express purpose of seeing you.* —see also EXPRESSLY

Express [the] DAILY EXPRESS

feel¹ /fi:l/ *v* **felt** /felt/ 1 [T] to get knowledge of by touching with the fingers; handle in order to examine, test, or find out something: *Just feel the quality of the cloth!* [+wh-] *I can't feel where the light switch is.* | *The nurse felt the child's forehead to see if he had a fever.* 2 [T not in progressive forms] to experience (the touch or movement of something): *It's nice to feel the wind on your face.* | *He felt a sudden stab of pain in his chest.* [+obj+v-ing] *I can feel a pin sticking into me.* | *She felt her heart beating faster.* [+obj+to-v] *I felt something touch my foot.* | *He felt her hand tense up in his.* 3 [L+adj; I+adv] to experience (a condition of the mind or body); be consciously: "Are you feeling better?" "Yes, I feel fine now." | *Do you feel hungry yet?* | *She felt cold/cheated/happy.* | *I feel sure that's him!* | *I feel a hundred.* (=years old) | *I felt as if/as though (=it seemed to me that) I was going to faint.* 4 [I+adv] *prep* to search with the fingers rather than the eyes: *She felt (around) in her bag for a pencil.* 5 [L+adj; I+adv] *prep* to give or produce the stated sensation; seem: *Your hands feel cold.* | *It feels cold in this room.* | *How does it feel to be a famous writer?* | *It feels as if/as though there's something sticking out of the mattress.* | *What's this in my pocket? It feels like a nut.* 6 [L+adj; I+adv] to give one the stated sensation: *My feet feel cold.* | *My leg feels as if it's broken.* 7 [T not in progressive forms] to suffer because of (a state or event): *Old people tend to feel the cold quite badly.* 8 [L+n] to think or believe oneself to be: *I*

felt such a fool when I realized what I'd done. 9 [T] to have an opinion; believe, esp. not as a result of reasoning: *What do you feel about this idea?* [+ (that)] *I can't help feeling (that) you haven't been completely honest with me.* | *The company feels that this is not a good time to invest a large amount of money.* [+obj+n] *fml* *She felt herself (to be) unwanted there.* 10 [T] to have knowledge or consciousness of, but not as the result of reasoning; SENSE: [+ (that)] *She instinctively felt that there was someone else in the room/that someone was following her.* 11 **feel free to do something** (often imperative) to consider oneself welcome to do something: *Please feel (completely) free to make suggestions.* 12 **feel in one's bones** to believe strongly (that something is true or will happen), though without proof: *She's going to phone tonight! I can feel it in my bones.* 13 **feel like** to have a wish for; want: *I don't feel like dancing now.* | *Do you feel like a cup of coffee?* 14 **feel one's way**: a to move carefully (as if) in the dark: *They felt their way down the dark passage.* b to act slowly and carefully: *He hasn't been in the job long and he's still feeling his way.*

feel for sbdy. *phr v* [T] to be sorry for; be unhappy about the suffering of; feel sympathy for: *I really feel for the parents of that boy who was killed in the crash.*

feel sbdy. ↔ **out** *phr v* [T] AmE *infml* to get (someone's) opinions or feelings, e.g. by asking questions: *Have you felt out your parents about using the cabin?*

feel sbdy. ↔ **up** *phr v* [T] *sl* to touch (a woman) sexually, usu. without permission. Feeling somebody up is likely to cause great offence.

feel² *n* [S] 1 the sensation caused by feeling something: *I like the feel of this cloth; it has a warm woolly feel.* 2 *infml*, esp. BrE an act of feeling: *Your neck looks swollen — let me have a feel.* 3 **get the feel of** to become used to: *You'll soon get the feel of the new job/car.*

feelers /fi:ləz/ *n* 1 one of the

feelers

in-cline¹ /ɪnˈklaɪn/ *v* [not usu. in progressive forms] 1 [T] to influence or encourage (someone) to have a

incline

666

particular feeling, belief etc.: [+obj+to-v] *Her arguments incline me to change my mind.* [+obj+adv] *prep* *Her arguments incline me towards a different view of the matter.* 2 [I] a to tend (to); feel drawn (esp. to a particular belief or idea): [+to-v] *I incline to take the opposite point of view.* [+adv] *prep*, esp. to, towards | *I think she inclines towards our point of view.* b to be likely to show a particular state or quality: [+to-v] *I incline to get tired easily.* [+adv] *prep*, esp. to, towards | *fml* *I incline to/towards tiredness in winter.* —compare INCLINED (2) 3 [T] to cause to move downwards: *to incline one's head (in greeting)* 4 [I;T] to (cause to) slope

in-cline² /ɪnˈklaɪn/ *n* a slope: *a steep incline*

offer¹ /'ɒfə/ v 1 [T (to)] to hold out (to a person) for acceptance or refusal: *The police are offering a big reward for any information about the murder.* | *May I offer a suggestion?* | *Offer some coffee to the guests.* | [+obj(i)+obj(d)] *They've offered us £60,000 for the house. Shall we take it? I've been offered a job in advertising.* 2 [I;T+to-v;obj] to express willingness (to do something):

She offered to drive me to the station. | *I don't need any help, but it was kind of you to offer.* 3 [T] to provide; give: *This agreement does not offer much hope of a lasting peace.* | *The booklet offers practical advice to people with housing problems.* 4 [T (UP, to)] to give (to God): *He offered (up) a prayer/a sacrifice.*

offer² n 1 a statement offering (to do) something: *an offer of assistance* | *a firm offer* (=a promise, esp. to pay a certain amount of money) | *They made us an offer we couldn't refuse.* 2 something which is offered: *an offer of £5* | *He made a generous offer for the house.* —see also OFFERING 3 **on offer** BrE | **on sale** AmE for sale, esp. cheaply: *They've got cornflakes on offer/on special offer this week.* 4 **under offer** BrE (of a house, flat, etc., for sale) already having a possible buyer who has offered money —see REFUSE (USAGE)

pretend¹ /prɪ'tend/ v 1 [I;T] to give an appearance of (something that is not true), with the intention of deceiving: *She wasn't really crying; she was only pretending.* | *He often pretends deafness when you ask him an awkward question!* | [+ (that)to-v] *She pretended she didn't know me/pretended not to know me when we met in the street.* 2 [I;T obj] (usu. of a child) to imagine as a game: [+ (that)to-v] *Let's pretend we're on the moon/pretend to be on the moon.* 3 [T+to-v; obj; usu. in questions and negatives] to make a claim, esp. one that cannot be supported: *I don't pretend to understand these technical terms.* (=I admit that I do not understand them)

pretend to sthg. phr v [T] fml to claim to possess: *I don't pretend to much expertise in these matters, but ...*

pretend² adj infml (used esp. by or to children) imagined; imaginary: *That's my pretend friend.* | *a pretend monster*

pre-vent /prɪ'vent/ v [T (from)] to stop (something) happening or stop (someone) doing something: *These rules are intended to prevent accidents.* | [+obj+v-ing] *What can we do to prevent this disease spreading?* | *Unless we get more funding we'll be prevented from finishing our experimental programme.* —able adj : *preventable cancer*

pro-duce¹ /prə'dju:s/ v 1 [T] to grow or bring into existence naturally: *These trees produce rubber.* | *The pancreas is an organ in the body that produces insulin.* | *Canada produces high-quality wheat.* 2 [I;T] to make (goods for sale), esp. in large quantities: *They produce over 250 cars a week.* | *Gas can be produced from coal.* | *The factory hasn't begun to produce yet.* —see also MASS PRODUCE 3 [T] to make by using skill and imagination: *to produce a work of art* | *She can produce a delicious meal from simple ingredients.* 4 [T] to give birth to (a young animal): *Female sheep produce one or two lambs at a time.* | (humor) *Mrs Dobson has just produced twins.* 5 [T] to show, bring out, or offer for examination or consideration: *The magician produced a rabbit from a hat.* | *Can you produce any proof of your date of birth?* | *He suddenly produced a gun.* 6 [T] to prepare and bring before the public: *The book/The play was produced on a very small budget.* 7 [T] to cause; have as a result or effect: *The election did not produce a clear victory for any party.* | *The two lasers combine to produce a powerful cutting tool.* 8 [T] tech (in GEOMETRY) to lengthen or continue (a line) to a point —see PRODUCTION (USAGE)

prod-uce² /'prɒdju:s/ n [U] something that has been produced, esp. by growing or farming: *The wine bottle was marked "Produce of Spain".* —see PRODUCTION (USAGE)

pro-vide /prə'vaɪd/ v [T] 1 [(for)] to cause or arrange for (someone) to have or use (something needed or useful): supply: *The course is free but you have to provide your own books.* | *The hotel provides a shoe-cleaning service for its residents.* | [+obj+with] *These letters should provide us with all the information we need.* | *Senior members of the government are provided with research assistants.* —see SPREAD (USAGE) 2 [+that; obj] fml (of a law, rule, agreement, etc.) to state a special arrangement that must be fulfilled: *The law provides that ancient buildings must be preserved by the government.*

provide against sthg. phr v [T] 1 to make arrangements in order to avoid (a danger) 2 fml (of a law, rule, etc.) to forbid

provide for sbdy./sthg. phr v [T] 1 to support; supply with the things necessary for life: *He has five children to provide for.* 2 to make the necessary future arrangements for: *to provide for every eventuality* (=for whatever might happen) | [+obj+v-ing] *The plans provide for road traffic increasing to twice its present volume.* 3 (of a law, rule, etc.) to allow; make possible: *The possibility of the book being translated is provided for in your contract.*

real-ize also **-lize** BrE /'rɪəlɪz/ v [T not usu. in progressive forms] 1 to understand and believe (a fact); be or become conscious of: *He didn't realize his mistake/the risks he was taking.* | [+ (that)] *She spoke English so well that I never realized she was German.* | [+wh-] *I didn't realize how late it was.* | (in making requests) *I realize you're very busy, but could I talk to you for a few minutes?* | (shows annoyance) *Do you realize you're half an hour late?* 2 to make (a hope, purpose, fear, etc.) real: *She realized her ambition of becoming an actress.* | *My worst fears were realized when I saw what the exam questions were.* 3 fml a to change into money by selling: *We realized all our assets.* b to get (money by selling): *We realized a profit (on the house).* c (of something sold) to bring (an amount of money): *The car realized £3000.* —lizable adj : *realizable hopes/property*

re-fuse¹ /rɪ'fju:z/ v 1 [I;T] to state one's strong unwillingness to accept; say no (to): *He asked her to marry him but she refused.* | *She refused his offer.* 2 [T+obj(i)+obj(d)] to not give or allow: *We were refused entry/refused permission to enter.* 3 [T+to-v; obj] to show or state strong unwillingness (to do something): *She flatly refused to have anything to do with the plan.* | *The engine refused to start.* | *I told him to come back but he refused to.* | *I refuse to answer that question.*

▷ USAGE 1 **Refuse, decline, reject, and turn down** all mean that you do not do something that you are asked to do (opposite **agree to**), or do not take something that you are offered (opposite **accept**). You can **refuse** or **decline** an invitation; **refuse** permission; **decline, reject, or turn down** a suggestion; **refuse, decline, reject, or turn down** an offer; **reject or turn down** a plan or proposal. 2 **Decline** is more polite than **refuse** and not so firm. Compare *I'm afraid I must decline your invitation/decline to answer that question* and *The*

re-gret¹ /rɪ'gret/ v -tt- [T] 1 to feel sorry about (a sad fact or event, a mistake one has made, etc.), and wish it had not happened or was not true: *Later on, I regretted my decision not to take the job.* | [+v-ing] *We've always deeply regretted selling the farm.* | [+that] (polite) *I regret that I will be unable to attend.* | (in making threats) *Don't tell the police about this — or you'll regret it!* 2 fml to be sorry that one has lost; miss very much: *I don't mind living in the city, but I do regret my horse!* 3 I **We regret to say/to inform you/to tell you** fml (used when bad news is to follow): *We regret to inform you that you owe the bank £100.* 4 **I only regret that I have but one life to lose for my country** quote a phrase used by the American Nathan Hale

regret² n [U (at)] a feeling of sorrow or unhappiness, often mixed with disappointment (at the loss of something, at a sad event, etc.): *We decided, with some regret, with great regret that we could not offer him the job.* | *I feel no regret at her absence.* | *The prime minister expressed her regret at the failure of the talks.* | **Much to my regret** (=I am sorry to say), *I am unable to accept your invitation.* —see also REGRETS —ful adj : *She said goodbye to her old home with many regretful glances.* —fulness n [U]

re-mem-ber /rɪ'membə/ *v* [not usu. in progressive forms] 1 [I;T (as)] to (be able to) bring back to one's mind (information, past events, etc.); keep in the memory: "What's her name?" "I can't remember." | I'll always remember that wonderful day. | I remember her as (=I think she was, if my memory is correct) rather a tall

woman. | (+that) She suddenly remembered that she had not locked the door. | (+wh-) Can you remember where he lives/how to get there? | (+v-ing) I don't remember agreeing to that. | Certainly I posted your letter - I remember posting it. | (+obj+v-ing) Do you remember me asking you that same question? 2 [I (about);T] to take care not to forget. Did you remember that book I asked you for? (=have you got it for me?) | You will remember about watering the plants, won't you? | (+to-v) "You will remember to post my letter, won't you?" "Yes, I'll remember." | Please remember to water the plants while I'm away. -opposite forget (for 1,2) 3 [T] often euph to give money or a present to: She always remembers me at Christmas. | He remembered me in his will. (=left me some money after his death) 4 [T] to think about with special respect and honour: On this day we remember the dead of two world wars. | I remember you in my prayers. (=pray for you) 5 Remember, remember, the fifth of November, gunpowder, treason, and plot quote the first lines of a children's poem about the plan by Guy Fawkes and others to destroy the Houses of Parliament by an explosion - see also GUY FAWKES NIGHT 6 we will remember them a phrase used esp. during the religious service at Remembrance Day in Britain, when people remember those who died in the two world wars

▷ USAGE Note the difference between remember +v-ing and remember +to-v. I remember locking the door as I left the house. (=I locked the door and can call this event to mind now.) | I remembered to lock the door as I left the house. (=It was in my mind then that I must lock the door, and I locked it.)

remember sbdy. to sbdy. *phr v* [T] *infml* to send greetings from (someone) to: Please remember me to your mother. | He asked to be remembered to you.

re-sent /rɪ'zent/ *v* [T] to feel anger and dislike about (something that hurts, offends, or annoys one strongly) | bitterly resent her attempts to interfere in work. | (+v-ing) I resent having to get his permission everything I do. - **ful** *adj*: She gave him a resentful look. - **fully** *adv* - **fulness** *n* [U]

run out *phr v* 1 [I] to come to an end, so that there is no more; be completely used up: Our food soon ran out. | Have you nearly finished? Time is running out. 2 [I (of)] to use all one's supplies; have no more: "Can you give me a cigarette?" "Sorry, I've run out." | I'm afraid we've run out of petrol. | I'm running out of patience. 3 [T usu. pass.] (run sbdy. ←out) (in cricket) to cause (a player who is in the middle of making a RUN² (10a)) to have to leave the field by hitting with the ball the WICKET towards which he is running

run sbdy. out of sthg. *phr v* [T] *infml* to force to leave (a place): They ran him out of town.

run out on sbdy./sthg. also **walk out on** sbdy./sthg. - *phr v* [T] *derog* to leave or desert (someone or something one is responsible for): He ran out on his wife

shave¹ /ʃeɪv/ *v* 1 [I;T (OFF)] to cut off (a beard or face hair) close to the skin with a RAZOR or shaver: I cut myself while I was shaving. | I've decided to shave off my beard. 2 [T] to cut off hair from the face of: The barber shaved him. 3 [I+adv/prep;T] to cut all the hair from (a part of the body): She shaves her legs and under her arms. 4 [T (OFF)] to cut off (very thin pieces) from (a surface): I shaved (a few millimetres from) the bottom of the door to make it close properly. | (fig.) The production costs are very high - can't you shave anything off the price? | She shaved a few milliseconds off her previous lap record. 5 [T] *infml* to come close to or touch in passing: The car just shaved the wall while it was cornering.

shave² *n* [usu. sing.] an act or result of shaving: I'm just going to have a shave. | You can't get a good close shave (=that cuts the hair close to the surface of the skin) with an electric shaver. | a wet shave (=with shaving cream, etc.) - see also CLOSE SHAVE

sol-dier¹ /'səʊldɪə/ *n* 1 someone who serves in the military forces of a country; a member of an army, esp. one who is not an officer: The soldier saluted. | Stand to attention, soldier! 2 old soldiers never die (they simply just fade away) a phrase from a humorous British army song of the First World War - compare SAILOR; see also MILITARY SERVICE, SOLDIERS, UNKNOWN SOLDIER

soldier² *v*

soldier on *phr v* [I] *esp. BrE* to continue working; work steadily, esp. in spite of difficulties: He doesn't like the job but he'll soldier on until they can find a replacement for him.

stoop¹ /stʊ:p/ *v* [I] 1 (DOWN) to bend the upper body forwards and down: I had to stoop (down) to go through the low doorway. 2 [I] to stand habitually with the back and shoulders bent forwards: He used to stoop, but he did exercises to make his shoulders straight.

stoop to sthg. *phr v* [T] to fall to a low standard of behaviour by allowing oneself to do (something): She'd stoop to anything to get her own way. | (+v-ing) I know you'd never stoop to lying.

stoop² *n* [S] a habitual position with the shoulders bent forwards or rounded: He's developed a stoop in his old age.

stoop³ *n* *AmE dial* a raised area at the door of a house, esp. one big enough for people to sit on; PORCH

trigger¹ /'trɪgə/ *n* a small piece of metal pressed by the finger to fire a gun: to pull the trigger - see also HAIR TRIGGER, and see picture at GUN

trigger² *v* [T (OFF)] to start or cause (esp. a number of events, often of an undesirable kind, that happen one after the other): Large price increases could trigger demands for even larger wage increases. | The successful hijacking triggered a spate of terrorist activity.

trigger³ *adj* 1 too ready to shoot; ready to

walk¹ /wɔ:k/ *v* 1 [I] to move along on foot in a natural way, in such a way that one foot is always touching the ground: *Walk, don't run!* | *When it's a nice day I walk to work, otherwise I go by bus.* | *We must have walked ten miles today.* | *Walking is a good form of exercise.* | *The old lady walked slowly round the garden.* | *He walked along the edge of the cliff.* | *I walked up to him and held out my hand.* 2 [T] to pass over, through, or along on foot: *She'd walked the streets all night looking for somewhere to stay.* | *He does a circus act, walking the tightrope.* | *How far is the station, can I walk it (=is the distance short enough to walk) or shall I call a taxi?* 3 [T+obj+adv] *prep* to go on foot with (someone) to a stated place: *I'll walk you home to the bus stop.* 4 [T] to take (an animal) for a walk; exercise: *He's walking the dog.* 5 [I] (of a spirit) to move about in a form that can be seen 6 [T+obj+adv] *prep* to cause to move in a manner suggesting a walk: *Let's walk the heaviest ladder to the other end of the room.* 7 [I;T] (in BASEBALL) to be allowed to go to the first of four points (BASES¹ (6)) because the PITCHER² has thrown four balls outside the area he is aiming at: *The pitcher was taken out of the game after walking four batters in a row.* | *Garvey walked to first base.* 8 **walk on air** *infrm* to be extremely happy: *"Is he pleased?" "Yes - he's walking on air!"* 9 **walk someone off their feet/legs** *infrm* to tire someone by making them walk too much 10 **walk tall** *infrm* to feel very confident; be justly proud of oneself 11 **walk the plank** to be forced, esp. by PIRATES in former times, to walk along a board laid over the side of a ship until one falls off into the sea

walk away from sbdy./sthg. *phr v* [T] 1 to come out of (an accident) unhurt or almost unhurt 2 *AmE infrm* to run faster than or defeat without difficulty: *My horse just walked away from all the others in the race.* —see also WALKAWAY, WALK OFF WITH

walk into sthg. *phr v* [T] 1 to get caught by (something) through carelessness: *He walked right into our trap.* 2 to obtain (a job) very easily

walk off/away with sthg. *phr v* [T] *infrm* 1 to steal and take away 2 to win easily: *He walked off with first prize.*

walk out *phr v* [I (of)] 1 to leave suddenly, esp. as an expression of disapproval 2 to go on STRIKE —see also WALKOUT

walk out on sbdy./sthg. *phr v* [T] *infrm* to leave suddenly, esp. in a time of trouble; desert: *He just walked out on his wife and family without saying a word!*

walk over sbdy./sthg. *phr v* [T] *infrm* 1 to treat badly: *Don't let your husband walk (all) over you like that; stand up to him!* 2 to win without difficulty against: *Our team just walked over the opposition.* —see also WALKOVER

walk sthg. through *phr v* [T] to practise (e.g. a part in a play) before the performance; REHEARSE (1): *Let's walk through this scene and see how long it takes.* | *I'd like to walk through this evacuation procedure with you before I do it on my own.* —see also WALK-THROUGH

walk up *phr v* [I *usu. imperative*] *infrm* (used when inviting people to come in and see a performance, esp. outdoors, such as a CIRCUS) to enter: *Walk up, ladies and gentlemen!*

walk² *n* 1 [S] a natural way of moving on foot in which a person's feet are lifted one at a time, in such a way that one foot is always touching the ground: *He set off at a brisk walk.* 2 [S] the movement of creatures with four legs in which there are always at least two feet on the ground: *He slowed the horse into a walk.* 3 [C] a *usu.* short journey on foot, esp. for exercise or pleasure: *Let's go for/take a (short) walk.* | *She's taken the dog for a walk.* | *a ten-mile walk* | *a sponsored walk* | *a space walk* 4 [C] a place, path, or course for walking: *There are some beautiful walks in Sussex.* 5 [S] a distance to be walked: *The station's just a few miles' walk/a ten-minute walk from here.* 6 [S] the manner or style of walking: *His walk is just like his father's.* | *an odd walk* —see also WALK OF LIFE 7 [C] (in BASEBALL) the going to the first of four points (BASES¹ (6)) without having to hit the ball because the PITCHER² has thrown four balls outside the area he must aim at: *The pitcher threw four walks in a row before being removed from the game.*

John. —see NOT (USAGE)

wash¹ /wɒʃ||wɔ:ʃ, wɔ:f/ *v* 1 [T] to clean with liquid: *She*

wash

1478

washed her hands in hot water/with soap and water. | *This shirt needs washing.* | *Wash these marks off (the wall), will you?* —see also WASHING 2 [I] also **wash up** *AmE*— to clean oneself or a part of one's body, esp. one's face and hands, with liquid: *She washed and then went to bed.* | *You haven't washed behind your ears.* 3 [I+adv] *prep* to be able to be cleaned with liquid without damage: *This fabric doesn't wash well.* 4 [T+obj+adv] *prep. esp. AWAY*— to carry by the force of moving water: *farm animals and crops washed away by floods* 5 [I (against, over);T] *esp. lit* to flow against or over (something) continually: *The waves washed (against) the shore/washed over the deck.* 6 [I (with) *usu.* in questions and negatives] *infrm* to be able to be believed: *His story just won't wash (with me).* 7 **wash one's dirty linen (in public)** to make unpleasant subjects public which ought to be kept private 8 **wash one's hands of** *infrm* to refuse to have anything more to do with or accept responsibility for: *I've washed my hands of the whole affair.* 9 **wash your mouth out!** (a phrase said to someone who has just sworn or said something rude)

▷ USAGE Compare **wash** and **clean**. If you **wash** something you remove dirt from it using a liquid, usually water. If you **clean** something you remove dirt from it by any method — using a cloth, a brush, chemicals, water, etc. —see also CLEAN (USAGE)◀
wash sthg. ↔ down *phr v* [T] 1 to clean (something large) with a lot of water: *She washed down the car/the walls/the yard.* 2 [(with)] to swallow (food or medicine) with the help of liquid: *We washed down our steak and chips with a glass of wine.*

wash sthg. ↔ out *phr v* [T] 1 to cause to become free of an unwanted substance, such as dirt: *Wash that cloth out for me.* 2 to destroy or prevent by the action of water: *The cricket match was washed out by rain.* —see also WASHED-OUT, WASHOUT

wash out of sthg. *phr v* [T] *AmE infrm* to fail or not be allowed to continue: *He washed out of college after a year.*

wash up *phr v* 1 [I] *esp. BrE* | **do the dishes** *AmE*— to wash the dishes, plates, knives, forks, etc., after a meal —see also WASHING-UP 2 [I] *AmE for WASH¹ (2)* 3 [T] (wash sthg. ↔ up) (of waves) to bring in to the shore: *The sea washed up the body of the drowned sailor.* —see also WASHED-UP

wash² *n* 1 [S] an act of washing: *Go upstairs and have a wash.* | *Give the car a good wash.* 2 [C] a place where vehicles are washed: *a car wash* 3 [S;U] a movement of water caused by the passing of a boat —compare WAKE² 4 [(the) S] the flow, sound, or action of a mass of water: *the wash of the waves against the rocks* 5 [C;U] also **wash drawing**— (a) drawing made in water paint of one colour 6 *AmE for WASHING* 7 || *AmE* also **dry wash**— a river bed that has no water most of the time 8 **come out in the wash** *infrm* a (of something shameful) to become known b to turn out all right in the end: *Don't worry; it'll all come out in the wash!* 9 **in the wash** being washed: *Your blue shirt is in the wash.*

wash³ *adj* [A] *AmE infrm* washable: *wash cotton*

Wa

Anexos II – Verbetes do MDI (1994)

assumir v. 1. to assume. 2. to take over. 3. to shoulder, take upon o. s. 4. to enter upon or accede to an office. 5. to arrogate.
 ~ o comando to take over the command. ~ a responsabilidade to assume, shoulder the responsibility. ~ o risco to take the risk.

baixar v. 1. to lower, let (send, bring) down. 2. to shorten, make or become shorter. 3. to incline, stoop, droop. 4. to step or go down, pass from a higher to a lower place, turn down, come down. 5. to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline. 6. to look down, cast down (eyes). 7. to bow, bend (the head, knees, etc.). 8. to reduce, humble, abase, degrade, humiliate, subdue. 9. (mus.) to sing or play in a lower tone, or more softly. 10. to travel down-stream (on a river-boat). 11. to set, sink below the horizon (sun, stars). 12. to issue (orders). 13. to return to inferior authorities or departments for further revision. 14. (law) to return to a lower court. 15. to throw a horse or cattle (as for branding). 16. to fall, slump. 17. ~se: a) to bow, bend, stoop. b) to humble, humiliate o. s.

~ o rádio to tune down the radio. **baixei rapidamente as escadas** I came rapidly downstairs. **ela baixou a bainha** she shortened the hemline. **ela baixou os olhos** she cast down her eyes. **ele baixou os preços** he reduced the prices. **ele baixou-se e pediu perdão** he humiliated himself and asked for pardon. **eles ~am a bandeira** they struck the colours. **a enchente vai baixando** the flood abates, is abating. **o menino baixou a cabeça** the boy inclined his head, ducked his head. **o ministro baixou um ofício** the minister issued a decree. **sua influência baixou muito** his influence diminished considerably. **O Supremo Tribunal baixou os autos à primeira instância** the Supreme Court of Appeal returned the pleading to the (Court of the) first instance. **a temperatura baixou** the temperature fell.

impedir v. 1. to impede, hinder. 2. to hamper, obstruct. 3. to block, check, bar. 4. to countercheck, counteract. 5. to restrain, encumber, deter. 6. to fetter, shackle. 7. to thwart. 8. to inhibit. 9. to intercept, interfere. 10. to prevent. 11. to oppose. 12. to discourage.
a chuva impediu sua vinda the rain prevented his (her, their) coming. **impedimos que ele o fizesse** we kept him from doing it. **assim ~am o crescimento da planta** thus they stunted the plant.
Impeditivo adj. impeditive, obstructive, impeding, preventive.

pretender v. 1. to pretend: a) claim, demand, come in for. b) aspire, wish, aim at, stand for, expect. c) intend, contemplate, purpose, think, mean, assume. 2. to assert, affirm. 3. ~se to pass o. s. off for.
 ~ uma mulher to suit, woo, court a woman. **ele pretende viajar amanhã** he expects to leave tomorrow. **o que é que ele pretende?** what is he driving at? **você pretende ficar?** do you intend to stay? **você sabe o que pretende fazer?** do you know what you are about?

realizar v. 1. to realize. 2. to bring to pass, carry through, put into practice. 3. to fulfil, achieve, accomplish. 4. to consummate. 5. (com.) to transact, convert into cash. 6. to perceive, recognize as fact. 7. ~se to happen, come about, take effect. 8. to produce, create.
a reunião realizou-se em the meeting was held at. **ele conseguiu ~ os seus planos** he went through

with his plans. **precisaram ~ todo o capital necessário** they had to raise all the necessary money.
realizável adj. m. + f. [pl.áveis] realizable, achievable, accomplishable, possible.

Anexos II – Verbetes do MMD (2006)

a.ca.bar [akab'ar] vt+vint **1** to finish, end, terminate. *acabou em casamento* / it ended in marriage. *acabou em nada* / it ended in nothing. *acabou que ele se decidiu* / it ended in his deciding. *ele acabou comendo o bolo* / he ended by eating the cake. **2** to conclude, complete. **3** to accomplish, achieve. **4** to cease, come to an end. **5** to be over. *ainda bem*

que já acabou / I am glad it is over. **6** to de cease, die. **7** to consume, use up. **8** to put out, extinguish. **9** to give the final touch. **10** to kill, destroy. **acabar a sua tarefa** to accomplish one's task. **acabar bem (mal)** to end well (badly), to have a good (bad) end. **acabar com alguém** **1** to have done with someone. **2** to kill someone. **acabar com alguma coisa** to put an end to a thing. **acabar em ponta** to taper. **acabar por (com, em) fazer, acabar fazendo** to end by doing. **acabarei com ele para sempre** I will have nothing to do with him any more. **acabar um trabalho** to finish, give the final touch to a work. **acabo de ver o meu amigo** I have just seen my friend. **acabou-se** it is all over. **acabou-se!** that will do!, call it a day! **como acabará tudo isto?** how will it all turn out? **é coisa de nunca acabar** it never comes to an end. **estar acabando** to come to an end. **nossa farinha está acabando** we are running short of flour. **os bobos nunca acabam** there is a sucker born every minute. **um nunca acabar de...** an unending... (ceaseless).

a.com.pa.nhar [akõpa'ar] vt+vint+vpr **1** to accompany: a) come or go along with. b) escort. c) follow. d) wait on, attend. e) *Mús* execute an accompaniment. *ela acompanha a moda* / she follows the fashion. *ele acompanhou-a à casa* / he escorted her home. *estava acompanhado de circunstâncias dolorosas* / it was attended with painful circumstances. **2** to watch, observe. **3** to have the same ideas. **4** to join, unite, ally. **5** to sort, match. **6** to follow, understand. **7** to track, trace. **8** to come together, be associated to, attend. **9** **acompanhar-se** to have as one's attendance or company. **acompanhá-lo-ei para casa** I'll see you home. **acompanhá-lo-ei um pouco** / I will go a little way with him. **acompanham o meu passo** they kept up with me. **acompanhar alguém até a porta** to show someone out. **acompanhar de perto** to follow closely. **acompanhar o naipe** to follow the suit. **acompanhar uma canção ao piano** to accompany a song at the piano. **não acompanhamos a moda** we have not taken up with fashion. **o que é que acompanha isto?** what goes with it?

a.pre.sen.tar [aprezé'tar] vt+vpr **1** to present: a) to introduce. *apresentar um projeto de lei* / to introduce a bill. b) to show, feature. c) to display. *apresentamo-lo como candidato* / we proposed him as a candidate. d) to expose, exhibit, offer. e) to submit for consideration, propose. *o documento foi apresentado para assinatura* / the document was submitted for signature. **2** to suggest, recommend, advise. **3** to announce. **4** **apresentar-se**: a) to show up. *novas dificuldades apresentaram-se* / new difficulties arose. *uma vista estranha apresenta-se aos olhos* / a strange sight greets the eyes. b) to occur, come to mind. c) to seem, appear. d) to introduce oneself. **apresentar armas!** present arms! **apresentar desculpas** to apologize. **apresentar novamente** to re-present. **apresentar o seu alibi** to establish one's alibi. **apresentar seu pedido de demissão** to ask for one's leave, quit one's job. **apresentar uma petição.** to present, prefer a petition. **apresentar uma queixa** to enter an action, go to law. **apresentar um argumento** to put forward an argument.

as.su.mir [asum'ir] vt **1** to assume. **2** to take over. **3** to shoulder, take upon oneself. **assumir a responsabilidade** to assume responsibility. **assumir o comando** to take over the command.

bai.xar [baj'ar] vt+vint+vpr **1** to lower, let (send, bring) down, put down. *ele baixou os preços* / he reduced the prices. **2** to shorten, make or become shorter. **3** to incline, stoop, droop. *o menino baixou a cabeça* / the boy inclined his head, ducked his head. **4** to step or go down, pass from a higher to a lower place, turn down, come down, dismount. *baixei rapidamente as escadas* / I came rapidly downstairs. **5** to lessen, diminish, abate, ebb, subside, decrease, decline. *a enchente vai baixando* / the flood abates, is abating. *sua influência baixou muito* / his influence diminished considerably. **6** to look down, cast down (eyes). *ela baixou os olhos* / she cast down her eyes. **7** to bow, bend (the head, knees, etc.). **8** to reduce, humble, abase, degrade, humiliate, subdue. *ele baixou-se e pediu perdão* / he humiliated himself and asked for pardon. **9** *Mús* to sing or play in a lower tone, or more softly. **10**

to travel down-stream (on a river-boat). **11** to set, sink below the horizon (sun, stars). **12** to issue (orders). *o ministro baixou um ofício* / the minister issued a decree. **13** to return to inferior authorities or departments for further revision. **14** *Dir* to return to a lower court. *o Supremo Tribunal baixou os autos à primeira instância* / the Supreme Court of Appeal returned the pleadings to the (Court of the) first instance. **15** to throw a horse or cattle (as for branding). **16** to fall, slump. **17** **baixar-se**: a) to bow, bend, stoop. b) to humble, humiliate oneself. *a temperatura baixou* / the temperature fell. *ela baixou a bainha* / she lengthened the hemline. *eles baixaram a bandeira* / they struck the colours. **baixar à sepultura** to be buried. **baixar ao hospital** to be hospitalized. **baixar o pano** to lower the curtain. **baixar o rádio** to turn down the radio.

im.pe.dir [ipéd'ir] vt **1** to impede, hinder. **2** to hamper, obstruct. **3** to block, bar. **4** to countercheck, counteract. *impedimos que ele o fizesse* / we kept him from doing it. **5** to restrain, encumber, deter. **6** to intercept, interfere. **7** to prevent. *a chuva impediu sua vinda* / the rain prevented his (her, their) coming. **8** to oppose.

pre.ten.der [pretéd'er] vt+vint+vpr **1** to intend, assume, mean, plan, purpose. *you intend to stay?* / *do you intend to stay?* *you know what you intend to do?* **2** to aspire, wish, aim at, stand for, expect. *ele pretende viajar amanhã* / he expects to leave tomorrow. *o que é que ele pretende?* / what is he, driving at? **3** to assert, affirm. **4** **pretender-se** to pass oneself off for. **pretender uma mulher** to suit, woo, court a woman.

re.a.li.zar [realiz'ar] vt+vpr **1** carry out, effect, carry through, put into practice. *ele conseguiu realizar os seus planos* / he went through with his plans. **2** to fulfil, achieve, accomplish, realize. **3** to consummate. **4** *Com* to transact, convert into cash. **5** **realizar-se** to happen, come about, take effect, take place, come true. *seus sonhos se realizaram* / her dreams came true. *a reunião realizou-se em* / the meeting was held at. **6** to produce, create.

Anexos II - verbetes do MDP (2000)

as.su.a.da s. f. 1. gang, mob. 2. riot, uproar. 3. vociferation, tumult, rout, hurly-burly.

as.su.mir v. 1. to assume. 2. to take over. 3. to shoulder, take upon o. s. 4. to enter upon or accede to an office. 5. to

arrogate.

is.sun.ção s. f. (pl. -ões) 1. assumption. 2. promotion.

bai.xar v. 1. to lower, let (send, bring) down. 2. to shorten. 3. to incline, stoop, droop. 4. to step down, pass from a higher to a lower place, come down. 5. to lessen, diminish, abate, ebb. 6. to look down, cast down (eyes). 7. to bow, bend (the head, knees, etc.). 8. to reduce, humble, degrade, humiliate. 9. (mus.) to sing or play in a lower tone. 10. to travel down-stream (on a river-boat). 11. to set (sun, stars).

12. to issue (orders). 13. to return to inferior authorities for further revision. 14. (law) to return to a lower court. 15. to throw a horse or cattle (as for branding). 16. to fall (temperature). 17. *~se* a) to bow, bend. b) to humble, humiliate o.s.

~ o rádio to tune down the radio. *ele baixou os preços* he reduced the prices. *eles ~am a bandeira* they struck the colours. *a temperatura baixou* the temperature fell.

im.pe.dir v. 1.-to impede, hinder. 2. to obstruct. 3. to check, bar. 4. to restrain, deter. 5. to fetter. 6. to intercept. 7. to prevent.

im.pe.di.ti.vo adj. impeditive, impeding.

im.ne.lir v. 1. to immerse 2. to rush on 3. to throw down 4.

pre.ten.der v. 1. to pretend: a) claim, demand, come in for. b) aspire, wish, aim at, stand for, expect. c) intend, contemplate, purpose, think, mean. 2. to assert, affirm. 3. *~se* to pass o.s. off for.

re.a.li.za.do adj. realized, accomplished.

re.a.li.zar v. 1. to realize. 2. to put into practice. 3. to achieve, accomplish. 4. to consummate. 5. (com.) to transact. 6. to perceive. 7. *~se* to happen, come about, take effect. 8. to produce, create.

re.a.li.za.bil v. f. (col. -veis) realizable.

Anexos II - Verbetes do CP (1997)

baixar [baj'ja*] vt to lower; (*bandeira*) to take down; (*ordem*) to issue; (*lei*) to pass; (*COMPUT*) to download ♦ vi to go (*ou come*) down; (*temperatura, preço*) to drop, fall; (*col: aparecer*) to show up; ~ **ao hospital** to go into hospital.

Anexos II – Verbetes do WPED (2005)

acabar (*v.t.*) to end, conclude, terminate, finish; to bring to an end, close, wind up; to put an end to; to kill, destroy; to consume, use up, exhaust; to put finishing touches on, polish, perfect; (*v.i., v.r.*) to come to an end; to die.—**com**, to end or put an end to.—**de**+an infinitive =to have just+a past participle; e.g., **Ele acaba de matar um homem**, He has just killed a man.—**em**, to end up in; e.g., **Isto acaba em briga**, This will end up in a fight.—**mal**, to end up badly; come to no good; come to grief.—**por**, to end up by (doing something). **Acabe com isso!** Stop that! have done with it! **Acabo de vê-lo**, I have just seen him. **Acabou-se**, It is all over, finished; that's all, there is no more. **Acabou por comprá-lo**, He finally bought it. **Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe**, It's a long lane that has no turning. **para—com isso (com o assunto)**, to end it (the matter) once for all. **que não acaba mais**, endless.

acompanhar (*v.t.*) to accompany (all senses); to escort; to keep up with.—**ao piano**, to accompany at the piano.—**de perto**, to follow closely.
acompridar (*v.t.*) to stretch, make longer; (*v.r.*) to stretch

apresentar (*v.t.*) to present, introduce, make known; to exhibit, offer; to present to view; to submit, refer; to show, reveal; to expound, explain; (*v.r.*) to present oneself; to appear.—**argumentos**, to present arguments, offer reasons.—**credenciais**, to present one's credentials.—**defesa**, to offer a defense (in court).—**desculpas**, to offer apologies.—**os seus respeitos (as suas homenagens)**, to pay one's respects.—**provas**, to present evidence, offer proof.—**se bem**, to make a good personal appearance, make a good impression.—**se como voluntário**, to offer oneself as a volunteer.

assumir (*v.t.*) to assume, take on; to take over; to take upon oneself; to take charge. [To assume, in the sense of taking for granted, is ADMITIR.]

assunção (*f.*) assumption; elevation to high office.—**de Nossa Senhora**, the Assumption of our Blessed Lady.

auroque (*m.*) the aurochs (*Bison bonasus*).
aurora (*f.*) dawn, daybreak, sunrise; beginning or rise of anything; advent; (*Bot.*) the cottonrose hibiscus (*H. mutabilis*), c.a. ROSA-DA-CHINA.—**boreal**, aurora borealis, ao romper da—, at break of day.

baixar (*v.t.*) to lower, drop, let down, bring down, take down; to lessen, reduce, decrease; (*v.i.*) to grow less, subside; to go down, descend; (*v.r.*) to stoop; to lower oneself.—**a cabeça**, to lower the head; fig., to submit, obey.—**à sepultura**, to lower to the grave.—**à terra**, to lower to the ground; also, to the grave.—**a vista**, os olhos, to lower the eyes.—**ao hospital**, to enter the hospital.—**um decreto, uma sentença**, etc., to hand down a decree, a sentence, etc.

confortador-dora (*adj.*) comforting; (*m., f.*) comforter [but only in the sense of one who consoles. A comforter (quilted bedcover) is ALCOCHOADO; the Comforter is ESPÍRITO SANTO; comforter, in the British senses of a woolen tippet is MANTA DE LÃ PARA O PESCOÇO, and of a baby's pacifier is CHUPETA DE CRIANÇA.]

confortante (*adj.*) comforting; = CONFORTADOR.

confortar (*v.t.*) to comfort, console.

confortativo (*m.*) a cordial or tonic.

confortável (*adj.*) comfortable, snug.

conforto (*m.*) comfort, ease; well-being; consolation.

confrade (*m.*) confrère, colleague.

espinhela (*f.*) a popular term for the lower part of the breastbone (xiphisternum).—**caída**, (*colloq.*) any of various ailments or pains in the chest popularly supposed to be caused by a falling of the breastbone.

gosto (*m.*) sense of taste; taste, flavor, savor; relish; discrimination, culture; elegance; manner, style; liking; joy, delight, pleasure. **a—**, at ease. **Esteja a—**, Make yourself at home. **ao—de**, in keeping with; in the manner of. **com todo o—**, gladly. **desagradável ao—**, unpleasant to the taste, unpalatable. **fazer—**, to please, be a pleasure. **Sobre—s não se discute**, There's no accounting for tastes.

impedimento (*m.*) impediment; stumbling-block; cumbrance; (*Soccer*) offside.—**dirimente**, (*Law*) diriment impediment.—**impediente or proibitivo**, (*Law*) prohibitive impediment.

impedir (60) (*v.t.*) to impede, hinder, obstruct; to keep back, restrain; to balk, thwart; to preclude, prevent (**de**, from).

incumbir (*v.t.*) to commit, assign, entrust (**a, to**); to put in charge (**de**, of); (*v.i.*) to devolve upon, be the duty of.—**se de**, to take upon oneself; to undertake to.

incunábulo -**la** (*adj.*) incunabular; (*m.*) incunabulum.
incurabilidade (*f.*) incurability.

intercorrente (*adj.*) intercurrent.

intercorrer (*v.i.*) to run or come between (**as**, a river).

intercostal (*adj., Anat.*) intercostal.

intercultural (*f.*) intercultural.

intercurso (*m.*) intercourse.

pretender (*v.t.*) to pretend, lay claim to; to aspire to, aim at; to intend, mean, purpose.—**a mão de**, to aspire to the hand of. [To pretend, in the sense of feign, sham, make believe, is FINGIR, SIMULAR, FAZER DE CONTA.]

produzir (36) (*v.t.*) to produce; make, manufacture; to bring about; to cause to be or to happen; to bring forth; to generate, beget; (*r.i.*) to produce, bear, yield.
produtível (*adj.*) producible.

pselismo (*m.*) pselism(us).

pseudépigrafo (*m., Biol.*) pseudépigraph.

pseudo-ácido (*m., Chem.*) pseudo acid.

pseudobase (*f., Chem.*) pseudo base.

pseudobulbo (*m., Bot.*) pseudobulb.

pseudocarpe (*m., Bot.*) pseudocarp.

pseudociência (*f.*) pseudoscience.

pseudocotiledone (*m., Bot.*) pseudocotyledone.

pseudocrometela (*f., Bot.*) pseudocrometela.

realizar (*v.t.*) to realize, effectuate, fulfill, carry out, accomplish, bring to pass; to convert (checks, etc.) into actual money; (*v.r.*) to take place, come true. [To realize,

in the sense of understanding clearly, is PERCEBER, COMPREENDER.]

realizável (*adj.*) realizable; achievable.

realmente (*adv.*) really, actually, indeed; regally, royally.

render (*v.t.*) to render (**a, to**); to subdue, conquer; to take the place of, relieve; to produce, yield (profits, etc.); to give rise to; to lay down (arms); (*v.i.*) of a job, business, investment, etc., to pay; to produce income or profit; to rend, split (as a mast); to suffer a rupture; (*v.r.*) to surrender.—**a alma**, or—**o espírito**, to give up one's soul (die).—**a sentinela**, to relieve the guard.—**graças**, or—**agradecimentos**, to render thanks (**a, to**).

rendição (*f.*) surrender. [But not rendition, which is INTERPRETAÇÃO, EXECUÇÃO.]